

# 11.º Festival do Folclore

Anuário do Departamento de Folclore, da Comissão Municipal de Folclore e do Museu de História e Folclore.

OLÍMPIA, 15 DE AGOSTO DE 1975 — ANO V — DIRETOR: JOSÉ SANT'ANNA



# ANUÁRIO DO FOLCLORE

(ANO V — AGOSTO DE 1975 — N.º 5/6)

(ÓRGÃO OFICIAL DO DEPARTAMENTO DE FOLCLORE, COMISSÃO MUNICIPAL DE FOLCLORE E MUSEU DE H. E FOLCLORE-OLÍMPIA)

Expediente: Rua Bernardino de Campos, n.º 900 - Caixa Postal: 60 - 15 400 - OLÍMPIA - (SP)



DIRETOR: PROF. JOSÉ SANT'ANNA

Publicado, em agosto, o Anuário do Folclore acolhe artigos dos membros do Departamento de Folclore, da Comissão Municipal de Folclore e do Museu de História e Folclore de Olímpia, bem como trabalhos solicitados aos folcloristas brasileiros.

## Sumário

O Folclore de Olímpia  
Que é Folclore?  
Mês de Agosto - Mês do Folclore  
Fórmulas de Escolha  
Medicina Folclórica de Antanho  
A Arte Brota da Palha de Milho  
O Folclore em Selos Postais  
O Folclore nas Escolas Brasileiras  
Folclore e Televisão  
Folc-comunicação  
Reis de Boi  
Samba do Véio  
Rossini Tavares de Lima  
Olímpia e Seu Folclore Musical  
Noticiário

Nossa Capa: Congada de Santo Antônio da Alegria (SP),  
cujo capitão é o senhor João Domingos

Os conceitos emitidos em trabalhos assinados são da responsabilidade exclusiva de seus autores.



# O FOLCLORE DE OLÍMPIA

Creemos que os fatores que mais concorreram para que José Sant'anna se tornasse folclorista foram, sem dúvida, o gosto pelo estudo de idiomas, a tendência vocacional (não de todo aproveitada) para a música, a formação religiosa e, sobretudo, a meninice e parte da adolescência transcorridas num pequeno núcleo urbano, com características rurais, onde o folclore era como algo vivo e dominante.

Recentemente, estivemos revivendo as suas primeiras tentativas, no trato dos fenômenos folclóricos. Os passos iniciais, ainda vacilantes, não o levaram, felizmente, a desistir da jornada. É bom que ele próprio fale dessa época:

«Há muito pensávamos, desde os bons tempos do Colégio Olímpia, em 1957, criar em nossa cidade um órgão que pudesse proteger e divulgar o folclore de nossa região. Começamos com uma série de palestras acerca da importância dessa ciência. Fizemos algumas coletas. Montamos uma exposição (muito humilde). Em 1958 repetimos o mesmo trabalho acrescido de algumas pesquisas de campo, realizadas por estudantes de grau mais adiantado e uma exposição nas vitrinas de «A Triunfal Modas». Em 1959 a exposição foi para a «Camisaria das Fábricas». Nos anos de 1960, 1961, 1962 e 1963 as exposições foram montadas internamente no referido Colégio Olímpia (hoje extinto). Em 1964 levamos, novamente, nossa exposição ao público, instalando-a, desta vez, na Exposição de Móveis Bandeirantes. Nessa ocasião já estava mais ampliada». (1)

De fato, ele começou por reunir material para exposições folclóricas, a fazer pesquisas e, em seguida, a registrar tudo quanto brotasse da alma simples e ingênua dos humildes filhos do sertão. Tal era o encanto que encontrava naquele tesouro valioso, porém, dissipável que se decidiu a estudá-lo e a dedicar-lhe todas as suas horas disponíveis (2). É bom frisar que ele não teve mestre, nem orientador ou guia. Ao contrário, foi o seu entusiasmo pelo folclore que acabou por contagiar seus antigos professores, os quais, passaram, então, a consagrar também parte do tempo àquele ramo do saber humano. Mas nenhum de nós conseguiu suplantá-lo em dedicação, esforço e conhecimentos.

Não tardou muito a colher os melhores resultados de suas pesquisas e de seus estudos. Em 1965 realizou o primeiro Festival Folclórico, com exposição montada na «Taba do Carajá», a participação de Ely Camargo, notável intérprete das nossas músicas e encerrado com um magnífico desfile. Pela mesma época ou mais precisamente a 17 de agosto de 1965, o governo federal baixou o decreto n.º 56 747, instituindo o «22 de agosto» como o «Dia do Folclore».

Dai por diante, não mais parou. Por intermédio de Ely Camargo travou conhecimento com o Dr. Rossini Tavares de Lima e, logo após, com a Profa. Laura Della Mônica, ilustres folcloristas, tornando-se a seguir, membro efetivo da Associação Brasileira de Folclore.

Em 4 de julho de 1966 criou o Departamento de Folclore de Olímpia, constituído de professores do ensino médio, cujo objetivo era incentivar o estudo do folclore e chamar a atenção para a sua extraordinária importância. Esse ano e os seguintes foram férteis em atividades de caráter cultural: cursos intensivos, conferências, exposições, etc. Em 1966, no Museu do Folclore do Ibirapuera foi criada

uma seção especial para Olímpia e 2.º Festival alcançou a mais larga repercussão.

Quando a 27 de julho de 1967, o governador Abreu Sodré, assinou o Decreto n.º 43 310, estabelecendo «agosto» como o «Mês do Folclore» já se preparavam os festejos do 3.º Festival da cidade, que contou também com a primeira exposição filatélica (1.ª Olimpex). Em 27 de setembro foram designados Rossini Tavares de Lima, José Sant'anna, Alfredo João Rabaçal, Hélio Damante e Laura Della Mônica para, sob a presidência do primeiro, constituírem a Comissão Estadual de Folclore e Artesanato.

Sucederam-se o 4.º, o 5.º e o 6.º festivais em 1968, 1969 e 1970, respectivamente, nos quais todos puderam notar que um esforço permanente de aprimoramento vinha animando cada vez mais o criador e organizador da Grande Festa. Dois discos tinham sido lançados, em 69 e 70, com melodias coletadas na região, sob o título «Olímpia e seu Folclore Musical». Os dois jornais da cidade circularam com variada matéria folclórica e, em 1970, o Tablóide da Nova Paulista brindou-nos com um número especial dedicado ao 6.º Festival. Em 8 de maio, o Governador do Estado por um decreto, oficializava «para fins de sua inclusão no Calendário Turístico do Estado a Festa do Folclore» que se realiza anualmente no município de Olímpia, no mês de agosto.

Durante o ano de 1971, três cursos foram organizados: «Iniciação à História de Olímpia» (de 22 a 30 de março), «Danças Folclóricas Brasileiras» (de 25 de junho a 7 de julho) e «Folclore e Literatura» (de 21 a 31 de julho). Nesse ano, pela primeira vez editamos o «Anuário» e o 7.º Festival contou, entre outras presenças ilustres, com a inimitável cantora Inesita Barroso.

Por ocasião do 8.º e do 9.º festivais, em 1972 e 1973, respectivamente, tornamos a editar o «Anuário», que no 10.º Festival, em 1974, deixou de ser publicado, por motivos alheios à nossa vontade.

Chegamos, agora, ao 11.º Festival Folclórico de Olímpia. O caminho percorrido foi longo, mas os resultados excelentes. O folclore tem tido ampla divulgação; os grupos folclóricos locais foram protegidos; estão salvos os restos de muitas melodias criadas pela gente da região e um museu existe em que são expostos alguns «testemunhos da sabedoria anônima das gerações passadas».

Quanto à Grande Festa de agosto, de início feita apenas com participação de grupos locais, recebeu com o passar do tempo a adesão de valerosos elementos de outros municípios do nosso Estado e, finalmente, de outras unidades federativas do país, como o distante Maranhão, a histórica Bahia, a vizinha Minas Gerais e outras. É a razão por que Olímpia pode orgulhar-se mais do que nunca, de ser a verdadeira «Capital do Folclore».

*Rothschild Mathias Netto*

(1) - José Sant'anna - Folclore - Festa de um povo que se entende (Anuário do 7.º Festival)

(2) - Rothschild Mathias Netto - O Criador dos Festivais e o Folclore (Anuário do 7.º Festival)

# QUE É FOLCLORE?

Prof.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Borges Ribeiro

(Assessora de Folclore do Programa de Ação Cultural do Ministério da Educação e Cultura)

## 1 - Quando e onde apareceu a palavra Folclore?

No dia 22 de agosto de 1846, em Londres, foi criada pelo arqueólogo inglês, William John Thoms que a propôs à revista *The Athenaeum*, para designar os registros dos cantos, das narrativas, dos costumes e usos dos tempos antigos. Thoms escolheu duas velhas raízes saxônicas: *Folk*, que significa povo, e *Lore*, saber, formando assim *Folk-lore*, sabedoria do povo. Com o decorrer do tempo, as duas palavras foram grafadas sem o hífen, formando uma só: *Folclore*, como foi usada no Brasil, até que a reforma ortográfica suprimiu a letra *k*, substituída, no caso, pela letra *c*, derivando a forma *Folclore*.

## 2- Que é povo?

A palavra povo, que usamos a toda hora, precisa ser bem compreendida, pois tem diversos sentidos, de que salientaremos os principais. Povo é a gente que, embora, de várias raças, possui um modo de vida comum e habita um mesmo território. Confunde-se com a idéia de nação. Assim nós falamos do povo brasileiro, do povo francês ou do povo alemão. Assim dizemos que os deputados são os representantes do povo. Povo pode ser também uma aglomeração de gente, quando se diz que havia muito povo numa festa ou numa manifestação. E, por fim, povo é a gente que pertence às camadas menos favorecidas, econômica, social e culturalmente, da sociedade, por exemplo, quando se diz que o povo fala errado. Neste último sentido, é que entendemos povo (em inglês *folk*) na concepção do folclore, a sabedoria do povo. E a expressão se usa também para indicar os grupos em estado mais simples e natural, de vida rudimentar. Os nossos índios por exemplo. Também estes nos interessam, pois muitos autores os fazem portadores de folclore.

## 3- Qual é a sabedoria do povo?

É tudo quanto o povo faz, pensa e sente. É a cultura do povo, cultura de *folk*, variável em suas manifestações conforme a herança de conhecimentos transmitida pelas gerações anteriores. É o comportamento, a atitude do homem diante de um fato, de uma pessoa, de um animal. Esse comportamento resulta de um conjunto de crenças e práticas que se ligam às atividades, às técnicas, às normas sociais.

## 4- Qual o conteúdo da sabedoria do povo?

O Folclore, sendo a sabedoria do povo, a cultura do povo, abrange todos os campos da vida humana, incluindo seus mitos e lendas, suas histórias, parlendas, adivinhas e provérbios, seus contos e encantamentos, suas juras, pregoes, xingamentos e gestos, e também suas danças, seus teatros, suas artes, seus instrumentos e cantigas, suas festas tradicionais, suas crenças e credices, sua magia, seus tabus e superstições,

sua medicina, seus rezadores e benzedores, suas trovas, desafios e romances, suas orações, seus brinquedos e seus jogos, suas técnicas populares, suas rendas, bordados, trançados e cestarias e sua cozinha.

## 5- Onde está o Folclore?

Está e se desenvolve entre o povo e nas sociedades naturais, como entre índios, esquimós, pigmeus, aborígenes. Mas não permanece nesses meios, sobe também à sociedade, influi nas camadas eruditas e ainda se projeta, como inspiração, nas letras e nas artes.

Como influência do Folclore nas camadas eruditas, podemos citar, dentre outras manifestações, as superstições (pessoais ou de classes, como as dos jogadores - de futebol e de carta - motoristas, aviadores, etc.), ora praticadas publicamente, ora em reserva. Entre as que não impõem qualquer pejo ao portador, destacamos o horror ao número 13, às sextas-feiras, ao gato preto, à coruja, o bater em madeira quando nomeadas certas pessoas que acredita dêem azar, fazer figa contra mau olhado, entrar com o pé direito na sala de aula em dia de exame, em avião, etc. Afora as superstições, que são incontáveis, vicejam francamente na sociedade práticas religiosas de cunho fetichista (homenagens à Iemanjá, doces de São Cosme e Damião) e uso intensivo de talismãs e amuletos.

Como fonte inspiradora, tem o Folclore vivificado obras literárias e artísticas. O movimento da revalorização da cultura popular teve início no começo do século passado, com o romantismo, e, assim, velhos temas musicais motivaram sinfonias e concertos, e as histórias, os usos e costumes, incorporados a romances e ensaios. Além do emprego desses contos e melodias na literatura e na música, os estudiosos pesquisaram as suas raízes, os caminhos e meios de transmissão, chegando, por vezes, a marcar como seus antepassados raças muito antigas e já hoje extintas.

No Brasil, o aproveitamento do Folclore começou no século passado em obras de José de Alencar e Gonçalves Dias, na música de Alexandre Levy e Alberto Napomuceno, que brilhantes nomes do século XX iriam continuar. Também as artes plásticas, o teatro e cinema se voltam para essa fonte de beleza inesgotável.

## 6- Como saber se um fato é folclórico?

O fato folclórico tem uma série de características próprias:

a) a primeira é o anonimato, isto é, não tem autor conhecido. Naturalmente tudo tem um autor, foi feito por alguém pela primeira vez, mas o nome desse alguém, desse autor, se perdeu através dos tempos, despersonalizando-se, assim, a autoria. A história de Dona Baratinha que se considerou muito rica ao encontrar um vintém e, por isso, saiu à procura de quem com

ela desejasse casar-se — nos parece, pelos seus elementos, essencialmente brasileira, pois o noivo é o nosso conhecido João Rato, que no dia do casório, por gula, morre num caldeirão que continha nossa feijoada. Mas, já havia sido registrada em uma coleção de estórias da Índia, há quase dois mil anos. Quem foi seu autor? Ninguém sabe. E quem inventou os brinquedos de roda com suas cantigas, as danças, as adivinhas, as trovas, os diatados? Quem disse, pela primeira vez: quem quer vai, quem não quer manda?

b) a segunda característica é a aceitação coletiva, é a aceitação do fato pelo povo e é essa aceitação que despersonaliza o autor. O povo, aceitando o fato, toma-o para si, considerando-o como seu, e o modifica e o transforma, dando origem a inúmeras variantes. Assim, uma estória é contada de várias maneiras, uma cantiga tem trechos diferentes na melodia, os acontecimentos são alterados e o próprio povo diz: «quem conta um conto, acrescenta um ponto». A mesma coisa acontece com as danças, os teatros, as técnicas. Tudo pode ser modificado, porque o povo dança, mas suas danças não têm regulamento, não são codificadas, tanto pode o conjunto de dançadores dar 3 voltas completas como apenas uma, a indumentária tanto pode ser rica e colorida como simples e ingênua. Há, contudo, uma certa estrutura que determina aquela dança, aquela estória, aquela indumentária, aquela cerâmica e as modificações não invalidam o modelo.

c) a terceira característica é a transmissão oral, isto é, a que se faz de boca em boca, pois os antigos não dispunham de outros meios de comunicação. Não havia imprensa, não havia, portanto, nem livros, nem jornais, todos os conhecimentos eram transmitidos oralmente. Essa forma de transmissão, a oral, ainda persiste em meios primitivos e no interior de nosso país, nos povoados distantes, nas vilazinhas esquecidas, nos bairros longínquos. Só se aprende, nessas circunstâncias, por ouvir dizer, e, no que se refere à técnica, feitura de aparelhos rudimentares, de rendas, de trançados, se aprende também por imitação, dispensado, muitas vezes, o ensinamento oral.

Na transmissão oral vive toda a história daquele grupo, daquele povo, e, em qualquer das modalidades particulares (lendas, contos com preceitos morais e normas de procedimento, narrativas imaginosas sobre a natureza e o sobrenatural, cantos, provérbios, parlendas, adivinhas, brinquedos, poesia, etc.) em conexão com o objetivo, facilita a apreensão e a conservação. A aquisição do conhecimento dá a cada qual a possibilidade de difundi-lo, de propagá-lo, cabendo, evidentemente, aos bem dotados, a responsabilidade maior nas cantorias, nas danças e nas técnicas, que se fixam pela prática freqüente, comunicação do exemplo e imitação espontânea.

d) a quarta característica é a tradicionalidade, não no sentido de um tradicional acabado, perimido, coisa passada, sem vida, mas de uma força de coesão interna que define o modelo do conglomerado, da região, do povo, e lhe dá uma unidade. Sem se poderem valer de outros expedientes, como professores, escolas, imprensa, as pessoas do povo se valem da tradição, veiculada pela transmissão oral, a fim de resolver suas situações, buscando na lição vinda do passado o que precisam saber no presente, já que suas possibili-

dades as endereçam mais à sabedoria constituída que à inventiva. A tradição, que é o modo vivo e atual pelo qual se transmitem os conhecimentos, não ensinados na escola, rege todo o saber popular, seja o desenvolvimento de um jogo, de uma dança, de uma técnica, seja uma atitude ante qualquer agente que exija definição de comportamento.

Essa força, que age no sentido de garantir a permanência dos valores de uma cultura, não segue seu destino nem cumpre sua missão sem lutas e empecilhos. Elementos de outras culturas a submetem a pressão, e isto provém de não ser absolutamente fechado o campo da cultura, antes, é um campo aberto onde se agitam as influências do próprio meio e as externas. Somente a inércia poderia retardar essas modificações, mas a cultura é viva, é dinâmica e sofre, evidentemente, impactos em todos os setores.

e) a quinta característica é a funcionalidade. Tudo quanto o povo faz tem uma razão, um destino, uma função. O povo nada realiza sem motivo, sem determinante estritamente ligada a um comportamento, a uma norma psico-religiosa-social, cujas origens talvez se perderam nos tempos. A dança, por exemplo, não é apenas uma repetição de gestos com feição harmoniosa. Inicialmente teria tido um destino, seja decorrente de rito religioso, seja de cerimônia do grupo, e, assim, deve ser vista como parte de um todo, da cultura do povo, é uma expressão a ser analisada como integrante de um contexto.

Por que o povo canta? Canta para rezar, canta para adormecer a criança, canta para trabalhar, canta para festejar as colheitas e os acontecimentos, canta para ajudar a morrer e para enterrar seus mortos. Mas não dá concertos, recitais, audições como os eruditos, as suas festas têm épocas marcadas, com seus cantos e danças próprios. Assim, o Natal é comemorado com grupos de Pastorinhas, Bailes Pastoris e Foliás de Reis; o Bumba-meu-boi aparece em datas distintas, variando conforme a região; Congadas e Moçambiques louvam a Senhora do Rosário e São Benedito, e ainda as Danças de São Gonçalo e de Santa Cruz, com destino certo.

## 7 - Devemos estudar o Folclore?

Sim, o estudo do Folclore é o estudo da própria alma de um país, é o estudo do modo de ser da gente do povo, das suas maneiras de pensar, de agir e de sentir, é o estudo da feição nacional nas suas bases mais profundas e mais características. É a cultura de folk, é a mentalidade do povo, é a lição que nos vem transmitida através das gerações, com todo saber empírico das gentes humildes que lastreiam a formação da nacionalidade, para a qual, no Brasil, contribuíram portugueses, índios e negros, cada um com seus usos, práticas e costumes.

Essa sabedoria não é uniforme, não é igual em todo o território, variando de um Estado para outro, pois sofre o impacto das heranças étnicas (às quais se juntam as contribuições de outras raças vindas com as correntes imigratórias) e das influências do meio, consideradas as exigências que as condições fisiográficas impõem ao homem, imprimindo normas e práticas indispensáveis à sua sobrevivência. Variam, assim, os modos de ser das gentes da beira-mar, do planalto, da montanha e do sertão, quer nos

tipos de moradia, de alimentação, de técnica, quer na feição espiritual. Não se viverá ao sul do País com o temor do boto, nem ao centro sob o encanto da sereia, nem na praia se cultuará o o Rei da Mata. O lavrador se cercará de crenças e superstições para o bom êxito de suas lavouras, outras serão as do pescador, do boia-deiro, do tropeiro, do garimpeiro.

Se não conhecemos a mentalidade do povo, toda reforma ou regulamentação em qualquer setor da vida humana será vazia e sem possibilidade de êxito. No campo da medicina, da religião, da agricultura, da técnica, ou em qualquer outro, a sementeira germinará se anteriormente o terreno foi estudado, conhecido, preparado.

## 8- Como pode o Folclore ser utilizado na escola?

Muitas ciências e disciplinas e artes estão intensamente ligadas ao Folclore, e, assim, a escola primária dele pode e deve servir-se, como excelente meio de transmissão de conhecimentos, ao mesmo tempo que revelador da cultura do povo.

A sua maior aplicação será no setor de Linguagem oral e escrita, com a amplitude dos contos, nos objetivos éticos, morais e estéticos a serem por meio deles atingidos. A criança é conduzida a um mundo de fantasias, no qual o espírito repousa e se encanta. O conto é um veículo educativo, usado nas mais antigas civilizações e do mesmo modo entre os povos naturais, para realce dos feitos do seus heróis e das virtudes de seus antepassados. Os provérbios, que representam uma condensação de sabedoria, as adivinhas, que são testes de conhecimentos, as parlendas, os jogos, os brinquedos, recreiam, estimulam as relações sociais e reafirmam a unidade grupal.

Na História do Brasil, na Geografia e nas Ciências, as lendas relativas à escravidão, mineração, bandeiras, heróis, os tipos brasileiros e seus traços culturais, os ambientes em que vivem, as serras e lagoas e mares com seus mitos, animais, vegetais e minerais.

Em Matemática, inúmeras fórmulas e outras contribuições, em parlendas ou poesias e jogos; no Desenho, Trabalhos Manuais, Artes e Artesanatos, o uso do material local, com revalorização de seus usos e seus motivos típicos ornamentais; na Música, as nossas melodias, rit-

mo e instrumentos; ainda a dança e o teatro, com apresentações da beleza que possuímos nesses campos.

O aproveitamento do Folclore na escola primária é das mais válidas contribuições, pela intenção formativa e pelo caráter de nacionalidade que imprime.

No ensino médio e no secundário, passa o Folclore ao plano informativo, numa prospeção profunda da cultura, que levará à conclusão consciente de que «toda cultura tem uma dignidade e um valor que devem ser respeitados e protegidos; em sua fecunda variedade, em sua diversidade e pela influência recíproca que exercem uma sobre as outras, todas as culturas fazem parte do patrimônio comum da humanidade».

Na Universidade, o Folclore deve ser estudado como disciplina autônoma, através de suas implicações antropológicas, sociais, psicológicas e estéticas, para o conhecimento, em profundidade, da cultura popular.

No Brasil, é antiga a lição do aproveitamento do Folclore no ensino. Já nas primeiras décadas de nossa vida, os jesuítas o aplicaram com extrema sabedoria na catequese, utilizando as danças e os cantos indígenas, e encenando seus autos. Anchieta, nosso primeiro mestre, nos legou esse exemplo, nos campos de Piratininga.

A cultura do povo precisa ser estudada, porque é objetivo de todos os governos dar ao povo melhores condições de vida. Ao comentar a revolução dos nossos tempos, da qual um aspecto é «a luta pelo domínio tanto quanto possível científico do destino humano», Gilberto Freyre considera esse domínio de modo algum absoluto, «pois deve conciliar-se com o daqueles valores de sempre, às vezes superiores à própria ciência e guardados pelos clássicos, pelas igrejas e pelo próprio folclore».

Do: Cadernos de Folclore - 1

### Que é Folclore?

3.a edição

Maria de Lourdes Borges Ribeiro

M.E.C.

Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro

Rio de Janeiro — 1971

## Mês de agosto — Mês do Folclore

Laura Della Mônica

(Titular das Cadeiras de Folclore da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e da Faculdade de Pedagogia e Ciências Humanas de Santos. Membro de Entidades Culturais de Folclore do Brasil e do Exterior).

### Mês de agosto

Considerado, pelos brasileiros, como mês do Folclore, e o Brasil, nesse período, mostra ao mundo seus usos e costumes, suas tradições, suas aculturações através dos tempos.

### O passado

O Brasil-menino de Cassiano Ricardo havia rascado no seu caderno de figuras a história do seu destino. A história das figuras que na manhã-indígena assistiram à missa rezada pelos marinheiros e ouviram o canto dos orixás. A história das figuras que mais tarde deram lugar aos gigantes e que nas noites cheias de estrelas, nas madrugadas sem-fim-calçando botas de sete-léguas, rasgando caminhos - casaram-se com outras figuras que aqui vieram para, mais tarde, constituírem o Brasil-gigante.

As ladainhas cantadas pelos jesuítas eram ouvidas pelos indígenas que passaram a interpretá-las a seu

modo. As festas começaram a se realizar em épocas certas e variáveis. Os homens bravios, com suas famílias foram se unindo, sentindo a necessidade de cantar e contar as histórias de outras plagas.

As mulheres mostravam, nas suas canastras de baús, as coisas bonitas que haviam trazido e a gente daqui passou a olhar, a sentir e a usar. Tudo foi se misturando, modificando, apocopando, aculturando...

## Precursores

Estudiosos começam a observar que a história do Gigante era muito importante e que devia ser lembrada e mostrada a todos. Falam de Gandavo, Anchieta, das cartas de Caminha e se deliciam com as histórias contadas por eles.

Comentam Debret e se lembram de Bento Teixeira Leite, Guilherme Piso. Então, Basílio de Magalhães conta como era a uiara e toda a sua descendência que proliferou rapidamente por todo o Brasil. Sílvio Romero comenta as noites de cateretês com sapateado e palmeado e as modas-de-violão.

## Criação da palavra

Os Estados já constituídos começam a enviar para o mundo os seus contos, cantos e ritmos, seus estudos e pesquisas. O nome desses estudos era muito variável; confundia muita gente, mas afinal ficou sendo FOLK-LORE, lembrando a carta que William J. Thoms, a 22 de agosto de 1846, enviara à Revista «The Atheneum» para explicar a sabedoria popular, as maneiras de sentir e pensar que ele investigara nas regiões da velha Irlanda, onde permaneceu tanto tempo. Assim, o «Folk-lore» passou a ser o nome do estudo do que o povo fazia, sentia, na sua comunidade, de maneira espontânea.

## Continuadores

Veio uma plêiade de estudiosos que modificou a maneira de contar as histórias do nosso Brasil, através da boca do povo: Mário de Andrade, Renato Almeida e Tarsila. Logo, a seguir, Joaquim Ribeiro, Cecília Meireles, Luís da Câmara Cascudo, Aires da Mata Machado, Mário Ipiranga, Alceu M. Araújo, Hélio Damaate, Rossini Tavares de Lima, Osvald de Andrade Filho, Hildegardes Vianna, Veríssimo de Melo, Osvald Cabral e tantos outros que foram se reunindo em grupos, para a pesquisa de campo. Quando abrimos os olhos estávamos envolvidos no mesmo meio e não pudemos mais sair.

Nesse tempo cria-se a Carta Magna de Folclore Brasileiro, documento onde se encontram os princípios fundamentais e as normas de trabalho a respeito do Folclore no Brasil.

## Aconteceu em São Paulo

Muitos países aqui vieram para ver o Brasil de perto, saber direito das manifestações de danças, folguedos, superstições e credices, literatura popular, brinquedos, vestimentas, comidas e tantas outras coisas. Do encontro (Lo Congresso Internacional de Folclore, 1954) resultou uma série de modificações a respeito do estudo do Folclore no Brasil.

## Outros Países

Portugal começa a estudar através de Gastão Bittencourt, Jorge Dias, Pires de Lima o que havia de comum entre nós. A França, Inglaterra, Espanha, publicam obras contando o que havia de parecido. E os países sul-americanos, nossos vizinhos de fronteiras, ficam sabendo que ainda eram nossos irmãos.

## Conceituação do Fato Folclórico

A conceituação do fato folclórico começa a preocupar os seus interessados. Folclore é a cultura espontânea e também a ciência que estuda essa cultura. Eis a definição aprovada no Congresso Internacional de Folclore: «Considera-se fato folclórico toda maneira de sentir, pensar e agir, que constitui uma expressão da experiência peculiar de vida de qualquer coletividade humana, integrada numa sociedade civilizada». Esse conceito permanece ainda no Brasil.

## Fato Folclórico

O Folclore é elemento vivo de cultura, quer na esfera espiritual, quer material, portanto fator na soma de valores da existência humana. É preciso acrescentar que os fatos folclóricos não se apresentam apenas como anônimo ou tradicionais. Muitos cantadores de modas-de-violão, repentistas, dançadores de cateretês, reisados, folias de reis, moçambiques, congadas e outras manifestações folclóricas são nossos conhecidos e amigos.

As figureiras do vale do Paraíba ou as poteiras de Apiaí, poderão ser visitadas, a qualquer hora, em suas casas. O fato folclórico é elemento dinâmico da cultura, não é estático. Modifica-se, transforma-se de região em região, de acordo com o meio. De aceitação coletiva, não perdendo seu caráter, seu valor, sua espontaneidade, sua autenticidade.

## O Impacto

A moda de se imitar o que era original veio dar uma confusão aos estudiosos menos avisados. Ninguém mais sabia o que era folclórico, o que era popular. Novamente a Comissão Nacional de Folclore que regia, no Rio de Janeiro as demais Comissões Estaduais se preocupa com isso, insiste nas realizações de congressos que tratam de dissipar dúvidas, de conjugar pensamentos, de orientar os caminhos da pesquisa. Cria-se a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (1958), no Ministério da Educação e Cultura. Nesse mesmo ano, todo o acervo do Centro de Pesquisas Folclóricas «Mário de Andrade» criado no velho e querido casarão da Avenida São João, n.º 269, passou para a Associação Brasileira de Folclore que mantém, no Ibirapuera, o Museu de Artes e Técnicas Populares.

## As Etnias

O estudo das maneiras de sentir e pensar dos povos levou os folcloristas a fazer estudos das regiões geohistóricas. Diegues Júnior apresenta o problema dos aliegnígenas no período colonial: do francês, espanhol, holandês e judeu, da sua permanência, das modificações que causaram no fato folclórico já existente; da vinda dos italianos, alemães e ingleses. Das modificações em toda arte, o artesanato quer nas cestarias, cerâmicas, instrumentos de trabalho, agricultura, lendas e contos, no nosso idioma. Mais tarde poloneses, japoneses... um mundo inteiro dentro do Gigante, a dar e receber, a modificar e modificar-se em benefício de um país melhor. E, cada um deles, desde o princípio se alimentava de uma porção de coisas que se tornaram, depois, receitas culinárias específicas das regiões.

## Folclore e História

O professor tem na História um campo enorme de aproveitamento folclórico. «Tanto o historiador como o folclorista devem recolher seus elementos de estudo no povo, no que o povo faz, cria e constrói e que, através da transmissão herdada ou recebida, se vai prolongando pelo tempo. O que a História grava é o que o folclore registra: os fatos da vida coletiva, suas expressões de cultura, a descrição ou observação do que o povo faz. A vida humana a ambos interessa, e ambos procuram traduzir com fidelidade o que há de expressão nos fenômenos registrados» (Diegues Júnior).

## Folclore e Educação

Lourenço Filho estudou tanto o problema: falou da importância do Folclore na Língua Materna, Geografia Humana, História, Arte Popular e Música. Falou, ainda, dos centros de formação do ensino médio e da escola de formação pedagógica, onde o Folclore deveria ser estudado, ou ser tratado com carinho. No relatório da UNESCO sobre o assunto, apresentado no Congresso Internacional de Folclore, o problema também foi levantado: a função educacional não está apenas em preservar aquelas culturas populares, como herança do passado, mas em realizar um trabalho de base, que «consista em impedir seja a cultura tradicional inutilmente sacrificada por novos elementos, que poderão não ter nada de comparável a oferecer, e a estimular as técnicas e a sabedoria que cada uma dessas culturas pode oferecer ao mundo.»

É necessário preparar o professor para saber aproveitar o que há de útil, e saber afastar os fatos folclóricos que prejudicam o plano educacional, como aproveitamento imediato. Todos os fatos são pesquisados, mas

os aproveitados devem ser bem selecionados. Libertar a alma infantil das práticas inconvenientes e prejudiciais, chamadas por Renato de «pesos mortos na cultura». Mas para isso voltamos a dizer, deve o professor estar preparado para não criar maiores problemas, e, desta vez, psicológicos, na alma da criança ou do adolescente.

A Pedagogia Folclórica, escreveu Ismael Moya, «tem um objetivo central que é o de fazer com que a criança siga o ritmo espiritual do seu povo e lhe alcance a emoção do tradicional, com as vantagens de caráter nacional, científico e estético». Mário de Andrade, «nada melhor que as tradições para retemperar a saúde de nossa alma brasileira. Pestalozzi, Freebel, Gustavo Doret, Michelet sempre afirmaram, recomendando nas suas realizações pedagógicas, científicas e culturais, o valor do cancionero à educação, ao amor à pátria, à «tomada» da sua personalidade, a integração à região, enfim à própria comunidade.

Dentre os estudiosos, alguns se interessaram pelo Folclore na Geografia, na História, nas Artes Plásticas, como Osvald de Andrade e Cássio M'Boy, na medicina como Dr. Silvio Maroni, na Psicologia como Carvalho Neto, na Zoologia e Botânica como Karol Lenko, enfim em cada disciplina curricular. Malba Tahan chegou a estudar o folclore na Matemática, dando subsídios importantíssimos a respeito durante o Congresso de Matemáticos.

## Folclore e Literatura

Quanto à literatura, meu Deus! toda a existência do Brasil menino, todo o resultado do Brasil-gigante, estão dentro da literatura, seja de cordel, popular ou erudita. Desde os primeiros contadores de história do nosso Brasil, até os últimos romancistas, vamos encontrar o retrato vivo de um Brasil de penas e penachos, da costa, mousselines das arábias; colchas de teares e retalhos, flores de papel crepom e de seda, presépios e lapinhas; monjolos e rodas d'água; engenhos e engenhocas. O Brasil de festa e festanças, promessas, procissões, cancioneros, cantos fúnebres e de trabalho. De expressões características, remédios caseiros, de tipos de construção de casa. De lendas como as do Cerro do Jarau ou do pico do Jaraguá; de Corcovado ou da lagoa do Abaeté. Das carrancas do rio São Francisco ao mercado do Ver-o-peso; do encontro das águas das pororocas do rio-mar. Das ainda intrincadas florestas amazônicas às caatingas do Nordeste até os pampas; do canto do sabiá, do pixoxó, do curió. Dos usos e costumes dos vaqueiros cantadores ou dos tropeiros; das noites enluaradas com serenatas ou das fogueiras de São João. Das danças e folguedos, das festas religioso-populares, dos candomblés e das oferendas. Isto tudo você vai encontrar numa literatura de Osvaldo Orico, Jorge Amado, Barbosa Lessa, Simões Lopes, Silvio Júlio, Alípio Goulart, Hernâni Donato, Amadeu Amaral, Luís da Câmara Cascudo, Ruth Guimarães, Edson Carneiro, Afonso de Freitas e Guimarães Rosa.

## Folclore e Teatro

A divulgação do período medieval, através do teatro de marionetes, títeres, mamulengos e João-redondo ainda persiste no Brasil e você vai encontrar no Nordeste a maior sobrevivência. Mas não pára aí o teatro; a representação continua nos folguedos populares do bumba-meu-boi, das folias de reis, das congadas e congos, dos maracatus, das marujadas e nas coreografias. Até nos circos do seu bairro. A luta ente mouros e cristãos ainda se vê e se ouve nas Cavalhadas da Franca, de Alegrete e Pirenópolis, ou mesmo nas congadas de São Francisco, bairro de São Sebastião. O aproveitamento folclórico no teatro de hoje está bem demonstrado nas peças de Suassuna como o Auto da Compadecida, O Santo e a Porca, Auto de João da Cruz.

## Folclore e Música

A cadeira de Folclore que somente era ministrada nas escolas superiores de música, através da insistência da Comissão Paulista de Folclore passou a fazer parte do «currículo» de todos os conservatórios musicais fiscalizados pelo Governo do Estado. Vitória! Vitória!

A música folclórica sempre foi bem aproveitada por eruditos como Villa-Lobos, Mignone, José Siqueira, Guerra Peixe, Luís Cosme, Nepomuceno, Alexandre Levi, Guarnieri. Mais tarde compositores populares começaram a fazer suas músicas com temas folclóricos como Heckel Tavares e nos tempos atuais, Chico Buarque, Vandrê, Mário Albanese.

## A Divulgação

Um dia, um bom baiano começou a cantar a Bahia de outrora, e falou das 365 igrejas, dos cantos dos orixás, das festas, vestimentas e quitutes.

Ressou por todo o Brasil. Cada Estado queria contar também o que tinha. E o Maranhão, flor dos azulejos, dos bumbas, das estórias que os holandeses deixaram e que foram interpretadas à brasileira. Mas toda a Amazônia gritou bem alto: Foi Boto, Sinhál e não se esqueceu do canto do uirapuru... Os caboclinhos e os maracatus saíram às ruas do Recife, dando um alô de suas influências índio-afro-lusitanas. Mas não ficou por aí. Os Tapuias saíram de Goiás, dançando, sem parar.

Anoiteceu. Vimos lá no Sul a velinha acesa para Negrinho do Pastoreio. O gaúcho contando as estórias dos pampas, deliciando-se com o chimarrão.

Santa Catarina bradou: Nossas rendeiras são parentes das rendeiras do Ceará, você quer ver? E o boi que era de mamão e depois de pano é também parente do boi surumim e de outros bois.

Minas Gerais mostra todo o belo artesanato em fibras e fios. O barqueiro que saiu da ilha do Marajó, viu tudo o que havia nas praias brasileiras... comeu moqueca de peixe, sarapatel de tartaruga e veio margeando até chegar em São Paulo, no Guarujá, onde na praia do Tombo, foi fandangar com os caiçaras.

E nós, daqui, na simplicidade mostramos a ele que o folguedo Guerreiros das Alagoas hoje é Reisada de Alfredo Marcondes; que o Boi do Norte foi Boizinho de Ubatuba e de Pindamonhangaba. O Moçambique está em pleno vigor em todo o vale do Paraíba. O cateretê resiste ao tempo por todo o Estado de São Paulo, principalmente no Vale do Rio Grande. E ainda mais que, todas as lendas das matas, rios e lagos, montanhas também sobrevivem adaptadas à nossa região. O canto da criança, criança que brinca de ciranda, ciranda que os adultos, de mãos dadas cantam em uníssono o mesmo hino: Brasil, eu te amo!

## Folclore e Turismo

Falava-se muito no nascimento do Turismo no Brasil. Era ele esperado a qualquer instante. Depois o Turismo deu seus primeiros vagidos. A Carta Magna do Folclore Brasileiro mencionou a necessidade dos entendimentos com os órgãos de Turismo, mas viviam separados. Era preciso um entendimento. Ambos queriam a mesma coisa, mas não falavam a mesma linguagem.

Alguns encontros aqui, ali, sempre com pequenos resultados positivos.

Cria-se, pelo Decreto n.º 56 747, em 1965, o Dia do Folclore em todo o território nacional; em 1967, pelo Decreto n.º 48 310, o mês do folclore deve ser comemorado em todo o Estado de São Paulo. Um salto para o futuro brilhante do Folclore e do Turismo. Agora é mais fácil falar no binômio Turismo-Folclore em benefício da cultura, em benefício do próprio País.

O Folclore estreita os laços humanos, porque na sua simplicidade apresenta traços comuns de toda a humanidade.

# FÓRMULAS DE ESCOLHA

JOSÉ SANT'ANNA

(da Associação Brasileira de Folclore)

As crianças (meninos e meninas) quando brincam de «pique», ao iniciarem o brinqueado, escolhem os elementos que vão esconder, ficando como pegador um deles: o que fica por último.

É uma maneira de escolha muito séria, empregada pelas crianças.

É justo que se enfatizem, pela seriedade, as normas de conduta que empregam na recreação. Por isso não há nada mais belo e harmonioso do que esta organização, porque a criança encara, nos brinquedos e na própria vida, o fato de que a satisfação que uma pessoa sente em ser honesta é algo incomparável. E a honestidade revela, imediatamente, a bondade do caráter.

Este modo de conduta disciplina a vida social da criança — homem em formação.

São fórmulas que viajam no espaço e variam no tempo, levando em conta o meio e as transformações sociais.

Embora variem de um Estado a outro, de região a região, de cidade para cidade e mesmo de bairro para bairro (isto porque a coletividade infantil tem costumes peculiares), elas preservam as notas comuns do vasto país.

As palavras viajam de um centro pa-

ra outro qualquer, levadas pela boca de uma criança e aí adaptada ao novo meio de tal modo que, às vezes, se torna irreconhecível.

A memória é falha, a transmissão é oral e isto ocasiona as deturpações morfo-sintático-fonéticas.

A escolha será feita sempre por um líder. Líder é a criança que revela maior argúcia e força, a que se destaca das outras.

Esta, sendo mais habilidosa, dispõe os colegas em um semicírculo e aplica uma (entre inúmeras) das fórmulas de seleção. E exerce uma liderança positiva.

E esta herança de conhecimentos continua sendo transmitida às gerações.

Elas se referem às crianças com idade de 6 a 11 anos, época em freqüentam as primeiras séries do ensino de primeiro grau, justamente no período de transição da meninice à adolescência.

Nesta faixa etária as crianças já são capazes de iniciativa.

Das fórmulas recolhidas, anotamos algumas delas com suas variantes.

Em Olímpia é a assim que as crianças brincam, empregando as seguintes fórmulas seletivas:

1-  
Um, tiburim!  
Cada vez sai...um,

2-  
Dilim, dilim!  
Meu sorvete  
Cor de lei...te.

3-  
Blim! blim!  
Gergelim! ger...ge...lim!

4-  
Dilim, dilim!  
Seu padeiro vem aí  
Quantos pães você quer?  
— Quatro.  
— Um, dois, três, qua...tro.

5-  
Meio-dia  
Macaco assobia  
Fazendo careta  
Pra dona Ma...ri...a.

6-  
Uma hora  
Macaco chora  
Fazendo careta  
Pra dona Au...ro...ra.

7-  
Minha tia de cueca  
Meu avô no elevador  
Brincando de pe...ga...dor.

8-  
Minha mãe de bicicleta  
Minha tia de cueca  
Meu pai no elevador  
Brincando de pe...ga...dor.

9-  
Lá em cima daquele morro  
Tem um pé de jacarandá  
Quem comer a fruta dele  
Comigo vai se ca...sá.

10-  
Lá em cima daquele morro  
Tem um velho fogueteiro  
Que só gosta de mulher  
Que usa fita no ca...be...lo.

11-  
Lá em cima daquele morro  
Tem um garfo e uma cuié  
As mentira é dos home  
As verdade é das mui...é.

12-  
Lá em cima daquele morro  
Tem uma velha pra morré  
Urubu está rodeando  
Tem carniça pra co...mê.

13-  
Lá em cima daquele morro  
Tem um pé de cai-cai  
O menino mais bonito  
Vai ser genro de meu...pai.

14-  
Lá em cima daquele morro  
Passa boi, passa boiada  
Também passa um negrinho  
De cabelo en...ro...la...do.

15-  
Lá em cima daquele morro  
Tem um velho relojoeiro  
Quando vê perna de moça  
Faz relógio sem pon...tei...ro.

16-  
Lá em cima da montanha  
Passa boi, passa boiada  
Passa o time do Corinthians  
Co'a cueca re...men...da...da.

17-  
Lá em cima do piano  
Tem um copo de veneno  
Quem bebeu morreu  
Quem saiu fui...eu.

18-  
Lá em cima de minha casa  
Tem um ninho de pavão  
Quem mexer co'a minha vida  
Cai na ponta do fa...cão.

19-  
Lá na Rua Vinte e Quatro  
Maria matou um gato  
Com o salto do sapato  
O sapato se quebrou  
E Maria se en...for...cou.

- 20-  
Pepino maduro  
Que dá semente.  
Moça bonita  
Que mata a gen...te.
- 21-  
Um, dois, três  
Por aqui passou um francês  
Quatro, cinco, seis  
Ele é o nosso fre...guês.
- 22-  
Um, dois, três  
Por aqui passou um rato  
Pela porta do meu quarto  
Um, dois, três, qua...tro.
- 23-  
Fui no mato buscar lenha  
Santo Antônio me chamou  
Quando santo chama a gente  
É sinal de sa...i...dor.
- 24-  
Una, duna, trena, catena  
Saco de pena  
Pila, pilão  
Conte bem que do...ze...são.
- 25-  
Una, duna, trena, catena  
Ouro, bata, barata, bila, balão  
Conta bem que do...ze...são.
- 26-  
Une, dune, trene, catene,  
Birimbau, bau, bau  
Cata pau, pau, pau,  
Une, dune, trene, ca...te...ne.
- 27-  
Une, dune, trê  
Salamê, migüê  
Um sorvete colorê  
Une; dune...trê.
- 28-  
Une, dune, trê  
Salamê, mingüê  
Um sorvete colorido  
Pra vo...cê.
- 29-  
Une, dune, trene  
Quatro, cinco e sene  
Um sorvete colorete  
Une, dune, tre...ne.
- 30-  
Fui na Bahia comprar chapéu  
Da cor da morena, da cor do céu  
Não é meu, não é de ninguém  
É da morena que quero... bem.
- 31-  
Mamãe mandou tirar  
Este daqui.  
Mas como eu não sou bobo  
Vou tirar este da...qui.
- 32-  
O porquinho foi na escola  
Co'a calcinha rasgadinha  
De «bubuzinho» de fora.  
Pau, porrete  
Bengala, cacete  
Matei um rato  
Pra virar sor...ve...te.
- 33-  
O porquinho foi na escola  
Com o chortinho rasgado  
E com o «pipizinho» de fo...ra.
- 34-  
Langa la panga do pichinez  
Lastrás, pique, fora  
Descasquei uma laranja  
E joguei a casca fo...ra.
- 35-  
Langa, la panga  
Duque, chinês  
Lá trás  
Fora vo...cê.
- 36-  
Joãozinho é um bom aviador  
Quando acaba a gasolina  
Ele mija no mo...tor.
- 37-  
Pomponete, pontapi,  
Tapetá per...ru...ge  
Pomponete, pontapi  
Tapetá pe...gui.
- 38-  
Contorneta, peta, peta  
Peta perrugem  
Cortorneta, peta, peta  
Peta pe...trim.
- 39-  
Fiz xixi na canequinha  
Enganei minha vizinha  
Que era caldo de ga...li...nha.
- 40-  
Uma velha, bem velhinha  
Fez «xixi» na canequinha  
Foi dizer para a vizinha  
Que era caldo de ga...li...nha.
- 41-  
Você quer doce de coco  
Ou prefere comê nhoque?  
Plique, placa, ploco  
Plique, placa, plo...que.
- 42-  
O trem-de-ferro  
Quando sai de Pernambuco  
Vai fazendo chique-chique  
Até chegar no Ce...a...rá.
- 43-  
Rebola, bola  
Você diz que tá na moda  
Mas na moda você não...tá.
- 44-  
Garibáldi foi na missa  
Num cavalo sem espora  
O cavalo relinchou  
Garibáldi pulou fo...ra.
- 45-  
Garibáldi foi à missa  
Num cavalo pra peão  
O cavalo deu um pulo  
Garibáldi foi ao...chão.
- 46-  
Bê-i-ene-ge-ó  
Be-i-ene-ge-ó  
Bingo é teu nome  
Bê-i-ene-ge-ó.
- 47-  
Pra você falar comigo  
Lave a boca com sabão  
Sua boca está cheirando  
Barrigada de lei...tão.
- 48-  
Fui no botequim tomar café  
Encontrei um macaquinho  
Com o rabinho em pé  
—Dança aqui, dança já  
—Eu não sei dançar  
—Pega o chicotinho e dance...já.
- 49-  
Fui no mercadinho tomar café  
Encontrei um macaquinho  
De rabinho em pé  
—Dança aqui, dança já  
—Eu não sei dançar  
—Vou buscá um chicotinho  
Você dança já.
- 50-  
No fundo de minha casa  
Tem um pé de limão  
Vai comer uma folha dele  
Pra matá seu a...ma...re...lão.
- 51-  
Formiguinha lava os pés  
Que eu te dou quinhentos réis  
Pra comprá sor...ve...te.
- 52-  
O noni bela, ponitânia  
Um navio que passava na Espanha  
Me chamou, lá não vou.  
O no...ni, (cantando)
- 53-  
O navio de nápolá, politana  
O navio que andava pela Espanha  
Me cha...mou  
La não...vou.
- 54-  
O noni, o noni  
A politana  
O navio que passava pela Espanha  
Me chamou, lá não vou  
Quem saiu foi aquele a...li.
- 55-  
Coca-cola, pepsí-cola  
Quantos anos você tem tem?  
—Tenho seis.  
—Um, dois, três, quatro, cinco... seis.
- 56-  
Fui na horta comprar verdura (ou couve)  
Marimbondo me mordeu  
Fui dar parte à polícia  
A polícia me prendeu.  
Cla, cle, cli, clo, clu  
Cara de ta...tu.
- 57-  
Os mocinhos da Rua Quinze  
Só andam de sapatão  
Parecendo o trem-de-ferro  
Quando chega na es...tação.
- 58-  
Seu doutor Ari, Ari  
Foi fazer uma operação  
Esqueceu a tesourinha  
Na barriga do ja...pão.
- 59-  
O doutor Solidão  
Foi fazer operação  
Esqueceu a tesourinha  
Dentro do teu co...ra...ção.
- Observação:  
O 1.º verso varia demais:  
O doutor Solidão. Dona Areia, Areia, etc.
- 60-  
Agá, agá  
A galinha qué botá  
Tigê, tigê  
Mamãe me deu uma surra  
Fui parar no Tietê  
Por qué? Por qué?  
Por causa de você  
Se não, se não  
Te dou um beliscão  
Na ponta do de...dão.
- 61-  
Variante:  
Agá, agá  
A galinha quer botá  
Iê, iê  
Mamãe me deu uma surra  
Fui parar no Ti...e...tê.
- 62-  
A barata descascada  
Vai ficar com você  
Mas comigo não vai fi...car.
- 63-  
Havia uma barata  
Na cueca do vovô  
O vovô saltou um «pum»  
A barata des...mai...ô.
- 64-  
Azul, azul  
Minha mãe me deu uma surra  
Fui parar em Mon...te...A...zul.  
(Monte Azul-município próximo a Olímpia)
- 65-  
Marelo, Marelo  
Minha mãe me deu uma surra  
Fui parar no ce...mi...tê...rio.

66-

A galinha do vizinho  
Bota ovo amarelinho  
Bota um, bota dois, bota três  
Bota quatro, bota cinco, bota seis  
Bota sete, bota oito, bota nove  
Bo...ta...dez.

67-

A galinha do vizinho  
Bota ovo amarelinho  
A galinha do soldado  
Bota ovo enferrujado  
Clá, clé, cli, clo, clu  
Cara de tatu  
Quem saiu foi...tu.

68-

A galinha do soldado  
Bota ovo enferrujado  
A galinha do Tostão  
Bota ovo no calção  
A galinha do Tonico  
Bota ovo no penico  
A galinha do Pelé  
Bota ovo com ca...fé.

69-

A galinha ficou doente  
O seu galo não se importou  
O pintinho montou a cavalo  
Foi chamar o seu doutor  
O doutor era o peru  
A enfermeira era o tatu  
E a agulha de dar injeção  
Era um pedaço de bam...bu.

70-

A galinha amarelinha  
E o galo carijó  
A galinha veste saia  
E o galo paletó  
A galinha ficou doente  
O galo nem ligou  
O pintinho saiu correndo  
Foi chamar o seu doutor  
O doutor era o pavão  
Assistente era o peru  
O remédio que ele deu  
Foi o rabinho de ta...tu.

71-

O peru foi ao dentista  
Se tratar de dor-de-dente  
O dentista disse assim:  
Quem tem bico  
Não tem dente  
Pau e porrete  
Bengala e cacete  
Troco uma casca  
Por um sor...ve...te.

72-

O gato miou, o pinto piou  
O galo cantou, o cão latiu  
O porco gritou, você sa...iu.

73-

Papai eu quero pão  
Mamãe não quer dá  
—Vá lá na padaria  
Que o padeiro te de...rá.

74-

Você diz que tá com fome  
Você diz que quer comê  
Você diz que vai roubá  
Largue disso, Deus da...rá.

75-

Uma velha, muito velha  
Com o nariz cheio de barro  
Foi dizê pra minha mãe  
Que eu pitava num cigarro  
Minha mãe me deu uma surra  
Me jogou no taquará  
Onde tinha muito bicho  
Que podia me pe...gá.

76-

Uma velha, muito velha  
Que pitava no cachimbo  
Foi dizê pra minha mãe  
Que eu pitava no cigarro  
Minha mãe me deu uma surra

Me jogou no taquará  
Lá havia muito bicho  
Me mordeu no cal...ca...nhá.

77-

Esta quero, esta não quero  
Esta come pão da cesta  
Bebe vinho da galheta  
Come queijo, requeijão  
Come queijo, requeijão  
Vim buscar meu co...ra...ção.

78-

Este serve, este não serve  
Este agrada, este não  
Este é fraco, este é forte  
Fica fora o va...len...tão.

79-

Uma velha de cinco filhas  
Que iam todas no teatro  
Deu surupango numa delas  
E das cinco ficaram quatro  
Lá vai uma, lá vai duas  
Lá vai três, lá vai qua...tro.

80-

Bamba-la-ão  
Senhor capitão  
Espada na cinta  
Ginete na mão  
Bamba-la-ão  
Senhor capitão  
Orelha de porco  
Pra botá no fei...ção.

81-

Bão-ba-la-ão  
Senhor capitão  
Em terra estranha  
Morreu teu irmão  
Cozido e assado  
Num cal...dei...ção.

82-

Rei, capitão  
Soldado ladrão  
Menina bonita  
Do meu co...ra...ção.

83-

Tigelinha de água fria  
Quem te pôs na prateleira  
Foi os olhos da Maria  
Que chorou a noite in...tei...ra.

84-

Tigelinha de água fria  
Quem te pôs na prateleira  
Foi olhos da Maria  
Quem chorou na segunda fei...ra.

85-

A casinha da vovó  
Amarradinha de cipó  
O café está demorando  
Com certeza não...tem...pó.

86-

Canivetinho de pintainha  
Que anda na barra dos vinte e oito  
Mingorro, mingorro  
Que fique for...ra.

87-

Canivetinho de pintainha  
Anda na barra de vinte e cinco  
Mingorra, mingorra  
Tire a tua mãe que está for...ra.

88-

Canivetinho de ponta fina  
Vendi sua vaca por trinta e cinco  
Mingola, mingola  
Seu pé está fo...ra.

89-

Canivetinho de ponta fina  
Mingorro, mingorro  
Quem fica for...ro.

90-

Canivetinho da ponta fina  
Mingô, Mingô  
Jus...tin...fi...cô.

91-

Uma árvore, doze galhos  
Cada galho um ninho  
Cada ninho um ovo  
Cada ovo, um passarinho  
Anabu, anabu  
Quem saiu foi tu  
Cara de ta...tu.

92-

Minha mãe mandou à escola  
Pra aprender o beabá  
Minha boa professora  
Me ensinou a namorá  
Fui ao corredor  
Namorei o di...re...tor.

Fórmula acumulativa

93-

Dilim, dilim!  
Meu sorvete cor de leite  
Minha mãe mandou à escola  
Pra aprendê o beabá  
Minha boa professora  
Me ensinou a namorá  
Namorei um garoto  
Da Escola Militar  
O danado do garoto  
Só queria me beijar  
Sete e sete são catorze  
Com mais sete vinte e um  
Tenho sete namorado  
Mas não gosto de ne...nhum.

94-

Dilim, dilim!  
Meu sorvete cor de leite  
Minha mãe mandou à escola  
Pra aprender o beabá  
Minha besta professora  
Me ensinou a na...mo...rá.

Nota: Há quem diz: minha boba professora

95-

Vozozinha foi no mato  
Quantos paus ela traz?  
Ela traz vinte e quatro  
Cara de ma...ca...co.

96-

A pombinha foi no mato  
Quantas penas ela leva  
Ela leva vinte e quatro  
Uma, duas, três, quatro  
Cara de ma...ca...co.

97-

O laranjeiro passou por aqui?  
—Passou.  
—Quantas laranjas ele deixou?  
—Cinco.  
—Uma, duas, três,  
Quatro, cin...co.

98-

O caminhão da laranja, passou, passou  
—Quantas laranjas ele deixou?  
—Cinco.  
Uma, duas, três, quatro, cin...co.

99-

Laranja baiana  
Que vira pó  
Galo que canta,  
Co-ro-co-có  
Pinto que pia,  
Pi-ri-pi-pi  
Moça bonita que sai da...qui.

100-

Uma, duas angolinha  
Tire o pé da pampolinha  
O rapaz que o jogo faz  
Faz o jogo do papão  
Tira já o seu pezinho  
Pois lá vai um be...lis...cão.

101-

Uma, duas angolinha  
Põe o pé na pampolinha  
O rapaz que o jogo faz  
Faz o jogo do capão  
Arretire o seu pezinho  
Que lá vai um be...lis...cão.

102-  
Uma, duas angolinha  
Finca o pé na pampolinha  
O rapaz que o jogo faz  
Faz o jogo do leilão  
Mas recolha o seu pezinho  
Que lá vai um be...lis...cão.

103-  
Papagaio loiro de bico dourado  
Mande esta cartinha pro meu namorado  
Se tiver dormindo, bata na porta  
Se tiver acordado, mande a resposta (o recado)  
Barra, berra, birra, borra, bur...ra.

104-  
Atrás de minha casa  
Tem um cachorro rabió  
Tapeei a sua mãe  
E enganei a sua a...vó.

105-  
Você tem um caminhãozinho  
—Tenho  
Quantos pregos ocupou?  
—Seis.  
—Um, dois, três,  
Quatro, cinco...seis.

106-  
Você tem uma bonequinha?  
—Tenho  
—Ela é engraçadinha?  
—É.  
—Quantos anos ela tem?  
—Quatro.  
—Um, dois, três, qua...tro

107-  
Peneirinha de cuá fubá  
Lava prato, lava mesa  
Pra nós dois jan.. tá.

108-  
João corta pão  
Maria faz angu  
Teresa apronta a mesa  
Para a festa do ta...tu.

109-  
Atrás da minha casa  
Tem um pé de piu-piu  
Quem mexer com minha vida  
Vai pra ponte que par...tiu.

110-  
Laranjeira pequenina  
Carregada de lingüiça  
Eu também sou pequenino  
Carregado de pre...gui...ça.

111-  
Laranjeira pequenina  
Carregada de botão  
Eu também sou pequenina  
Carregada de pai...xão.

112-  
Tim! Tim!  
Jacutinga, labe  
Iscatunga, araribê  
Jacatunga, tinga  
Auê, sanaberebabe  
Iscatunga, araribê  
Jacatunga, tin...ga

(cantado)

## Outras maneiras para descobrir o pegador:

1.o) As crianças se reúnem, a escolha é feita em grupo de dois.

Cada criança pode adotar um, dentre os quatro símbolos:

1- Uma das mãos aberta, em qualquer posição, simboliza o papel;

2- Uma mão fechada simboliza a pedra;

3- O dedo indicador apontado, significa a agulha e

4- Os dedos médio e indicador apontados, de qualquer mão, simbolizam a tesoura.

### Critério:

Papel embrulha a pedra, então o papel ganha.

Tesoura corta papel, tesoura ganha.

Agulha fura papel, agulha ganha.

Agulha não fura pedra, pedra ganha, etc.

Iniciada a escolha, o que ganha vai esconder-se. O perdedor chama outro para a disputa. E assim por diante. O que não foi escolhido será o pegador.

2.o) Uma das crianças apanha uma pedrinha e a esconde numa das mãos, cruzando os braços.

Esta criança recebe no grupo o nome do pai.

Do grupo, o primeiro a dizer xiqueiro será o primeiro a bater na mão do pai para a escolha. Se ele bater na mão sem a pedra, irá esconder-se. Em caso contrário, ela ficará com a pedra. Continua a escolha.

É importante observar que o nome pai só cabe ao primeiro segurador da pedra.

3.o) Em grupo, de três, os meninos se reúnem. O mais esperto grita dois ou um. Todos, com a mão direita atrás do corpo, apontam um ou dois dedos.

Aquele que apontar o número diferente sai para esconder. Por exemplo: Se dois meninos

apresentam dois dedos, o que apresentar um só já está livre de ficar no pique. Entra outro garoto no jogo e assim por diante. Quando restarem somente os dois últimos, resolvem a situação no par ou ímpar.

### Pequenos Comentários

1.o) O ritmo exerce função didática nos meios sociais em que as obras poéticas se transmitem por via oral. Graças a esses esquemas rítmicos há muita facilidade para a fixação das estrofes na memória do sujeito ouvinte.

2.o) Este brinquedo, além de levar a criança a aproveitar as horas de lazer, desenvolve o espírito de solidariedade humana e a consciência do bem - estar comum.

3.o) Outra vantagem é a de fazer com que a criança proceda com espírito esportivo, reconheça direitos e deveres, conhecendo as regras do brinquedo; aprenda a decidir e a agir como integrante do grupo.

4.o) O emprego das reticências entre as últimas palavras de cada verso das fórmulas, foi intencional. Com este emprego queremos, embora de modo imperfeito, reproduzir os intervalos que a criança constrói na recitação das estrofes.

5.o) Preferimos anotar algumas variantes destas fórmulas para que os interessados possam realizar um estudo comparativo com as fórmulas de outras regiões.

6.o) Através de algumas fórmulas, o folclore pode ser visto na sua dinâmica. Não só se baseia na tradição, mas também na inovação. Leva em conta os fatos sociais, a cultura da época: A galinha do Pelé (futebolista), coca-cola, pepsi-cola, etc.

7.o) As onomatopéias, que facilitam a rima, entram, também, no corpo de muitas das fórmulas de escolha: dilim!, tibus!, glim!, ploque, chique-chique, etc.

8.o) Na transmissão das fórmulas poderá ocorrer substituição de um fonema por outro, obtendo-se

uma palavra diferente por comutação: «Faz o jogo do papão» e «Faz o jogo do capão». Papão e capão. O receptor substituiu o p por c, gerando uma palavra de sentido diferente. Elas se diferem por uma só distinção mínima

9.o) As fórmulas de escolha, dispostas em estrofes, apresentam, geralmente, quatro versos (quadradas) de rimas pobres. Rimam palavras da mesma categoria gramatical ou palavras vulgares.

10.o) Notável é o emprego dos numerais em inúmeras estrofes da seleção, aliás, muito do gosto das crianças: Uma, duas angolinhas, etc.

11.o) Nota-se até fórmula de sabor lusitano: Bebe vinho da galheta.

12.o) Também as quadras que entoam em brincadeiras de roda servem como fórmulas de escolha: Garibáldi foi à missa..., etc.

Estas fórmulas resultam de pesquisas

no mundo lúdico da infância, realizadas em estabelecimentos de ensino público do Município de Olímpia.

As épocas em que foram registradas variam bastante, situando-se entre 1960 e 1970, num espaço de dez anos, portanto.

Todo esse material, copioso e significativo, foi coletado durante a recreação dos alunos das Escolas Estaduais de Primeiro Grau: «D.Anita Costa», «Santo Seno», «São José», «Siva Melo» e «Cisoto». Nos bairros: Vila São José, Vila Cisoto, Vila Santa Teresinha, Vila Júlia, Vila Raia, Vila Rodrigues, Vila Miessa, Vila Silva Melo, Jardim Santa Ifigênia, São Benedito, Jardim Glória, Lambari e Baguaçu. No distrito de Ribeiro dos Santos. Ao cabo de uma série de pesquisas e observações, resolvemos publicá-las para que sirvam como registro e documentação desse brinquedo infantil.

## Medicina Folclórica de Antanho

Rothschild Mathias Netto

(Chefe da Secção de História do Museu de História e Folclore - Olímpia)

1) Em 1892, o Município de Espírito Santo de Barretos, embora despojado do distrito de Bebedouro, ainda contava com imenso território. Até essa época, os homens que haviam tomado posse de terras, mantinham suas glebas abertas, não divididas. O contínuo afluxo de outros indivíduos gulosos de terras férteis e campos vastos, vinha se tornando uma séria ameaça aos legítimos direitos dos antigos posseiros, que sentiram a necessidade de mandar demarcá-las. Foi a época das grandes divisões de terras, em todo o Município, cuja porção menos desbravada, quase desconhecida, era o Sertão dos Olhos D'Água, cortado pelo rio Turvo, pelo ribeirão Cachoeirinha e por ampla rede de pequenos tributários.

O processo divisório da fazenda Olhos D'Água teve início a 1.º de novembro de 1897. Os inúmeros interesses em jogo e a extensa área a demarcar contribuíram para que o término da divisão somente se verificasse alguns anos mais tarde (1905). Durante esse tempo, o engenheiro Robert John Reid, que era auxiliado no trabalho «de campo» por William Leatherbarrow (depois Guilherme Lebarou), não encontrou poucos obstáculos e tomou contato com as enormes dificuldades em que vivia a gente sertaneja, estabelecida, aqui e ali, nas margens dos rios, à beira dos córregos, nas clareiras abertas, no fundo das matas. A maior de todas talvez fosse o abastecimento e o comércio dos produtos da lavoura e da pecuária. Nada, porém, mais terrível que os efeitos das moléstias tropicais e outras que abriam enormes claros entre os moradores. Além dos males comuns a que se haviam acostumado, toda a região esteve sempre sujeita a surtos epidêmicos periódicos.

A mortalidade infantil atingia a índices inacreditáveis. A insalubridade, aliada ao desconhecimento dos princípios mais elementares de higiene e à maneira de enfretar as doenças, fazia com que seus habitantes se resig-

nassem a pagar, anualmente, o mais triste dos tributos. O lúgubre espetáculo dos bangüês, cortando os estreitos caminhos, rumo à última morada, era comum para aqueles heróis anônimos do sertão. Aos poucos, as famílias pioneiras que tinham suas moradas à beira dos riachos, no fundos dos vales, viram-se obrigadas a procurar as elevações, onde estivessem menos expostos às picadas dos mosquitos transmissores de moléstias e à umidade dos terrenos marginais.

2) Por essa época e mesmo depois, ou melhor, antes e pouco após a fundação do povoado que daria origem à cidade de Olímpia, como vinha acontecendo desde a primeira penetração do civilizado nessas paragens, para a luta desigual contra as moléstias e a morte, viu-se o homem compelido a procurar recursos no próprio meio, valer-se dos conhecimentos práticos ditados pela experiência ou transmitidos pela tradição oral de pai para filho, isto é, era levado a recorrer à medicina caseira e a crer na eficácia das «simpatias».

Mas quase sempre os moradores dessas regiões, distantes dos centros urbanos mais populosos, recorriam a pessoas mais esclarecidas, geralmente leigas, que se dedicavam à cura de doentes.

A medicina caseira ou doméstica não era senão um imperativo das circunstâncias e não havia como menosprezar a terapêutica empírica, às vezes ingênua, daqueles tempos. Então, numa rica flora, medravam um sem-número de plantas medicinais, onde todos iam buscar alívio para as dores e a cura para os males: a quina, a aboboreira, o taiuiá, a onima, a salsaparrilha, o nhambu, a alface silvestre, a alutua (o abutua) do campo e do mato, a carobinha, a caroba da mata e do campo, para os rins; o cipó suma, diurético e tonificante; o velame ou açogue dos pobres, purgativo; a almacega, de que se faziam parches, para a extração de vermes; o fe-to macho ou samambaçu, raiz vermífuga, principal-

mente contra a ténia (solitária); a douradinha do campo, diurético; a expelina, purgativa; o estramônio, planta venenosa e remédio para asma; o fumo bravo, aplicado em clisteres para sezões; gervão, para hepatite crônica; o sabugueiro indígena, diaforético; o urucu, expectorante, antídoto do veneno da mandioca; o jaborandi, sudorífico enérgico; a japecanga, com as mesmas virtudes curativas da salsaparrilha; o jatobá, cujas sementes eram usadas no combate à asma; a erva-de-são-joão ou mentrasto, aromático usado na cura da anasarca (edema generalizado); a erva solidônia, para os olhos; a erva-de-santa-maria, poderoso antelmíntico; a erva-tostão, desobstruente do fígado; a ipecacuanha, vomitiva; o pinhão bravo ou de cerca, de cujo tronco emana um suco leitoso, usado para cicatrização e o fruto é de efeito purgativo; a purga do gentio, a raiz de guiné e o bicho de corvo, que associados são de um maravilhoso efeito para certas afecções cutâneas; a sucupira (vagem) para o fígado e o estômago; o jaracatiá, usado para a cura da tosse; o limão de uso variadíssimo e mil outras.

3) Mas além das mezinhas da variada flora medicinal, recorriam-se aos remédios de origem animal e mineral e ao acervo terapêutico de processos sobrenaturais ou de magia, misto de fé religiosa e crença no poder curativo, para a solução dos males físicos. O medo da morte, o pavor do feitiço, o mau-olhado justificavam não só a existência dos «curandeiros de raízes» como também dos «curadores de benzeção».

O «curioso», o «benzedô», o «raizeiro», o «curadô» e o boticário eram acatados, procurados nas horas aflitivas.

Exemplo de «benzeção» daqueles tempos pode ser lido em «Barretos de Outrora», de Osório Rocha e aqui o transcrevemos textualmente:

Para picada de cobras: «Assim que qualquer pessoa for murdida de cobras, queime imediatamente o lugar com um tição de fogo que fique bem queimado. E bebe logo uma caneca d'água salgada. E fuja da vista de mulher que teje c'os mensturo e não paze rios. E procure outros remédios com contras boas. E que benza, e o doente que se confece, e sacram. te» ou então «Água com sal, é contra de tais peçonhas. O duente deite em coro do lobo e tome 18.<sup>a</sup> do d' o coro raspado e repitasse esse remédio».

«Duas amostras de benzeção, muito usadas pelos nossos caboclos» recolhidas por illustre médico barretense, são as seguintes:

Para vento virado põe-se a criança de cabeça para baixo, espreme-se leite materno na sola dos pés, dá-se três tapinhas em cruz e, em seguida, sacode-se a criança para baixo três vezes.

Para quebranto: «deitada a criança, a mãe pula por cima dela três vezes, de um lado para o outro, ao mesmo tempo que diz: eu hei de te criar se tiveres quebranto, Nossa Senhora que há de te curar». Depois de cada pulo, reza um Ave-Maria.

No fim de três pulos, reza um Padre-Nosso e uma Ave-Maria, oferenda à Virgem Maria.

4) No que se refere à arte de curar, nesses tempos de antanho, recentes pesquisas, em Olímpia,

mostraram que não diferiam, essencialmente, da medicina prática usada na, então, Espírito Santo de Barretos (sede do Município) do curandeirismo empregado no Sertão de Olhos d'Água, como se pode ler no resumo da conferência, publicada por ocasião do primeiro centenário daquela cidade, pelo Dr. Wilson Ferreira de Melo, que aqui transcrevemos:

«No terreno terapêutico, vamos recordar os remédios usados para as doenças mais freqüentes: maleita, sarampo, cobreiro, resfriados, pneumonia, feridas, fraturas, etc.

Para a maleita foram afamadíssimas as caferanas, pílulas de quinino, tomadas na dose de 3 pílulas, 3 vezes ao dia. Um dos modos de dar o sulfato de quinino, mais conhecido no meio do povo era o seguinte: dissolver um cabo de colher de sulfato de quinino em caldo de limão, misturar com café e tomar. Outro medicamento usado era o cozimento de jenipapo (fruto), remédio de mau gosto. Os curandeiros diziam ser infalível, bastando uma única dose (uma ponta de faca, das pontudas), o calomelanos, misturado a meia colher de açúcar mascavo.

Para desobstruir o fígado ruibarboem doses não purgativas.

Para sarampo, era recomendado o chá de fezes de cachorro, bem secas e brancas, chamadas jasmim de cachorro (\*) misturadas com flores de sabugueiro, às xícaras. Recomenda-se trazer quarto bem fechado, com baeta vermelha na janela e cobertores vermelhos, para favorecer a erupção.

No rosto, nas mãos e outros lugares onde se queira que não saísse sarampo, passava-se açafraão. Para não sair na boca, passava-se mel rosado, mais tolerável. Ficavam proscritos os banhos, enquanto o sarampo não estivesse bem seco.

Para cobreiro, raspar uma vela, espalhar sobre a placa eruptiva, cobrir com uma leve camada de algodão e pôr fogo. Para que o cobreiro ficasse circunscrito, simpatia boa era escrever Ave-Maria em torno da placa, com tinta de modo que a última letra do nome viesse se colocar imediatamente atrás da primeira.

Os resfriados e a pneumonia fizeram entrar em uso terapêutica variadíssima. Eis uma prescrição: põe-se 3 ou 4 carocinhos de carapiá em tigela com água fervendo e tampa-se. Junta-se em seguida uma película de limão galego, folhas de mamoeiro, fumo bravo e paratudo. Patomar adoçado, preferivelmente com mel, às colheradas, de duas em duas horas. Esta, para reputada violentíssima: sumo de assa-peixe, misturado com azeite preto. Outra, também para pneumonia: uma ponta de faca de tártaro emético, em água morna. Dose única.

Para febre em geral e para doenças em que o paciente apresentava língua suja, para as inflamações da garganta: dar purgante e, no dia seguinte, vomitório de poaia. Nas inflamações de garganta ainda se usava pano molhado em água tartárica, para envolver o pescoço.

Para fraturas: partem-se diversos limões ao meio; depois de salgados, são assados em cinza bem quente. Tira-se o miolo dos limões e faz-se com ele um emplastro que depois de

amornado vai envolver o membro fraturado. Este, que já deve estar no lugar, recebe uma esteirinha que o envolve, bem apertada, e que se pode apertar ainda quando necessário. Pode-se substituir o limão por erva-de-santa-maria, que então tem que ser emulsionada em azeite. Não se pode dispensar o sal.

Para as tosses rebeldes, oriundas de gripes e bronquites, mas somente enquanto não estiver declarada a «tísica», usava-se amendoim cru (60 vagens), bem socado, misturado com leite e açúcar ou mel, para tomar às colheres.

Para diarréia: infuso de brotos de goiabeiras. Para feridas: socar folhas verdes de fumo, retirar o sumo, juntar meia ou uma colher de creolina e igual quantidade de enxofre. Levar ao fogo, misturado com banha de porco, até secar toda a água e dar consistência de pomada. Esta apresenta-se com bela cor verde, mas de cheiro nauseabundo. Excelente para «já começa» (sarna).

O óleo de rícino era panacéia universal. A sangria também era usada para curar tudo, principalmente cefaléias rebeldes, pneumonia, pleuriz, congestão cerebral, febres altas, etc. e principalmente naquelas ocasiões em que o curandeiro ficava tão atrapalhado com a marcha da doença, que tudo ficava negro como breu na sua frente. Era feita com lanceta, espécie de folha de canivete, que virava para ambos os lados do cabo, de corte fino como o de navalha. Os barbeiros, por essas bandas, não faziam sangrias pela simples razão de que aqui não os havia. O primeiro figaro deve ter parecido aqui em 1895 ou 1892 a dar-se creditado à tradição, ele não sabia cortar cabelos, quanto mais veias.

Os regimes mais comuns eram caldo de galinha e canjica de milho. É conhecido o aforisma: prevenção e caldo de galinha não fazem mal ao doente. O nosso caboclo, humorista, não perdia a oportunidade de fazer anedotas em torno desse regime. Se hoje somos mais glabros, não é por culpa de nossos antepassados.

Em toda doença febril tomar somente água morna. O banho, raramente. A regra é sua proibição. Pouca comida. Tão pouca que não se podia fazer emplastro de fubá, pois era devorado às escondidas pelo doente. Não se podiam misturar banana, laranja e leite entre si. Eram venenos mortais. Laranja verde também era veneno. Mesmo a madura, de manhã é ouro, meio dia é prata e de noite mata».

5) Para concluir vamos registrar os nomes das pessoas que, por aqui, desde a época dos pioneiros até o início deste século e mesmo durante os anos mais próximos dos nossos dias, mais se destacaram na tarefa de tratar de seus semelhantes, muitas das quais gozaram de respeito de toda gente e não raro de enorme prestígio político.

Na, então, Espírito Santo de Barretos (depois Barretos, em 1906), Manuel Antônio da Silva (Cuiabano), Francisco Antônio das Chagas (Chico Boticário), Silvestre de Lima, Antônio Marcolino Osório de Sousa, José de Menezes Ferreira (Ferreirinha), João Carlos de Almeida Pinto, João Batista Soares, Sezefredo Pinto da Cunha, Jerônimo de Almeida Silveiras, Joaquim Mathias da Fonseca, Carlos Ferreira de Brito, Ismael Telasco de Miranda, Francisco Onorato são nomes até hoje lembrados. Alguns chegaram a políticos de renome, com patentes da Guarda Nacional.

Joaquim Francisco Brás, fundador de São Benedito, dedicava-se à cura de doentes e praticava intervenções cirúrgicas até seu falecimento, em 1899.

Em Baguaçu de 1890 até 1904, Joaquim Alves de Lima era quem, em sua farmácia, atendia vasta clientela.

O nome de Narciso Bertolino, desde 26 de julho de 1904, quando aqui chegou, esteve sempre ligado aos acontecimentos históricos de São João Batista de Olhos D'Água (Vila Olímpia, depois Olímpia).

Sócio da farmácia situada na esquina da rua São João com Américo Brasiliense, de 1906 a 1908 e com sua «Farmácia Popular» construída na Praça Nossa Senhora Aparecida, em 1909, dedicou longos anos à arte de curar que aprendeu nos livros, tornando-se um competente e atencioso boticário, cuja fama atravessou fronteiras».

\* A prescrição de «fezes de cães», para a cura de moléstias, pelos curandeiros de nossa região, é mais uma prova de que «a cultura espontânea do povo, assimila muito da erudita» - como afirma a professora Maria do Carmo Vandramini.

Medeiros e Albuquerque, ao referir-se ao Dr. João Silva (médico e professor da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, 1884/1889) diz que esse médico passava por ser um clínico abalizado e tinha uma formidável clientela. Especialista em doenças do peito, com ele gracejavam um pouco, porque ele gostava muito de receitar «jasmim de cachorro».

«Jasmim de cachorro é o excremento branco dos cães aos quais se dá uma alimentação exclusiva de ossos. Quando eles evacuum, a evacuação é perfeitamente alva, porque se compõe da cal que devoraram. Era isso, esse limpo medicamento, que torrado e pulverizado, o Dr. João Silva dava aos clientes.

No final de contas o que ele fazia não passava do que depois se chamou opoterapia. Mas há meios mais limpos de chegar a esse resultado». (Cf. Medeiros e Albuquerque - «Quando Eu Era Vivo...» - pág. 56 - Livraria Globo, 1942).

## ARTESANATO FOLCLÓRICO

# A arte brota da palha de milho

Antônio Amaro Monteiro

O folclore permanece vivo em todos os acontecimentos. Não morre nunca. Pelo contrário, renasce.

(membro do Centro de Pesquisas e Estudos Folclóricos do C.E.N.E. «Cap. Narciso Bertolino» - Olímpia. Aluno da 1.a série do 2.o grau-1975)

A única ameaça que sobre ele recaía: a industrialização, apenas modificou e, por paradoxal que pareça,

reforçou algumas de suas formas mais populares.

E ao falar em Folclore, Artesanato e Palha de Milho queremos nos referir à D. Francisca Porto Bôni. Trata-se de uma artesã praticamente desconhecida.

A residência dela é quase no fim da Avenida «Dr. Andrade e Silva», n.º 799, trecho ainda não asfaltado, bem próximo ao Bairro São José.

A casa é bem modesta, muito limpa e de benévola acolhida. No quintal, alguns canteiros de hortaliças para o consumo da própria família.

Em redor da feliz vivenda, como se a quisessem cingir num doce cenário, belas paisagens desenhadas nos muros, abertas ao sol, ao vento e à chuva. São pinturas ingênuas e comunicativas de José Roberto, moço, filho da artesã.

Muitas crianças, falantes, brincam, por perto, quebrando a monotonia do local.

Ali, Deus é foco resplendente de grandeza e glórias.

## A ARTISTA



D. Francisca comunica sua arte com palha de milho. É uma senhora forte e parece muito sadia. Tem pele bem amorenada, olhos miúdos, cabelos fartos e macios. Ri, o bom riso de quem vive feliz e ama a vida. Nasceu no dia 4 de março. Já completou 52 anos de idade.

Sentada numa cadeira baixa, passa horas tecendo palhas. É paciente. O nervosismo nunca molda o seu caráter.

Vive cercada pelos netos que lhe tributam muita alegria. Interrompe constantemente seus trabalhos para atender aos afazeres domésticos.

Nascida em Bebedouro, neste Estado, desde a infância reside no Município de Olímpia. Casou-se com o Sr. Pedro Bôni. O casamento realizou-se na Igreja de Cajobi, Município pertencente à Comarca de Olímpia.

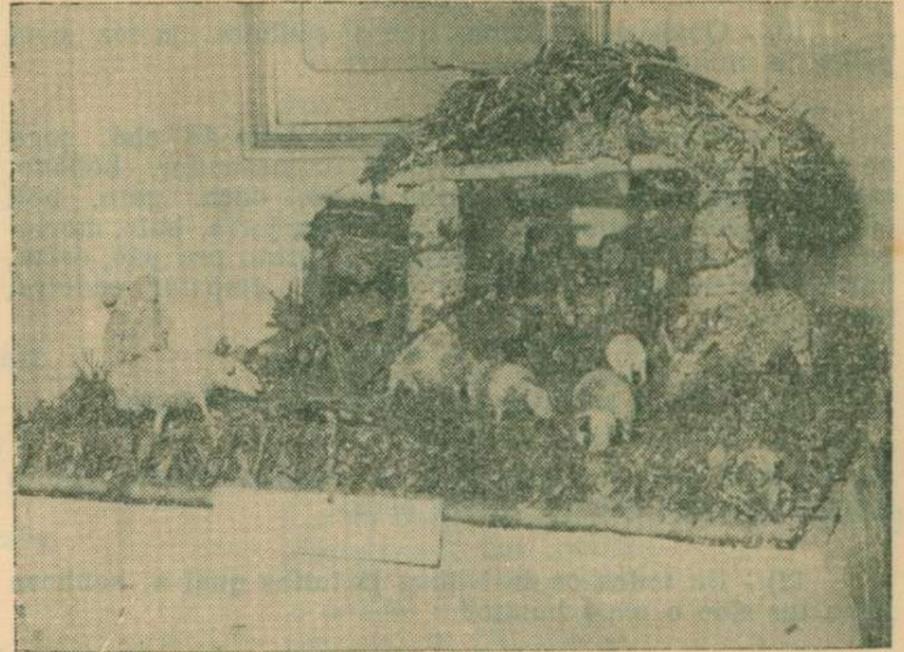
Deste casamento nasceram-lhe vinte e dois filhos, dos quais 13 estão vivos. Dos seus filhos, sete estão casados e seis ainda são solteiros. Nunca frequentou escolas, mas consegue ler, um pouco, as letras de forma. É membro e praticante da Igreja Pentecostal «Deus é Amor».

Revela ser uma crente entusiasmada, uma propagadora fiel de Cristo.

Esta artista cristã optou pela palha de milho. Para colorir seu trabalho, usa cores vibrantes que apare-

cerem em desenhos, na maioria, baseados na fauna brasileira. Emprega cores quentes, frias, leves e pesadas.

A combinação harmoniosa de suas cores é um recurso poderoso para criar beleza e serenidade nos seus trabalhos.



## Material, Técnica e Execução da Obra

1) - D. Francisca, há quanto tempo a senhora faz trabalhos em palha de milho?

— «Faz quase uns vinte anos».

2) - Com quem a senhora aprendeu a fazer esses trabalhos?

— «Quando nós morava na Fazenda do Seu Osvaldo Guioto eu conheci a D. Maria Pegoraro (D. Mariinha). Ela morava na fazenda da família Gotárdi, lá na Santa Cruz. D. Mariinha fazia cestas. Então eu aprendi a dar o ponto na palha. Imitei ela e consegui. Então eu criei uma porção de coisas diferente. D. Mariinha ficou admirada, porque ela não conseguia fazer outras coisas. Só cestas».

3) - O que a senhora emprega para produzir seus trabalhos?

— «Uso só palha. Eu desfio bem a palha. Quanto mais fininha ela é mió pra trabaiá. Depois eu móio na água fria para ficar fácil pra dar o ponto.»

4) - Os pontos (nós) são dados à mão livre?

— «Pra que os pontos fique bem firme eu uso um grampo de cabelo (ramona) que eu finco num pedaço de madeira pra mim poder puxar a palha».

5) - D. Francisca, quando a senhora quer fazer uma onça, por exemplo, é preciso uma forma de madeira ou uma armação de arame?

— «Não preciso de nada. Vou tecendo a palha e faço o que quero».

6) - Para colorir a palha, que tinta a senhora utiliza?

— «Anilina. A gente compra os tubinho da cor que quer nos armazém. Não custa caro».

7) - Como se faz para colorir com anilina?

— «Ferve bem a água num caldeirão e coloca a anilina dentro. Deixa ficar mais um pouco fervendo. Depois põe a palha dentro e deixa ficar ao menos uns cinco minutos. E pronto».

8) - Quanto tempo a senhora gasta para fazer uma peça?

— «Não sei quanto tempo leva. Eu tenho de cuidar da casa, fazer comida, lavar roupa. Então só nas horas vagas é que trabaió. as vez, faço uma carreira, duas ou

três e paro pra fazer outro serviço. É por isso que não sei quanto gasto pra fazer uma peça».

9) - Não lhe dói a mão ao dar os nós na palha?

— «Não sinto nada. Quando aprendi, no começo, sentia dor nas mão. Mas hoje não sinto nada».

10) - Quais os trabalhos que a senhora já fez com palha de milho?

— «Já perdi as conta. Eu já fiz: jogo de chá, jogo de licor, jogo de café, boneco, caçador, pescador, bêbado, cavaleiro, galo, arara, periquito, peixe, onça, gato, boi, carneiro, pato, galinha, cavalo, cachorro, jarra, bule, moringa, panela, flores, fruteiras, bandejas, prato pra pão, cesta, bolsa, chapéu, tapetes, encapei garrafa, empaiei cadeira, presepio».

11) - Qual o trabalho mais difícil de ser feito?

— «Eu acho mais complicado é o chapéu. Gasta muito mais tempo que qualquer outra peça».

12) - De todos os trabalhos já feitos qual a senhora julga ter sido o mais bonito?

— Eu acho que foi o presépio. Eu fiz dois presépio. Vendi os dois pro Prof. José Sant'anna, aqui de Olímpia».

13) - O seu trabalho só serve de enfeite ou há algum que possa ser usado?

— «Tem bastante que a gente pode usar. A gente pode usar o tapete, a cesta, o chapéu, a fruteira, a bolsa, a bandeja e o prato pra pôr pão. Os outros só serve para alegrar a casa».

14) - Quanto a senhora cobra para fazer um trabalho?

— «Eu não sei quanto vale. Cobro bem barato. O preço é de acordo com a peça que a pessoa quer.

O trabalho mais caro que já fiz foi os presépio».

15) - Vale a pena fazer trabalhos de palha de milho?

— «Vale, porque a gente gosta. É um passatempo. A gente pensa em fazer uma coisa, tenta e consegue».

16) - Quem compra seus trabalhos?

— Quem mais compra é o professor José Sant'anna. Também tem muitos estudantes que compra pra botá nas exposições».

17) - D. Francisca, a senhora sabe fazer outros trabalhos além de palha de milho?

— «Sei fazer nintura em cartolina. Desenho gente e bichos. Isto com quarela. Sei fazer pintura em pano. Não aprendi com ninguém, mas sei fazê».

18) - A senhora gostaria de ver seu nome e sua fotografia publicados numa revista?

— «Eu gosto. Assim muita gente fica sabendo dos trabalhos que eu faço e pode vim comprá».



Como vimos, os trabalhos de D. Francisca ou são utilitários: bolsas, pratos para pão, cesta, etc. ou servem apenas de adorno: joguinhos de chá, café, etc.

A figura de D. Francisca serve de exemplo a muita gente. Foi numa manhã fria do mês de julho que a conheci. Combinara com ela uma entrevista. Esta se realizou no dia 15 de julho. Recebi instruções do nosso orientador, Prof. José Sant'anna, que é o descobridor dessa artista pouco conhecida. Soube, conversando com o referido professor e folclorista, que um dos seus famosos presépios está exposto no Museu de Artes e Técnicas Populares do Brasil (Folclore), no Parque Ibirapuera - São Paulo - e para lá foi levado em 1969 - II,ª Festa do Presépio e Artesanato de Natal, na 1.ª quinzena de dezembro, por solicitação da Comissão Estadual de Folclore e Artesanato (Conselho Estadual de Cultura) da Secretaria de Estado dos Negócios da Cultura, Esportes e Turismo do Governo de São Paulo.

Esse presépio causou tanta admiração entre os visitantes e membros daquela Comissão que serviu de manchetes a muitos jornais da capital paulista.

No ano seguinte, 1970, era o Museu de História e Folclore de Olímpia enriquecido com um Presépio de Palha de Milho de D. Francisca, o qual, primeiramente, foi exibido na 2.ª Exposição de Presépios de Olímpia, no salão-nobre do Sindicato Rural.

Como ela mesma disse, não tem boa renda com a produção desses trabalhos, mas eles lhe servem de entretenimento.

E nesta arte, misto de simplicidade e beleza, D. Francisca ganha logo a simpatia de quantos a visitam e conhecem a sua «palha de milho».

## FILATELIA



## O FOLCLORE em selos postais

E o Correio do Brasil descobriu filatelicamente o folclore nacional. «Antes tarde do que nunca» diz o velho brocardo. Foi necessário mais de um século de emissões para que se retratassem em selos o «folclore» e «artesanato» brasileiros. Depois de emissões esporádicas, e das séries emitadas em 1972, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos dedicou anção especial às artes, lendas e manifestações populares.

A série «Lendas Populares» foi rica



# O FOLCLORE DE OLÍMPIA

Creemos que os fatores que mais concorreram para que José Sant'anna se tornasse folclorista foram, sem dúvida, o gosto pelo estudo de idiomas, a tendência vocacional (não de todo aproveitada) para a música, a formação religiosa e, sobretudo, a meninice e parte da adolescência transcorridas num pequeno núcleo urbano, com características rurais, onde o folclore era como algo vivo e dominante.

Recentemente, estivemos revivendo as suas primeiras tentativas, no trato dos fenômenos folclóricos. Os passos iniciais, ainda vacilantes, não o levaram, felizmente, a desistir da jornada. É bom que ele próprio fale dessa época:

«Há muito pensávamos, desde os bons tempos do Colégio Olímpia, em 1957, criar em nossa cidade um órgão que pudesse proteger e divulgar o folclore de nossa região. Começamos com uma série de palestras acerca da importância dessa ciência. Fizemos algumas coletas. Montamos uma exposição (muito humilde). Em 1958 repetimos o mesmo trabalho acrescido de algumas pesquisas de campo, realizadas por estudantes de grau mais adiantado e uma exposição nas vitrinas de «A Triunfal Modas». Em 1959 a exposição foi para a «Camisaria das Fábricas». Nos anos de 1960, 1961, 1962 e 1963 as exposições foram montadas internamente no referido Colégio Olímpia (hoje extinto). Em 1964 levamos, novamente, nossa exposição ao público, instalando-a, desta vez, na Exposição de Móveis Bandeirantes. Nessa ocasião já estava mais ampliada». (1)

De fato, ele começou por reunir material para exposições folclóricas, a fazer pesquisas e, em seguida, a registrar tudo quanto brotasse da alma simples e ingênua dos humildes filhos do sertão. Tal era o encanto que encontrava naquele tesouro valioso, porém, dissipável que se decidiu a estudá-lo e a dedicar-lhe todas as suas horas disponíveis (2). É bom frisar que ele não teve mestre, nem orientador ou guia. Ao contrário, foi o seu entusiasmo pelo folclore que acabou por contagiar seus antigos professores, os quais, passaram, então, a consagrar também parte do tempo àquele ramo do saber humano. Mas nenhum de nós conseguiu suplantá-lo em dedicação, esforço e conhecimentos.

Não tardou muito a colher os melhores resultados de suas pesquisas e de seus estudos. Em 1965 realizou o primeiro Festival Folclórico, com exposição montada na «Taba do Carajá», a participação de Ely Camargo, notável intérprete das nossas músicas e encerrado com um magnífico desfile. Pela mesma época ou mais precisamente a 17 de agosto de 1965, o governo federal baixou o decreto n.º 56 747, instituindo o «22 de agosto» como o «Dia do Folclore».

Dai por diante, não mais parou. Por intermédio de Ely Camargo travou conhecimento com o Dr. Rossini Tavares de Lima e, logo após, com a Profa. Laura Della Mônica, ilustres folcloristas, tornando-se a seguir, membro efetivo da Associação Brasileira de Folclore.

Em 4 de julho de 1966 criou o Departamento de Folclore de Olímpia, constituído de professores do ensino médio, cujo objetivo era incentivar o estudo do folclore e chamar a atenção para a sua extraordinária importância. Esse ano e os seguintes foram férteis em atividades de caráter cultural: cursos intensivos, conferências, exposições, etc. Em 1966, no Museu do Folclore do Ibirapuera foi criada

uma seção especial para Olímpia e 2.º Festival alcançou a mais larga repercussão.

Quando a 27 de julho de 1967, o governador Abreu Sodré, assinou o Decreto n.º 43 310, estabelecendo «agosto» como o «Mês do Folclore» já se preparavam os festejos do 3.º Festival da cidade, que contou também com a primeira exposição filatélica (I.ª Olimpex). Em 27 de setembro foram designados Rossini Tavares de Lima, José Sant'anna, Alfredo João Rabaçal, Hélio Damante e Laura Della Mônica para, sob a presidência do primeiro, constituírem a Comissão Estadual de Folclore e Artesanato.

Sucederam-se o 4.º, o 5.º e o 6.º festivais em 1968, 1969 e 1970, respectivamente, nos quais todos puderam notar que um esforço permanente de aprimoramento vinha animando cada vez mais o criador e organizador da Grande Festa. Dois discos tinham sido lançados, em 69 e 70, com melodias coletadas na região, sob o título «Olímpia e seu Folclore Musical». Os dois jornais da cidade circularam com variada matéria folclórica e, em 1970, o Tablóide da Nova Paulista brindou-nos com um número especial dedicado ao 6.º Festival. Em 8 de maio, o Governador do Estado por um decreto, oficializava «para fins de sua inclusão no Calendário Turístico do Estado a Festa do Folclore» que se realiza anualmente no município de Olímpia, no mês de agosto.

Durante o ano de 1971, três cursos foram organizados: «Iniciação à História de Olímpia» (de 22 a 30 de março), «Danças Folclóricas Brasileiras» (de 25 de junho a 7 de julho) e «Folclore e Literatura» (de 21 a 31 de julho). Nesse ano, pela primeira vez editamos o «Anuário» e o 7.º Festival contou, entre outras presenças ilustres, com a inimitável cantora Inesita Barroso.

Por ocasião do 8.º e do 9.º festivais, em 1972 e 1973, respectivamente, tornamos a editar o «Anuário», que no 10.º Festival, em 1974, deixou de ser publicado, por motivos alheios à nossa vontade.

Chegamos, agora, ao 11.º Festival Folclórico de Olímpia. O caminho percorrido foi longo, mas os resultados excelentes. O folclore tem tido ampla divulgação; os grupos folclóricos locais foram protegidos; estão salvos os restos de muitas melodias criadas pela gente da região e um museu existe em que são expostos alguns «testemunhos da sabedoria anônima das gerações passadas».

Quanto à Grande Festa de agosto, de início feita apenas com participação de grupos locais, recebeu com o passar do tempo a adesão de valorosos elementos de outros municípios do nosso Estado e, finalmente, de outras unidades federativas do país, como o distante Maranhão, a histórica Bahia, a vizinha Minas Gerais e outras. É a razão por que Olímpia pode orgulhar-se mais do que nunca de ser a verdadeira «Capital do Folclore».

*Rothschild Mathias Netto*

(1) - José Sant'anna - Folclore - Festa de um povo que se entende (Anuário do 7.º Festival)

(2) - Rothschild Mathias Netto - O Criador dos Festivais e o Folclore (Anuário do 7.º Festival)

# QUE É FOLCLORE?

Prof.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Borges Ribeiro

(Assessora de Folclore do Programa de Ação Cultural do Ministério da Educação e Cultura)

## 1 - Quando e onde apareceu a palavra Folclore?

No dia 22 de agosto de 1846, em Londres, foi criada pelo arqueólogo inglês, William John Thoms que a propôs à revista *The Athenaeum*, para designar os registros dos cantos, das narrativas, dos costumes e usos dos tempos antigos. Thoms escolheu duas velhas raízes saxônicas: Folk, que significa povo, e Lore, saber, formando assim Folk-lore, sabedoria do povo. Com o decorrer do tempo, as duas palavras foram grafadas sem o hífen, formando uma só: Folclore, como foi usada no Brasil, até que a reforma ortográfica suprimiu a letra k, substituída, no caso, pela letra c, derivando a forma Folclore.

## 2- Que é povo?

A palavra povo, que usamos a toda hora, precisa ser bem compreendida, pois tem diversos sentidos, de que salientaremos os principais. Povo é a gente que, embora, de várias raças, possui um modo de vida comum e habita um mesmo território. Confunde-se com a idéia de nação. Assim nós falamos do povo brasileiro, do povo francês ou do povo alemão. Assim dizemos que os deputados são os representantes do povo. Povo pode ser também uma aglomeração de gente, quando se diz que havia muito povo numa festa ou numa manifestação. E, por fim, povo é a gente que pertence às camadas menos favorecidas, econômica, social e culturalmente, da sociedade, por exemplo, quando se diz que o povo fala errado. Neste último sentido, é que entendemos povo (em inglês folk) na concepção do folclore, a sabedoria do povo. E a expressão se usa também para indicar os grupos em estado mais simples e natural, de vida rudimentar. Os nossos índios por exemplo. Também estes nos interessam, pois muitos autores os fazem portadores de folclore.

## 3- Qual é a sabedoria do povo?

É tudo quanto o povo faz, pensa e sente. É a cultura do povo, cultura de folk, variável em suas manifestações conforme a herança de conhecimentos transmitida pelas gerações anteriores. É o comportamento, a atitude do homem diante de um fato, de uma pessoa, de um animal. Esse comportamento resulta de um conjunto de crenças e práticas que se ligam às atividades, às técnicas, às normas sociais.

## 4- Qual o conteúdo da sabedoria do povo?

O Folclore, sendo a sabedoria do povo, a cultura do povo, abrange todos os campos da vida humana, incluindo seus mitos e lendas, suas histórias, parlendas, adivinhas e provérbios, seus contos e encantamentos, suas juras, preguiças, xingamentos e gestos, e também suas danças, seus teatros, suas artes, seus instrumentos e cantigas, suas festas tradicionais, suas crenças e credulidades, sua magia, seus tabus e superstições,

sua medicina, seus rezadores e benzedores, suas trovas, desafios e romances, suas orações, seus brinquedos e seus jogos, suas técnicas populares, suas rendas, bordados, trançados e cestarias e sua cozinha.

## 5- Onde está o Folclore?

Está e se desenvolve entre o povo e nas sociedades naturais, como entre índios, esquimós, pigmeus, aborígenes. Mas não permanece nesses meios, sobe também à sociedade, influi nas camadas eruditas e ainda se projeta, como inspiração, nas letras e nas artes.

Como influência do Folclore nas camadas eruditas, podemos citar, dentre outras manifestações, as superstições (pessoais ou de classes, como as dos jogadores - de futebol e de carta - motoristas, aviadores, etc.), ora praticadas publicamente, ora em reserva. Entre as que não impõem qualquer pejo ao portador, destacamos o horror ao número 13, às sextas-feiras, ao gato preto, à coruja, o bater em madeira quando nomeadas certas pessoas que acredita dêem azar, fazer figa contra mau olhado, entrar com o pé direito na sala de aula em dia de exame, em avião, etc. Afóra as superstições, que são incontáveis, vicejam francamente na sociedade práticas religiosas de cunho fetichista (homenagens à lemanjá, doces de São Cosme e Damião) e uso intensivo de talismãs e amuletos.

Como fonte inspiradora, tem o Folclore vivificado obras literárias e artísticas. O movimento da revalorização da cultura popular teve início no começo do século passado, com o romantismo, e, assim, velhos temas musicais motivaram sinfonias e concertos, e as histórias, os usos e costumes, incorporados a romances e ensaios. Além do emprego desses contos e melodias na literatura e na música, os estudiosos pesquisaram as suas raízes, os caminhos e meios de transmissão, chegando, por vezes, a marcar como seus antepassados raças muito antigas e já hoje extintas.

No Brasil, o aproveitamento do Folclore começou no século passado em obras de José de Alencar e Gonçalves Dias, na música de Alexandre Levy e Alberto Nepomuceno, que brilhantes nomes do século XX iriam continuar. Também as artes plásticas, o teatro e cinema se voltam para essa fonte de beleza inesgotável.

## 6- Como saber se um fato é folclórico?

O fato folclórico tem uma série de características próprias:

a) a primeira é o anonimato, isto é, não tem autor conhecido. Naturalmente tudo tem um autor, foi feito por alguém pela primeira vez, mas o nome desse alguém, desse autor, se perdeu através dos tempos, despersonalizando-se, assim, a autoria. A história de Dona Baratinha que se considerou muito rica ao encontrar um vintém e, por isso, saiu à procura de quem com

ela desejasse casar-se — nos parece, pelos seus elementos, essencialmente brasileira, pois o noivo é o nosso conhecido João Ratão, que no dia do casório, por gula, morre num caldeirão que continha nossa feijoada. Mas, já havia sido registrada em uma coleção de estórias da Índia, há quase dois mil anos. Quem foi seu autor? Ninguém sabe. E quem inventou os brinquedos de roda com suas cantigas, as danças, as adivinhas, as trovas, os diatados? Quem disse, pela primeira vez: quem quer vai, quem não quer manda?

b) a segunda característica é a aceitação coletiva, é a aceitação do fato pelo povo e é essa aceitação que despersonaliza o autor. O povo, aceitando o fato, toma-o para si, considerando-o como seu, e o modifica e o transforma, dando origem a inúmeras variantes. Assim, uma estória é contada de várias maneiras, uma cantiga tem trechos diferentes na melodia, os acontecimentos são alterados e o próprio povo diz: «quem conta um conto, acrescenta um ponto». A mesma coisa acontece com as danças, os teatros, as técnicas. Tudo pode ser modificado, porque o povo dança, mas suas danças não têm regulamento, não são codificadas, tanto pode o conjunto de dançadores dar 3 voltas completas como apenas uma, a indumentária tanto pode ser rica e colorida como simples e ingênua. Há, contudo, uma certa estrutura que determina aquela dança, aquela estória, aquela indumentária, aquela cerâmica e as modificações não invalidam o modelo.

c) a terceira característica é a transmissão oral, isto é, a que se faz de boca em boca, pois os antigos não dispunham de outros meios de comunicação. Não havia imprensa, não havia, portanto, nem livros, nem jornais, todos os conhecimentos eram transmitidos oralmente. Essa forma de transmissão, a oral, ainda persiste em meios primitivos e no interior de nosso país, nos povoados distantes, nas vilazinhas esquecidas, nos bairros longínquos. Só se aprende, nessas circunstâncias, por ouvir dizer, e, no que se refere à técnica, feitura de aparelhos rudimentares, de rendas, de trançados, se aprende também por imitação, dispensado, muitas vezes, o ensinamento oral.

Na transmissão oral vive toda a história daquele grupo, daquele povo, e, em qualquer das modalidades particulares (lendas, contos com preceitos morais e normas de procedimento, narrativas imaginosas sobre a natureza e o sobrenatural, cantos, provérbios, parlendas, adivinhas, brinquedos, poesia, etc.) em conexão com o objetivo, facilita a apreensão e a conservação. A aquisição do conhecimento dá a cada qual a possibilidade de difundir-lo, de propagá-lo, cabendo, evidentemente, aos bem dotados, a responsabilidade maior nas cantorias, nas danças e nas técnicas, que se fixam pela prática freqüente, comunicação do exemplo e imitação espontânea.

d) a quarta característica é a tradicionalidade, não no sentido de um tradicional acabado, perimido, coisa passada, sem vida, mas de uma força de coesão interna que define o modelo do conglomerado, da região, do povo, e lhe dá uma unidade. Sem se poderem valer de outros expedientes, como professores, escolas, imprensa, as pessoas do povo se valem da tradição, veiculada pela transmissão oral, a fim de resolver suas situações, buscando na lição vinda do passado o que precisam saber no presente, já que suas possibili-

dades as endereçam mais à sabedoria constituída que à inventiva. A tradição, que é o modo vivo e atual pelo qual se transmitem os conhecimentos, não ensinados na escola, rege todo o saber popular, seja o desenvolvimento de um jogo, de uma dança, de uma técnica, seja uma atitude ante qualquer agente que exija definição de comportamento.

Essa força, que age no sentido de garantir a permanência dos valores de uma cultura, não segue seu destino nem cumpre sua missão sem lutas e empecilhos. Elementos de outras culturas a submetem a pressão, e isto provém de não ser absolutamente fechado o campo da cultura, antes, é um campo aberto onde se agitam as influências do próprio meio e as externas. Somente a inércia poderia retardar essas modificações, mas a cultura é viva, é dinâmica e sofre, evidentemente, impactos em todos os setores.

e) a quinta característica é a funcionalidade. Tudo quanto o povo faz tem uma razão, um destino, uma função. O povo nada realiza sem motivo, sem determinante estritamente ligada a um comportamento, a uma norma psico-religiosa-social, cujas origens talvez se perderam nos tempos. A dança, por exemplo, não é apenas uma repetição de gestos com feição harmoniosa. Inicialmente teria tido um destino, seja decorrente de rito religioso, seja de cerimônia do grupo, e, assim, deve ser vista como parte de um todo, da cultura do povo, é uma expressão a ser analisada como integrante de um contexto.

Por que o povo canta? Canta para rezar, canta para adormecer a criança, canta para trabalhar, canta para festejar as colheitas e os acontecimentos, canta para ajudar a morrer e para enterrar seus mortos. Mas não dá concertos, recitais, audições como os eruditos, as suas festas têm épocas marcadas, com seus cantos e danças próprios. Assim, o Natal é comemorado com grupos de Pastorinhas, Bailes Pastoris e Folias de Reis; o Bumba-meu-boi aparece em datas distintas, variando conforme a região; Congadas e Moçambiques louvam a Senhora do Rosário e São Benedito, e ainda as Danças de São Gonçalo e de Santa Cruz, com destino certo.

## 7 - Devemos estudar o Folclore?

Sim, o estudo do Folclore é o estudo da própria alma de um país, é o estudo do modo de ser da gente do povo, das suas maneiras de pensar, de agir e de sentir, é o estudo da feição nacional nas suas bases mais profundas e mais características. É a cultura de folk, é a mentalidade do povo, é a lição que nos vem transmitida através das gerações, com todo saber empírico das gentes humildes que lastreiam a formação da nacionalidade, para a qual, no Brasil, contribuíram portugueses, índios e negros, cada um com seus usos, práticas e costumes.

Essa sabedoria não é uniforme, não é igual em todo o território, variando de um Estado para outro, pois sofre o impacto das heranças étnicas (às quais se juntam as contribuições de outras raças vindas com as correntes imigratórias) e das influências do meio, consideradas as exigências que as condições fisiográficas impõem ao homem, imprimindo normas e práticas indispensáveis à sua sobrevivência. Variam, assim, os modos de ser das gentes da beira-mar, do planalto, da montanha e do sertão, quer nos

tipos de moradia, de alimentação, de técnica, quer na feição espiritual. Não se viverá ao sul do País com o temor do boto, nem ao centro sob o encanto da sereia, nem na praia se cultuará o Rei da Mata. O lavrador se cercará de crenças e superstições para o bom êxito de suas lavouras, outras serão as do pescador, do boia-deiro, do tropeiro, do garimpeiro.

Se não conhecemos a mentalidade do povo, toda reforma ou regulamentação em qualquer setor da vida humana será vazia e sem possibilidade de êxito. No campo da medicina, da religião, da agricultura, da técnica, ou em qualquer outro, a sementeira germinará se anteriormente o terreno foi estudado, conhecido, preparado.

## 8- Como pode o Folclore ser utilizado na escola?

Muitas ciências e disciplinas e artes estão intensamente ligadas ao Folclore, e, assim, a escola primária dele pode e deve servir-se, como excelente meio de transmissão de conhecimentos, ao mesmo tempo que revelador da cultura do povo.

A sua maior aplicação será no setor de Linguagem oral e escrita, com a amplitude dos contos, nos objetivos éticos, morais e estéticos a serem por meio deles atingidos. A criança é conduzida a um mundo de fantasias, no qual o espírito repousa e se encanta. O conto é um veículo educativo, usado nas mais antigas civilizações e do mesmo modo entre os povos naturais, para realce dos feitos dos seus heróis e das virtudes de seus antepassados. Os provérbios, que representam uma condensação de sabedoria, as adivinhas, que são testes de conhecimentos, as parlendas, os jogos, os brinquedos, recreiam, estimulam as relações sociais e reafirmam a unidade grupal.

Na História do Brasil, na Geografia e nas Ciências, as lendas relativas à escravidão, mineração, bandeiras, heróis, os tipos brasileiros e seus traços culturais, os ambientes em que vivem, as serras e lagoas e mares com seus mitos, animais, vegetais e minerais.

Em Matemática, inúmeras fórmulas e outras contribuições, em parlendas ou poesias e jogos; no Desenho, Trabalhos Manuais, Artes e Artesanatos, o uso do material local, com revalorização de seus usos e seus motivos típicos ornamentais; na Música, as nossas melodias, rit-

mo e instrumentos; ainda a dança e o teatro, com apresentações da beleza que possuímos nesses campos.

O aproveitamento do Folclore na escola primária é das mais válidas contribuições, pela intenção formativa e pelo caráter de nacionalidade que imprime.

No ensino médio e no secundário, passa o Folclore ao plano informativo, numa prospecção profunda da cultura, que levará à conclusão consciente de que «toda cultura tem uma dignidade e um valor que devem ser respeitados e protegidos; em sua fecunda variedade, em sua diversidade e pela influência recíproca que exercem uma sobre as outras, todas as culturas fazem parte do patrimônio comum da humanidade».

Na Universidade, o Folclore deve ser estudado como disciplina autônoma, através de suas implicações antropológicas, sociais, psicológicas e estéticas, para o conhecimento, em profundidade, da cultura popular.

No Brasil, é antiga a lição do aproveitamento do Folclore no ensino. Já nas primeiras décadas de nossa vida, os jesuítas o aplicaram com extrema sabedoria na catequese, utilizando as danças e os cantos indígenas, e encenando seus autos. Anchieta, nosso primeiro mestre, nos legou esse exemplo, nos campos de Piratininga.

A cultura do povo precisa ser estudada, porque é objetivo de todos os governos dar ao povo melhores condições de vida. Ao comentar a revolução dos nossos tempos, da qual um aspecto é «a luta pelo domínio tanto quanto possível científico do destino humano», Gilberto Freyre considera esse domínio de modo algum absoluto, «pois deve conciliar-se com o daqueles valores de sempre, às vezes superiores à própria ciência e guardados pelos clássicos, pelas igrejas e pelo próprio folclore».

Do: Cadernos de Folclore - 1

### Que é Folclore?

3.a edição

Maria de Lourdes Borges Ribeiro

M.E.C.

Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro

Rio de Janeiro — 1971

## Mês de agosto — Mês do Folclore

Laura Della Mônica

(Titular das Cadeiras de Folclore da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e da Faculdade de Pedagogia e Ciências Humanas de Santos. Membro de Entidades Culturais de Folclore do Brasil e do Exterior).

### Mês de agosto

Considerado, pelos brasileiros, como mês do Folclore, e o Brasil, nesse período, mostra ao mundo seus usos e costumes, suas tradições, suas aculturações através dos tempos.

### O passado

O Brasil-menino de Cassiano Ricardo havia rabiscado no seu caderno de figuras a história do seu destino. A história das figuras que na manhã-indígena assistiram à missa rezada pelos marinheiros e ouviram o canto dos orixás. A história das figuras que mais tarde deram lugar aos gigantes e que nas noites cheias de estrelas, nas madrugadas sem-fim-calçando botas de sete-léguas, rasgando caminhos - casaram-se com outras figuras que aqui vieram para, mais tarde, constituírem o Brasil-gigante.

As ladainhas cantadas pelos jesuítas eram ouvidas pelos indígenas que passaram a interpretá-las a seu

modo. As festas começaram a se realizar em épocas certas e variáveis. Os homens bravios, com suas famílias foram se unindo, sentindo a necessidade de cantar e contar as histórias de outras plagas.

As mulheres mostravam, nas suas canastras de baús, as coisas bonitas que haviam trazido e a gente daqui passou a olhar, a sentir e a usar. Tudo foi se misturando, modificando, apocopando, aculturando...

## Precusores

Estudiosos começam a observar que a história do Gigante era muito importante e que devia ser lembrada e mostrada a todos. Falam de Gandavo, Anchieta, das cartas de Caminha e se deliciam com as histórias contadas por eles.

Comentam Debret e se lembram de Bento Teixeira Leite, Guilherme Piso. Então, Basílio de Magalhães conta como era a uiara e toda a sua descendência que proliferou rapidamente por todo o Brasil. Sílvio Romero comenta as noites de cateretês com sapateado e palmeado e as modas-de-viola.

## Criação da palavra

Os Estados já constituídos começam a enviar para o mundo os seus contos, cantos e ritmos, seus estudos e pesquisas. O nome desses estudos era muito variável; confundia muita gente, mas afinal ficou sendo FOLK-LORE, lembrando a carta que William J. Thoms, a 22 de agosto de 1846, enviara à Revista «The Atheneum» para explicar a sabedoria popular, as maneiras de sentir e pensar que ele investigara nas regiões da velha Irlanda, onde permaneceu tanto tempo. Assim, o «Folk-lore» passou a ser o nome do estudo do que o povo fazia, sentia, na sua comunidade, de maneira espontânea.

## Continuadores

Veio uma plêiade de estudiosos que modificou a maneira de contar as histórias do nosso Brasil, através da boca do povo: Mário de Andrade, Renato Almeida e Tarsila. Logo, a seguir, Joaquim Ribeiro, Cecília Meireles, Luís da Câmara Cascudo, Aires da Mata Machado, Mário Ipiranga, Alceu M. Araújo, Hélio Damaute, Rossini Tavares de Lima, Osvald de Andrade Filho, Hildegardes Vianna, Veríssimo de Melo, Osvaldo Cabral e tantos outros que foram se reunindo em grupos, para a pesquisa de campo. Quando abrimos os olhos estávamos envolvidos no mesmo meio e não pudemos mais sair.

Nesse tempo cria-se a Carta Magna de Folclore Brasileiro, documento onde se encontram os princípios fundamentais e as normas de trabalho a respeito do Folclore no Brasil.

## Aconteceu em São Paulo

Muitos países aqui vieram para ver o Brasil de perto, saber direito das manifestações de danças, folguedos, superstições e credices, literatura popular, brinquedos, vestimentas, comidas e tantas outras coisas. Do encontro (I Congresso Internacional de Folclore, 1954) resultou uma série de modificações a respeito do estudo do Folclore no Brasil.

## Outros Países

Portugal começa a estudar através de Gastão Bittencourt, Jorge Dias, Pires de Lima o que havia de comum entre nós. A França, Inglaterra, Espanha, publicam obras contando o que havia de parecido. E os países sul-americanos, nossos vizinhos de fronteiras, ficam sabendo que ainda eram nossos irmãos.

## Conceituação do Fato Folclórico

A conceituação do fato folclórico começa a preocupar os seus interessados. Folclore é a cultura espontânea e também a ciência que estuda essa cultura. Eis a definição aprovada no Congresso Internacional de Folclore: «Considera-se fato folclórico toda maneira de sentir, pensar e agir, que constitui uma expressão da experiência peculiar de vida de qualquer coletividade humana, integrada numa sociedade civilizada». Esse conceito permanece ainda no Brasil.

## Fato Folclórico

O Folclore é elemento vivo de cultura, quer na esfera espiritual, quer material, portanto fator na soma de valores da existência humana. É preciso acrescentar que os fatos folclóricos não se apresentam apenas como anonimato ou tradicionais. Muitos cantadores de modas-de-viola, repentistas, dançadores de cateretês, reisados, folias de reis, moçambiques, congadas e outras manifestações folclóricas são nossos conhecidos e amigos.

As figureiras do vale do Paraíba ou as poteiras de Apiaí, poderão ser visitadas, a qualquer hora, em suas casas. O fato folclórico é elemento dinâmico da cultura, não é estático. Modifica-se, transforma-se de região em região, de acordo com o meio. De aceitação coletiva, não perdendo seu caráter, seu valor, sua espontaneidade, sua autenticidade.

## O Impacto

A moda de se imitar o que era original veio dar uma confusão aos estudiosos menos avisados. Ninguém mais sabia o que era folclórico, o que era popular. Novamente a Comissão Nacional de Folclore que regia, no Rio de Janeiro as demais Comissões Estaduais se preocupa com isso, insiste nas realizações de congressos que tratam de dissipar dúvidas, de conjugar pensamentos, de orientar os caminhos da pesquisa. Cria-se a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (1958), no Ministério da Educação e Cultura. Nesse mesmo ano, todo o acervo do Centro de Pesquisas Folclóricas «Mário de Andrade» criado no velho e querido casarão da Avenida São João, n.º 269, passou para a Associação Brasileira de Folclore que mantém, no Ibirapuera, o Museu de Artes e Técnicas Populares.

## As Etnias

O estudo das maneiras de sentir e pensar dos povos levou os folcloristas a fazer estudos das regiões geohistóricas. Diegues Júnior apresenta o problema dos alienígenas no período colonial: do francês, espanhol, holandês e judeu, da sua permanência, das modificações que causaram no fato folclórico já existente; da vinda dos italianos, alemães e ingleses. Das modificações em toda arte, o artesanato quer nas cestarias, cerâmicas, instrumentos de trabalho, agricultura, lendas e contos, no nosso idioma. Mais tarde poloneses, japoneses... um mundo inteiro dentro do Gigante, a dar e receber, a modificar e modificar-se em benefício de um país melhor. E, cada um deles, desde o princípio se alimentava de uma porção de coisas que se tornaram, depois, receitas culinárias específicas das regiões.

## Folclore e História

O professor tem na História um campo enorme de aproveitamento folclórico. «Tanto o historiador como o folclorista devem recolher seus elementos de estudo no povo, no que o povo faz, cria e constrói e que, através da transmissão herdada ou recebida, se vai prolongando pelo tempo. O que a História grava é o que o folclore registra: os fatos da vida coletiva, suas expressões de cultura, a descrição ou observação do que o povo faz. A vida humana a ambos interessa, e ambos procuram traduzir com fidelidade o que há de expressão nos fenômenos registrados» (Diegues Júnior).

## Folclore e Educação

Lourenço Filho estudou tanto o problema: falou da importância do Folclore na Língua Materna, Geografia Humana, História, Arte Popular e Música. Falou, ainda, dos centros de formação do ensino médio e da escola de formação pedagógica, onde o Folclore deveria ser estudado, ou ser tratado com carinho. No relatório da UNESCO sobre o assunto, apresentado no Congresso Internacional de Folclore, o problema também foi levantado: a função educacional não está apenas em preservar aquelas culturas populares, como herança do passado, mas em realizar um trabalho de base, que «consista em impedir seja a cultura tradicional inutilmente sacrificada por novos elementos, que poderão não ter nada de comparável a oferecer, e a estimular as técnicas e a sabedoria que cada uma dessas culturas pode oferecer ao mundo.»

É necessário preparar o professor para saber aproveitar o que há de útil, e saber afastar os fatos folclóricos que prejudicam o plano educacional, como aproveitamento imediato. Todos os fatos são pesquisados, mas

os aproveitados devem ser bem selecionados. Libertar a alma infantil das práticas inconvenientes e prejudiciais, chamadas por Renato de «pesos mortos na cultura». Mas para isso voltamos a dizer, deve o professor estar preparado para não criar maiores problemas, e, desta vez, psicológicos, na alma da criança ou do adolescente.

A Pedagogia Folclórica, escreveu Ismael Moya, «tem um objetivo central que é o de fazer com que a criança siga o ritmo espiritual do seu povo e lhe alcance a emoção do tradicional, com as vantagens de caráter nacional, científico e estético». Mário de Andrade, «nada melhor que as tradições para retemperar a saúde de nossa alma brasileira. Pestalozzi, Freebel, Gustavo Doret, Michelet sempre afirmaram, recomendando nas suas realizações pedagógicas, científicas e culturais, o valor do cancionero à educação, ao amor à pátria, à «tomada» da sua personalidade, a integração à região, enfim à própria comunidade.

Dentre os estudiosos, alguns se interessaram pelo Folclore na Geografia, na História, nas Artes Plásticas, como Osvald de Andrade e Cássio M'Boy, na medicina como Dr. Silvio Maroni, na Psicologia como Carvalho Neto, na Zoologia e Botânica como Karol Lenko, enfim em cada disciplina curricular. Malba Tahan chegou a estudar o folclore na Matemática, dando subsídios importantíssimos a respeito durante o Congresso de Matemáticos.

## Folclore e Literatura

Quanto à literatura, meu Deus! toda a existência do Brasil menino, todo o resultado do Brasil-gigante, estão dentro da literatura, seja de cordel, popular ou erudita. Desde os primeiros contadores de história do nosso Brasil, até os últimos romancistas, vamos encontrar o retrato vivo de um Brasil de penas e penachos, da costa, mousselines das arábias; colchas de teares e retalhos, flores de papel crepom e de seda, presépios e lapinhas; monjolos e rodas d'água; engenhos e engenhocas. O Brasil de festa e festanças, promessas, procissões, cancioneros, cantos fúnebres e de trabalho. De expressões características, remédios caseiros, de tipos de construção de casa. De lendas como as do Cerro do Jarau ou do pico do Jaraguá; de Corcovado ou da lagoa do Abaeté. Das carrancas do rio São Francisco ao mercado do Ver-o-peso; do encontro das águas das pororocas do rio-mar. Das ainda intrincadas florestas amazônicas às caatingas do Nordeste até os pampas; do canto do sabiá, do pixoxó, do curió. Dos usos e costumes dos vaqueiros cantadores ou dos tropeiros; das noites enluaradas com serenatas ou das fogueiras de São João. Das danças e folguedos, das festas religioso-populares, dos candomblés e das oferendas. Isto tudo você vai encontrar numa literatura de Osvaldo Orico, Jorge Amado, Barbosa Lessa, Simões Lopes, Silvio Júlio, Alípio Goulart, Hernâni Donato, Amadeu Amaral, Luís da Câmara Cascudo, Ruth Guimarães, Edson Carneiro, Afonso de Freitas e Guimarães Rosa.

## Folclore e Teatro

A divulgação do período medieval, através do teatro de marionetes, títeres, mamulengos e João-redondo ainda persiste no Brasil e você vai encontrar no Nordeste a maior sobrevivência. Mas não pára aí o teatro; a representação continua nos folguedos populares do bumba-meu-boi, das folias de reis, das congadas e congos, dos maracatus, das marujadas e nas coreografias. Até nos circos do seu bairro. A luta ente mouros e cristãos ainda se vê e se ouve nas Cavalhadas da Franca, de Alegrete e Pirenópolis, ou mesmo nas congadas de São Francisco, bairro de São Sebastião. O aproveitamento folclórico no teatro de hoje está bem demonstrado nas peças de Suassuna como o Auto da Compadecida, O Santo e a Porca, Auto de João da Cruz.

## Folclore e Música

A cadeira de Folclore que somente era ministrada nas escolas superiores de música, através da insistência da Comissão Paulista de Folclore, passou a fazer parte do «currículo» de todos os conservatórios musicais fiscalizados pelo Governo do Estado. Vitória! Vitória!

A música folclórica sempre foi bem aproveitada por eruditos como Villa-Lobos, Mignone, José Siqueira, Guerra Peixe, Luís Cosme, Nepomuceno, Alexandre Levi, Guarnieri. Mais tarde compositores populares começaram a fazer suas músicas com temas folclóricos como Heckel Tavares e nos tempos atuais, Chico Buarque, Vandrê, Mário Albanese.

## A Divulgação

Um dia, um bom baiano começou a cantar a Bahia de outrora, e falou das 365 igrejas, dos cantos dos orixás, das festas, vestimentas e quitutes.

Ressou por todo o Brasil. Cada Estado queria contar também o que tinha. E o Maranhão, flor dos azulejos, dos bumbas, das estórias que os holandeses deixaram e que foram interpretadas à brasileira. Mas toda a Amazônia gritou bem alto: Foi Boto, Sinhál e não se esqueceu do canto do uirapuru... Os caboclinhos e os maracatus saíram às ruas do Recife, dando um a'ô de suas influências índio-afro-lusitanas. Mas não ficou por aí. Os Tapuias saíram de Goiás, dançando, sem parar.

Anoiteceu. Vimos lá no Sul a velinha acesa para Negrinho do Pastoreio. O gaúcho contando as estórias dos pampas, deliciando-se com o chimarrão.

Santa Catarina bradou: Nossas rendeiras são parentes das rendeiras do Ceará, você quer ver? E o boi que era de mamão e depois de pano é também parente do boi surumim e de outros bois.

Minas Gerais mostra todo o belo artesanato em fibras e fios. O barqueiro que saiu da ilha do Marajó, viu tudo o que havia nas praias brasileiras... comeu moqueca de peixe, sarapatel de tartaruga e veio margeando até chegar em São Paulo, no Guarujá, onde na praia do Tombo, foi fandangar com os caixaras.

E nós, daqui, na simplicidade mostramos a ele que o folguedo Guerreiros das Alagoas hoje é Reisada de Alfredo Marcondes; que o Boi do Norte foi Boizinho de Ubatuba e de Pindamonhangaba. O Moçambique está em pleno vigor em todo o vale do Paraíba. O cateretê resiste ao tempo por todo o Estado de São Paulo, principalmente no Vale do Rio Grande. E ainda mais que, todas as lendas das matas, rios e lagos, montanhas também sobrevivem adaptadas à nossa região. O canto da criança, criança que brinca de ciranda, ciranda que os adultos, de mãos dadas cantam em uníssono o mesmo hino: Brasil, eu te amo!

## Folclore e Turismo

Falava-se muito no nascimento do Turismo no Brasil. Era ele esperado a qualquer instante. Depois o Turismo deu seus primeiros vagidos. A Carta Magna do Folclore Brasileiro mencionou a necessidade dos entendimentos com os órgãos de Turismo, mas viviam separados. Era preciso um entendimento. Ambos queriam a mesma coisa, mas não falavam a mesma linguagem.

Alguns encontros aqui, ali, sempre com pequenos resultados positivos.

Cria-se, pelo Decreto n.º 56 747, em 1965, o Dia do Folclore em todo o território nacional; em 1967, pelo Decreto n.º 48 310, o mês do folclore deve ser comemorado em todo o Estado de São Paulo. Um salto para o futuro brilhante do Folclore e do Turismo. Agora é mais fácil falar no binômio Turismo-Folclore em benefício da cultura, em benefício do próprio País.

O Folclore estreita os laços humanos, porque na sua simplicidade apresenta traços comuns de toda a humanidade.

# FÓRMULAS DE ESCOLHA

JOSÉ SANT'ANNA

(da Associação Brasileira de Folclore)

As crianças (meninos e meninas) quando brincam de «pique», ao iniciarem o brinque-do, escolhem os elementos que vão esconder, ficando como pegador um deles: o que fica por último.

É uma maneira de escolha muito séria, empregada pelas crianças.

É justo que se enfatizem, pela seriedade, as normas de conduta que empregam na recreação. Por isso não há nada mais belo e harmonioso do que esta organização, porque a criança encara, nos brinquedos e na própria vida, o fato de que a satisfação que uma pessoa sente em ser honesta é algo incomparável. E a honestidade revela, imediatamente, a bondade do caráter.

Este modo de conduta disciplina a vida social da criança — homem em formação.

São fórmulas que viajam no espaço e variam no tempo, levando em conta o meio e as transformações sociais.

Embora variem de um Estado a outro, de região a região, de cidade para cidade e mesmo de bairro para bairro (isto porque a coletividade infantil tem costumes peculiares), elas preservam as notas comuns do vasto país.

As palavras viajam de um centro pa-

ra outro qualquer, levadas pela boca de uma criança e aí adaptada ao novo meio de tal modo que, às vezes, se torna irreconhecível.

A memória é falha, a transmissão é oral e isto ocasiona as deturpações morfo-sintá-tico-fonéticas.

A escolha será feita sempre por um líder. Líder é a criança que revela maior argú-cia e força, a que se destaca das outras.

Esta, sendo mais habilidosa, dispõe os colegas em um semicírculo e aplica uma (entre inúmeras) das fórmulas de seleção. E exerce uma liderança positiva.

E esta herança de conhecimentos con-tinua sendo transmitida às gerações.

Elas se referem às crianças com ida-de de 6 a 11 anos, época em freqüentam as pri-meiras séries do ensino de primeiro grau, jus-tamente no período de transição da meninice à adolescência.

Nesta faixa etária as crianças já são capazes de iniciativa.

Das fórmulas recolhidas, anotamos al-gumas delas com suas variantes.

Em Olímpia é a assim que as crian-ças brincam, empregando as seguintes fórmulas seletivas:

1-  
Um, tiburim!  
Cada vez sai...um,

2-  
Dilim, dilim!  
Meu sorvete  
Cor de lei...te.

3-  
Blim! blim!  
Gergelim! ger...ge...lim!

4-  
Dilim, dilim!  
Seu padeiro vem aí  
Quantos pães você quer?  
— Quatro.  
— Um, dois, três, qua...tro.

5-  
Meio-dia  
Macaco assobia  
Fazendo careta  
Pra dona Ma...ri...a.

6-  
Uma hora  
Macaco chora  
Fazendo careta  
Pra dona Au...ro...ra.

7-  
Minha tia de cueca  
Meu avô no elevador  
Brincando de pe...ga...dor.

8-  
Minha mãe de bicicleta  
Minha tia de cueca  
Meu pai no elevador  
Brincando de pe...ga...dor.

9-  
Lá em cima daquele morro  
Tem um pé de jacarandá  
Quem comer a fruta dele  
Comigo vai se ca...sá.

10-  
Lá em cima daquele morro  
Tem um velho fogueteiro  
Que só gosta de mulher  
Que usa fita no ca...be...lo.

11-  
Lá em cima daquele morro  
Tem um garfo e uma cuié  
As mentira é dos home  
As verdade é das mui...é.

12-  
Lá em cima daquele morro  
Tem uma velha pra morrê  
Urubu está rodeando  
Tem carniça pra co...mê.

13-  
Lá em cima daquele morro  
Tem um pé de cai-cai  
O menino mais bonito  
Vai ser genro de meu...pai.

14-  
Lá em cima daquele morro  
Passa boi, passa boiada  
Também passa um negrinho  
De cabelo en...ro...la...do.

15-  
Lá em cima daquele morro  
Tem um velho relojoeiro  
Quando vê perna de moça  
Faz relógio sem pon...tei...ro.

16-  
Lá em cima da montanha  
Passa boi, passa boiada  
Passa o time do Corinthians  
Co'a cueca re...men...da...da.

17-  
Lá em cima do piano  
Tem um copo de veneno  
Quem bebeu morreu  
Quem saiu fui...eu.

18-  
Lá em cima de minha casa  
Tem um ninho de pavão  
Quem mexer co'a minha vida  
Cai na ponta do fa...cão.

19-  
Lá na Rua Vinte e Quatro  
Maria matou um gato  
Com o salto do sapato  
O sapato se quebrou  
E Maria se en...for...cou.

20-  
Pepino maduro  
Que dá semente.  
Moça bonita  
Que mata a gen...te.

21-  
Um, dois, três  
Por aqui passou um francês  
Quatro, cinco, seis  
Ele é o nosso fre...guês.

22-  
Um, dois, três  
Por aqui passou um rato  
Pela porta do meu quarto  
Um, dois, três, qua...tro.

23-  
Fui no mato buscar lenha  
Santo Antônio me chamou  
Quando santo chama a gente  
É sinal de sa...i...dor.

24-  
Una, duna, trena, catena  
Saco de pena  
Pila, pilão  
Conte bem que do...ze...são.

25-  
Una, duna, trena, catena  
Ouro, bata, barata, bila, balão  
Conta bem que do...ze...são.

26-  
Une, dune, trene, catene,  
Birimbau, bau, bau  
Cata pau, pau, pau,  
Une, dune, trene, ca...te...ne.

27-  
Une, dune, trê  
Salamê, migüê  
Um sorvete colorê  
Une, dune...trê.

28-  
Une, dune, trê  
Salamê, mingüê  
Um sorvete colorido  
Pra vo...cê.

29-  
Une, dune, trene  
Quatro, cinco e sene  
Um sorvete colorete  
Une, dune, tre...ne.

30-  
Fui na Bahia comprar chapéu  
Da cor da morena, da cor do céu  
Não é meu, não é de ninguém  
É da morena que quero... bem.

31-  
Mamãe mandou tirar  
Este daqui.  
Mas como eu não sou bobo  
Vou tirar este da...qui.

32-  
O porquinho foi na escola  
Co'a calcinha rasgadinha  
De «bubuzinho» de fora.  
Pau, porrete  
Bengala, cacete  
Matei um rato  
Pra virar sor...ve...te.

33-  
O porquinho foi na escola  
Com o chortinho rasgado  
E com o «pipizinho» de fo...ra.

34-  
Langa la panga do pichinez  
Lastrás, pique, fora  
Descasquei uma laranja  
E joguei a casca fo...ra.

35-  
Langa, la panga  
Duque, chinês  
Lá trás  
Fora vo...cê.

36-  
Joãozinho é um bom aviador  
Quando acaba a gasolina  
Ele mijá no mo...tor.

37-  
Pomponete, pontapi,  
Tapetá per..ru..ge  
Pomponete, pontapi  
Tapetá pe...gui.

38-  
Contorneta, peta, peta  
Peta perrugem  
Cortorneta, peta, peta  
Peta pe...trim.

39-  
Fiz xixi na canequinha  
Enganei minha vizinha  
Que era caldo de ga...li...nha.

40-  
Uma velha, bem velhinha  
Fez «xixi» na canequinha  
Foi dizer para a vizinha  
Que era caldo de ga...li...nha.

41-  
Você quer doce de coco  
Ou prefere comê nhoque?  
Plique, placa, ploco  
Plique, placa, plo...que.

42-  
O trem-de-ferro  
Quando sai de Pernambuco  
Vai fazendo chique-chique  
Até chegar no Ce...a...rá.

43-  
Rebola, bola  
Você diz que tá na moda  
Mas na moda você não...tá.

44-  
Garibáldi foi na missa  
Num cavalo sem espora  
O cavalo relinchou  
Garibáldi pulou fo...ra.

45-  
Garibáldi foi à missa  
Num cavalo pra peão  
O cavalo deu um pulo  
Garibáldi foi ao...chão.

46-  
Bê-i-ene-ge-ó  
Bê-i-ene-ge-ó  
Bingo é teu nome  
Bê-i-ene-ge-ó.

47-  
Pra você falar comigo  
Lave a boca com sabão  
Sua boca está cheirando  
Barrigada de lei...tão.

48-  
Fui no botequim tomar café  
Encontrei um macaquinho  
Com o rabinho em pé  
—Dança aqui, dança já  
—Eu não sei dançá  
—Pega o chicotinho e dance...já.

49-  
Fui no mercadinho tomar café  
Encontrei um macaquinho  
De rabinho em pé  
—Dança aqui, dança já  
—Eu não sei dançá  
—Vou buscá um chicotinho  
Você dança já.

50-  
No fundo de minha casa  
Tem um pé de limão  
Vai comer uma folha dele  
Pra matá seu a...ma...re...lão.

51-  
Formiguinha lava os pés  
Que eu te dou quinhentos réis  
Pra comprá sor...ve...te.

52-  
O noni bela, ponitânia  
Um navio que passava na Espanha  
Me chamou, lá não vou.  
O no...ni, (cantando)

53-  
O navio de nápolá, politana  
O navio que andava pela Espanha  
Me cha...mou  
La não...vou.

54-  
O noni, o noni  
A politana  
O navio que passava pela Espanha  
Me chamou, lá não vou  
Quem saiu foi aquele a...li.

55-  
Coca-cola, pepsi-cola  
Quantos anos você tem tem?  
—Tenho seis.  
—Um, dois, três, quatro, cinco... seis.

56-  
Fui na horta comprar verdura (ou couve)  
Marimbondó me mordeu  
Fui dar parte à polícia  
A polícia me prendeu.  
Cla, cle, cli, clo, clu  
Cara de ta...tu.

57-  
Os mocinhos da Rua Quinze  
Só andam de sapatão  
Parecendo o trem-de-ferro  
Quando chega na es...tação.

58-  
Seu doutor Ari, Ari  
Foi fazer uma operação  
Esqueceu a tesourinha  
Na barriga do ja...pão.

59-  
O doutor Solidão  
Foi fazer operação  
Esqueceu a tesourinha  
Dentro do teu co...ra...ção.

Observação:  
O 1.º verso varia demais:  
O doutor Solidão, Dona Areia, Areia, etc.

60-  
Agá, agá  
A galinha qué botá  
Tigê, tigê  
Mamãe me deu uma surra  
Fui parar no Tietê  
Por quê? Por quê?  
Por causa de você  
Se não, se não  
Te dou um beliscão  
Na ponta do de...dão.

61-  
Variante:  
Agá, agá  
A galinha quer botá  
Iê, iê  
Mamãe me deu uma surra  
Fui parar no Ti...e...tê.

62-  
A barata descascada  
Vai ficar com você  
Mas comigo não vai fi...car.

63-  
Havia uma barata  
Na cueca do vovô  
O vovô saltou um «pum»  
A barata des...mai...ô.

64-  
Azul, azul  
Minha mãe me deu uma surra  
Fui parar em Mon...te...A...zul.  
(Monte Azul-município próximo a Olímpia)

65-  
Marelo, Marelo  
Minha mãe me deu uma surra  
Fui parar no ce...mi...té...rio.

66-

A galinha do vizinho  
Bota ovo amarelinho  
Bota um, bota dois, bota três  
Bota quatro, bota cinco, bota seis  
Bota sete, bota oito, bota nove  
Bo...ta...dez.

67-

A galinha do vizinho  
Bota ovo amarelinho  
A galinha do soldado  
Bota ovo enferrujado  
Clá, cle, cli, clo, clu  
Cara de tatu  
Quem saiu foi...tu.

68-

A galinha do soldado  
Bota ovo enferrujado  
A galinha do Tostão  
Bota ovo no calção  
A galinha do Tolico  
Bota ovo no penico  
A galinha do Pelé  
Bota ovo com ca...fé.

69

A galinha ficou doente  
O seu galo não se importou  
O pintinho montou a cavalo  
Foi chamar o seu doutor  
O doutor era o peru  
A enfermeira era o tatu  
E a agulha de dar injeção  
Era um pedaço de bam...bu.

70-

A galinha amarelinha  
E o galo corijó  
A galinha veste saia  
E o galo paletó  
A galinha ficou doente  
O galo nem ligou  
O pintinho saiu correndo  
Foi chamar o seu doutor  
O doutor era o pavão  
Assistente era o peru  
O remédio que ele deu  
Foi o rabinho de ta...tu.

71-

O peru foi ao dentista  
Se tratar de dor-de-dente  
O dentista disse assim:  
Quem tem bico  
Não tem dente  
Pau e porrete  
Bengala e cacete  
Troco uma casca  
Por um sor...ve...te.

72-

O gato miou, o pinto piou  
O galo cantou, o cão latiu  
O porco gritou, você sa...iu.

73-

Papai eu quero pão  
Mamãe não quer dá  
—Vá lá na padaria  
Que o padeiro te de...rá.

74-

Você diz que tá com fome  
Você diz que quer comê  
Você diz que vai roubá  
Largue disso, Deus da...rá.

75-

Uma velha, muito velha  
Com o nariz cheio de barro  
Foi dizê pra minha mãe  
Que eu pitava num cigarro  
Minha mãe me deu uma surra  
Me jogou no taquará  
Onde tinha muito bicho  
Que podia me pe...gá.

76-

Uma velha, muito velha  
Que pitava no cachimbo  
Foi dizê pra minha mãe  
Que eu pitava no cigarro  
Minha mãe me deu uma surra

Me jogou no taquará  
Lá havia muito bicho  
Me mordeu no cal...ca...nhá.

77-

Esta quero, esta não quero  
Esta come pão da cesta  
Bebe vinho da galheta  
Come queijo, requeijão  
Come queijo, requeijão  
Vim buscar meu co...ra...ção.

78-

Este serve, este não serve  
Este agrada, este não  
Este é fraco, este é forte  
Fica fora o va...len...tão.

79-

Uma velha de cinco filhas  
Que iam todas no teatro  
Deu surupango numa delas  
E das cinco ficaram quatro  
Lá vai uma, lá vai duas  
Lá vai três, lá vai qua...tro.

80-

Bamba-la-ão  
Senhor capitão  
Espada na cinta  
Ginete na mão  
Bamba-la-ão  
Senhor capitão  
Orelha de porco  
Pra botá no fei...ção.

81-

Bão-ba-la-ão  
Senhor capitão  
Em terra estranha  
Morreu teu irmão  
Cozido e assado  
Num cal...dei...ção.

82-

Rei, capitão  
Soldado ladrão  
Menina bonita  
Do meu co...ra...ção.

83-

Tigelinha de água fria  
Quem te pôs na prateleira  
Foi os olhos da Maria  
Que chorou a noite in...tei...ra.

84-

Tigelinha de água fria  
Quem te pôs na prateleira  
Foi olhos da Maria  
Quem chorou na segunda fei...ra.

85-

A casinha da vovó  
Amarradinha de cipó  
O café está demorando  
Com certeza não...tem...pó.

86-

Canivetinho de pintainha  
Que anda na barra dos vinte e oito  
Mingorro, mingorro  
Que fique for...ra.

87-

Canivetinho de pintainha  
Anda na barra de vinte e cinco  
Mingorra, mingorra  
Tire a tua mãe que está for...ra.

88-

Canivetinho de ponta fina  
Vendi sua vaca por trinta e cinco  
Mingola, mingola  
Seu pé está fo...ra.

89-

Canivetinho de ponta fina  
Mingorro, mingorro  
Quem fica for...ro.

90-

Canivetinho da ponta fina  
Mingô, Mingô  
Jus...tin...fi...cô.

91-

Uma árvore, doze galhos  
Cada galho um ninho  
Cada ninho um ovo  
Cada ovo, um passarinho  
Anabu, anabu  
Quem saiu foi tu  
Cara de ta...tu.

92-

Minha mãe mandou à escola  
Pra aprender o beabá  
Minha boa professora  
Me ensinou a namorá  
Fui ao corredor  
Namorei o di...re...tor.

Fórmula acumulativa

93-

Dilim, dilim!  
Meu sorvete cor de leite  
Minha mãe mandou à escola  
Pra aprendê o beabá  
Minha boa professora  
Me ensinou a namorá  
Namorei um garoto  
Da Escola Militar  
O danado do garoto  
Só queria me beijar  
Sete e sete são catorze  
Com mais sete vinte e um  
Tenho sete namorado  
Mas não gosto de ne...nhum.

94-

Dilim, dilim!  
Meu sorvete cor de leite  
Minha mãe mandou à escola  
Pra aprender o beabá  
Minha besta professora  
Me ensinou a na...mo...rá.

Nota: Há quem diz: minha boba professora

95-

Vozozinha foi no mato  
Quantos paus ela traz?  
Ela traz vinte e quatro  
Cara de ma...ca...co.

96-

A pombinha foi no mato  
Quantas penas ela leva  
Ela leva vinte e quatro  
Uma, duas, três, quatro  
Cara de ma...ca...co.

97-

O laranjeiro passou por aqui?  
—Passou.  
—Quantas laranjas ele deixou?  
—Cinco.  
—Uma, duas, três,  
Quatro, cin...co.

98-

O caminhão da laranja, passou, passou  
—Quantas laranjas ele deixou?  
—Cinco.  
Uma, duas, três, quatro, cin...co.

99-

Laranja baiana  
Que vira pó  
Galo que canta,  
Co-ro-co-có  
Pinto que pia,  
Pi-ri-pi-pi  
Moça bonita que sai da...qui.

100-

Uma, duas angolinha  
Tire o pé da pampolinha  
O rapaz que o jogo faz  
Faz o jogo do papão  
Tira já o seu pezinho  
Pois lá vai um be...lis...cão.

101-

Uma, duas angolinha  
Põe o pé na pampolinha  
O rapaz que o jogo faz  
Faz o jogo do capão  
Arretire o seu pezinho  
Que lá vai um be...lis...cão.

102-  
Uma, duas angolinha  
Finca o pé na pampolinha  
O rapaz que o jogo faz  
Faz o jogo do leilão  
Mas recolha o seu pezinho  
Que lá vai um be...lis...cão.

103-  
Papagaio loiro de bico dourado  
Mande esta cartinha pro meu namorado  
Se tiver dormindo, bata na porta  
Se tiver acordado, mande a resposta (o recado)  
Barra, berra, birra, borra, bur...ra.

104-  
Atrás de minha casa  
Tem um cachorro rabicó  
Tapeei a sua mãe  
E enganei a sua a...vó.

105-  
Você tem um caminhãozinho  
—Tenho  
Quantos pregos ocupou?  
—Seis.  
—Um, dois, três,  
Quatro, cinco...seis.

106-  
Você tem uma bonequinha?  
—Tenho  
—Ela é engraçadinha?  
—É.  
—Quantos anos ela tem?  
—Quatro.  
—Um, dois, três, qua...tro

107-  
Peneirinha de cuá fubá  
Lava prato, lava mesa  
Pra nós dois jan.. tá.

108-  
João corta pão  
Maria faz angu  
Teresa apronta a mesa  
Para a festa do ta...tu.

109-  
Atrás da minha casa  
Tem um pé de piu-piu  
Quem mexer com minha vida  
Vai pra ponte que par...tiu.

110-  
Laranjeira pequenina  
Carregada de lingüiça  
Eu também sou pequenino  
Carregado de pre...gui...ça.

111-  
Laranjeira pequenina  
Carregada de botão  
Eu também sou pequenina  
Carregada de pai...xão.

112-  
Tim! Tim!  
Jacutinga, labe  
Iscatunga, araribê  
Jacatunga, tinga  
Auê, sanaberebabe  
Iscatunga, araribê  
Jacatunga, tin...ga

(cantado)

## Outras maneiras para descobrir o pegador:

1.o) As crianças se reúnem, a escolha é feita em grupo de dois.

Cada criança pode adotar um, dentre os quatro símbolos:

1- Uma das mãos aberta, em qualquer posição, simboliza o papel;

2- Uma mão fechada simboliza a pedra;

3- O dedo indicador apontado, significa a agulha e

4- Os dedos médio e indicador apontados, de qualquer mão, simbolizam a tesoura.

### Critério:

Papel embrulha a pedra, então o papel ganha.

Tesoura corta papel, tesoura ganha.

Agulha fura papel, agulha ganha.

Agulha não fura pedra, pedra ganha, etc.

Iniciada a escolha, o que ganha vai esconder-se. O perdedor chama outro para a disputa. E assim por diante. O que não foi escolhido será o pegador.

2.o) Uma das crianças apanha uma pedrinha e a esconde numa das mãos, cruzando os braços.

Esta criança recebe no grupo o nome do pai.

Do grupo, o primeiro a dizer xinqeiro será o primeiro a bater na mão do pai para a escolha. Se ele bater na mão sem a pedra, irá esconder-se. Em caso contrário, ela ficará com a pedra. Continua a escolha.

É importante observar que o nome pai só cabe ao primeiro segurador da pedra.

3.o) Em grupo, de três, os meninos se reúnem. O mais esperto grita dois ou um. Todos, com a mão direita atrás do corpo, apontam um ou dois dedos.

Aquele que apontar o número diferente sai para esconder. Por exemplo: Se dois meninos

apresentam dois dedos, o que apresentar um só já está livre de ficar no pique. Entra outro garoto no jogo e assim por diante. Quando restarem somente os dois últimos, resolvem a situação no par ou ímpar.

### Pequenos Comentários

1.o) O ritmo exerce função didática nos meios sociais em que as obras poéticas se transmitem por via oral. Graças a esses esquemas rítmicos há muita facilidade para a fixação das estrofes na memória do sujeito ouvinte.

2.o) Este brinquedo, além de levar a criança a aproveitar as horas de lazer, desenvolve o espírito de solidariedade humana e a consciência do bem - estar comum.

3.o) Outra vantagem é a de fazer com que a criança proceda com espírito esportivo, reconheça direitos e deveres, conhecendo as regras do brinquedo; aprenda a decidir e a agir como integrante do grupo.

4.o) O emprego das reticências entre as últimas palavras de cada verso das fórmulas, foi intencional. Com este emprego queremos, embora de modo imperfeito, reproduzir os intervalos que a criança constrói na recitação das estrofes.

5.o) Preferimos anotar algumas variantes destas fórmulas para que os interessados possam realizar um estudo comparativo com as fórmulas de outras regiões.

6.o) Através de algumas fórmulas, o folclore pode ser visto na sua dinâmica. Não só se baseia na tradição, mas também na inovação. Leva em conta os fatos sociais, a cultura da época: A galinha do Pelé (futebolista), coca-cola, pepsi-cola, etc.

7.o) As onomatopéias, que facilitam a rima, entram, também, no corpo de muitas das fórmulas de escolha: dilim!, tibus!, glim!, ploque, chique-chique, etc.

8.a) Na transmissão das fórmulas poderá ocorrer substituição de um fonema por outro, obtendo-se

uma palavra diferente por comutação: «Faz o jogo do papão» e «Faz o jogo do capão». Papão e capão. O receptor substituiu o p por c, gerando uma palavra de sentido diferente. Elas se diferem por uma só distinção mínima

9.o) As fórmulas de escolha, dispostas em estrofes, apresentam, geralmente, quatro versos (quadras) de rimas pobres. Rimam palavras da mesma categoria gramatical ou palavras vulgares.

10.o) Notável é o emprego dos numerais em inúmeras estrofes da seleção, aliás, muito do gosto das crianças: Uma, duas angolinhas, etc.

11.o) Nota-se até fórmula de sabor lusitano: Bebe vinho da galheta.

12.o) Também as quadras que entoam em brincadeiras de roda servem como fórmulas de escolha: Garibáldi foi à missa..., etc.

Estas fórmulas resultam de pesquisas

no mundo lúdico da infância, realizadas em estabelecimentos de ensino público do Município de Olímpia.

As épocas em que foram registradas variam bastante, situando-se entre 1960 e 1970, num espaço de dez anos, portanto.

Todo esse material, copioso e significativo, foi coletado durante a recreação dos alunos das Escolas Estaduais de Primeiro Grau: «D.Anita Costa», «Santo Seno», «São José», «Siva Melo» e «Cisoto». Nos bairros: Vila São José, Vila Cisoto, Vila Santa Teresinha, Vila Júlia, Vila Raia, Vila Rodrigues, Vila Miessa, Vila Silva Melo, Jardim Santa Ifigênia, São Benedito, Jardim Glória, Lambari e Baguaçu. No distrito de Ribeiro dos Santos. Ao cabo de uma série de pesquisas e observações, resolvemos publicá-las para que sirvam como registro e documentação desse brinquedo infantil.

## Medicina Folclórica de Antanho

Rothschild Mathias Netto

(Chefe da Secção de História do Museu de História e Folclore - Olímpia)

1) Em 1892, o Município de Espírito Santo de Barretos, embora despojado do distrito de Bebedouro, ainda contava com imenso território. Até essa época, os homens que haviam tomado posse de terras, mantinham suas glebas abertas, não divididas. O contínuo afluxo de outros indivíduos gulosos de terras férteis e campos vastos, vinha se tornando uma séria ameaça aos legítimos direitos dos antigos posseiros, que sentiram a necessidade de mandar demarcá-las. Foi a época das grandes divisões de terras, em todo o Município, cuja porção menos desbravada, quase desconhecida, era o Sertão dos Olhos D'Água, cortado pelo rio Turvo, pelo ribeirão Cachoeirinha e por ampla rede de pequenos tributários.

O processo divisório da fazenda Olhos D'Água teve início a 1.º de novembro de 1897. Os inúmeros interesses em jogo e a extensa área a demarcar contribuíram para que o término da divisão somente se verificasse alguns anos mais tarde (1905). Durante esse tempo, o engenheiro Robert John Reid, que era auxiliado no trabalho «de campo» por William Leatherbarrow (depois Guilherme Lebarou), não encontrou poucos obstáculos e tomou contato com as enormes dificuldades em que vivia a gente sertaneja, estabelecida, aqui e ali, nas margens dos rios, à beira dos córregos, nas clareiras abertas, no fundo das matas. A maior de todas talvez fosse o abastecimento e o comércio dos produtos da lavoura e da pecuária. Nada, porém, mais terrível que os efeitos das moléstias tropicais e outras que abriam enormes claros entre os moradores. Além dos males comuns a que se haviam acostumado, toda a região esteve sempre sujeita a surtos epidêmicos periódicos.

A mortalidade infantil atingia a índices inacreditáveis. A insalubridade, aliada ao desconhecimento dos princípios mais elementares de higiene e à maneira de enfretar as doenças, fazia com que seus habitantes se resig-

nassem a pagar, anualmente, o mais triste dos tributos. O lúgubre espetáculo dos bangüês, cortando os estreitos caminhos, rumo à última morada, era comum para aqueles heróis anônimos do sertão. Aos poucos, as famílias pioneiras que tinham suas moradas à beira dos riachos, no fundos dos vales, viram-se obrigadas a procurar as elevações, onde estivessem menos expostos às picadas dos mosquitos transmissores de moléstias e à umidade dos terrenos marginais.

2) Por essa época e mesmo depois, ou melhor, antes e pouco após a fundação do povoado que daria origem à cidade de Olímpia, como vinha acontecendo desde a primeira penetração do civilizado nessas paragens, para a luta desigual contra as moléstias e a morte, viu-se o homem compelido a procurar recursos no próprio meio, valer-se dos conhecimentos práticos ditados pela experiência ou transmitidos pela tradição oral de pai para filho, isto é, era levado a recorrer à medicina caseira e a crer na eficácia das «simpatias».

Mas quase sempre os moradores dessas regiões, distantes dos centros urbanos mais populosos, recorriam a pessoas mais esclarecidas, geralmente leigas, que se dedicavam à cura de doentes.

A medicina caseira ou doméstica não era senão um imperativo das circunstâncias e não havia como menosprezar a terapêutica empírica, às vezes ingênua, daqueles tempos. Então, numa rica flora, medravam um sem-número de plantas medicinais, onde todos iam buscar alívio para as dores e a cura para os males: a quina, a aboboreira, o taiuiá, a onima, a salsaparrilha, o nhambu, a alface silvestre, a alutua (o abutua) do campo e do mato, a carobinha, a caroba da mata e do campo, para os rins; o cipó suma, diurético e tonificante; o velame ou açougue dos pobres, purgativo; a almacega, de que se faziam parches, para a extração de vermes; o fe-to macho ou samambaiçu, raiz vermífuga, principal-

mente contra a ténia (solitária); a douradinha do campo, diurético; a expelina, purgativa; o estramônio, planta venenosa e remédio para asma; o fumo bravo, aplicado em clisteres para sezões; gervão, para hepatite crônica; o sabugueiro indígena, diaforético; o urucu, expectorante, antídoto do veneno da mandioca; o jaborandi, sudorífico energético; a japecanga, com as mesmas virtudes curativas da salsaparrilha; o jatobá, cujas sementes eram usadas no combate à asma; a erva-de-são-joão ou mentrasto, aromático usado na cura da anasarca (edema generalizado); a erva solidônia, para os olhos; a erva-de-santa-maria, poderoso antelmíntico; a erva-tostão, desobstruente do fígado; a ipecacuanha, vomitiva; o pinhão bravo ou de cerca, de cujo tronco emana um suco leitoso, usado para cicatrização e o fruto é de efeito purgativo; a purga do gentio, a raiz de guiné e o bicho de corvo, que associados são de um maravilhoso efeito para certas afecções cutâneas; a sucupira (vagem) para o fígado e o estômago; o jaracatiá, usado para a cura da tosse; o limão de uso variadíssimo e mil outras.

3) Mas além das mezinhas da variada flora medicinal, recorriam-se aos remédios de origem animal e mineral e ao acervo terapêutico de processos sobrenaturais ou de magia, misto de fé religiosa e crença no poder curativo, para a solução dos males físicos. O medo da morte, o pavor do feitiço, o mau-olhado justificavam não só a existência dos «curandeiros de raízes» como também dos «curadores de benzeção».

O «curioso», o «benzedô», o «raizeiro», o «curadô» e o boticário eram acatados, procurados nas horas aflitivas.

Exemplo de «benzeção» daqueles tempos pode ser lido em «Barretos de Outrora», de Osório Rocha e aqui o transcrevemos textualmente:

Para picada de cobras: «Assim que qualquer pessoa for murdida de cobras, queime imediatamente o lugar com um tição de fogo que fique bem queimado. E bebe logo uma caneca d'água salgada. E fuja da vista de mulher que teje c'os mensturo e não pace rios. E procure outros remédios com contras boas. E que benza, e o doente que se confece, e sacram. te» ou então «Água com sal, é contra de tais peçonhas. O duente deite em coro do lobo e tome 18.<sup>a</sup> do d' o coro raspado e repitasse esse remédio».

«Duas amostras de benzeção, muito usadas pelos nossos caboclos» recolhidas por ilustre médico barretense, são as seguintes:

Para vento virado põe-se a criança de cabeça para baixo, espreme-se leite materno na sola dos pés, dá-se três tapinhas em cruz e, em seguida, sacode-se a criança para baixo três vezes.

Para quebranto: «deitada a criança, a mãe pula por cima dela três vezes, de um lado para o outro, ao mesmo tempo que diz: eu hei de te criar se tiveres quebranto, Nossa Senhora que há de te curar». Depois de cada pulo, reza um Ave-Maria.

No fim de três pulos, reza um Padre-Nosso e uma Ave-Maria, oferenda à Virgem Maria.

4) No que se refere à arte de curar, nesses tempos de antanho, recentes pesquisas, em Olímpia,

mostraram que não diferiam, essencialmente, da medicina prática usada na, então, Espírito Santo de Barretos (sede do Município) do curandeirismo empregado no Sertão de Olhos d'Água, como se pode ler no resumo da conferência, publicada por ocasião do primeiro centenário daquela cidade, pelo Dr. Wilson Ferreira de Melo, que aqui transcrevemos:

«No terreno terapêutico, vamos recordar os remédios usados para as doenças mais freqüentes: maleita, sarampo, cobreiro, resfriados, pneumonia, feridas, fraturas, etc.

Para a maleita foram afamadíssimas as caferanas, pílulas de quinino, tomadas na dose de 3 pílulas, 3 vezes ao dia. Um dos modos de dar o sulfato de quinino, mais conhecido no meio do povo era o seguinte: dissolver um cabo de colher de sulfato de quinino em caldo de limão, misturar com café e tomar. Outro medicamento usado era o cozimento de jenipapo (fruto), remédio de mau gosto. Os curandeiros diziam ser infalível, bastando uma única dose (uma ponta de faca, das pontudas), o calomelanos, misturado a meia colher de açúcar mascavo.

Para desobstruir o fígado ruibarboem doses não purgativas.

Para sarampo, era recomendado o chá de fezes de cachorro, bem secas e brancas, chamadas jasmim de cachorro (\*) misturadas com flores de sabugueiro, às xícaras. Recomenda-se trazer quarto bem fechado, com baeta vermelha na janela e cobertores vermelhos, para favorecer a erupção.

No rosto, nas mãos e outros lugares onde se queira que não saísse sarampo, passava-se açafraão. Para não sair na boca, passava-se mel rosado, mais tolerável. Ficavam proscritos os banhos, enquanto o sarampo não estivesse bem seco.

Para cobreiro, raspar uma vela, espalhar sobre a placa eruptiva, cobrir com uma leve camada de algodão e pôr fogo. Para que o cobreiro ficasse circunscrito, simpatia boa era escrever Ave-Maria em torno da placa, com tinta de modo que a última letra do nome viesse se colocar imediatamente atrás da primeira.

Os resfriados e a pneumonia fizeram entrar em uso terapêutica variadíssima. Eis uma prescrição: põe-se 3 ou 4 carocinhos de carapiá em tigela com água fervendo e tampa-se. Junta-se em seguida uma película de limão galego, folhas de mamoeiro, fumo bravo e paratudo. Patomar adoçado, preferivelmente com mel, às colheradas, de duas em duas horas. Esta, para reputada violentíssima: sumo de assa-peixe, misturado com azeite preto. Outra, também para pneumonia: uma ponta de faca de tártaro emético, em água morna. Dose única.

Para febre em geral e para doenças em que o paciente apresentava língua suja, para as inflamações da garganta: dar purgante e, no dia seguinte, vomitório de poaia. Nas inflamações de garganta ainda se usava pano molhado em água tartárica, para envolver o pescoço.

Para fraturas: partem-se diversos limões ao meio; depois de salgados, são assados em cinza bem quente. Tira-se o miolo dos limões e faz-se com ele um emplastro que depois de

amornado vai envolver o membro fraturado. Este, que já deve estar no lugar, recebe uma esteirinha que o envolve, bem apertada, e que se pode apertar ainda quando necessário. Pode-se substituir o limão por erva-de-santa-maria, que então tem que ser emulsionada em azeite. Não se pode dispensar o sal.

Para as tosses rebeldes, oriundas de gripes e bronquites, mas somente enquanto não estiver declarada a «tísica», usava-se amendoim cru (60 vagens), bem socado, misturado com leite e açúcar ou mel, para tomar às colheres.

Para diarreia: infuso de brotos de goiabeiras. Para feridas: socar folhas verdes de fumo, retirar o sumo, juntar meia ou uma colher de creolina e igual quantidade de enxofre. Levar ao fogo, misturado com banha de porco, até secar toda a água e dar consistência de pomada. Esta apresenta-se com bela cor verde, mas de cheiro nauseabundo. Excelente para «já começa» (sarna).

O óleo de rícino era panacéia universal. A sangria também era usada para curar tudo, principalmente cefaléias rebeldes, pneumonia, pleuriz, congestão cerebral, febres altas, etc. e principalmente naquelas ocasiões em que o curandeiro ficava tão atrapalhado com a marcha da doença, que tudo ficava negro como breu na sua frente. Era feita com lanceta, espécie de folha de canivete, que virava para ambos os lados do cabo, de corte fino como o de navalha. Os barbeiros, por essas bandas, não faziam sangrias pela simples razão de que aqui não os havia. O primeiro fíguro deve ter parecido aqui em 1895 ou 1892 a dar-se creditado à tradição, ele não sabia cortar cabelos, quanto mais veias.

Os regimes mais comuns eram caldo de galinha e canjica de milho. É conhecido o aforisma: prevenção e caldo de galinha não fazem mal ao doente. O nosso caboclo, humorista, não perdia a oportunidade de fazer anedotas em torno desse regime. Se hoje somos mais glabros, não é por culpa de nossos antepassados.

Em toda doença febril tomar somente água morna. O banho, raramente. A regra é sua proibição. Pouca comida. Tão pouca que não se podia fazer emplastro de fubá, pois era devorado às escondidas pelo doente. Não se podiam misturar banana, laranja e leite entre si. Eram venenos mortais. Laranja verde também era veneno. Mesmo a madura, de manhã é ouro, meio dia é prata e de noite mata».

5) Para concluir vamos registrar os nomes das pessoas que, por aqui, desde a época dos pioneiros até o início deste século e mesmo durante os anos mais próximos dos nossos dias, mais se destacaram na tarefa de tratar de seus semelhantes, muitas das quais gozaram de respeito de toda gente e não raro de enorme prestígio político.

Na, então, Espírito Santo de Barretos (depois Barretos, em 1906), Manuel Antônio da Silva (Cuiabano), Francisco Antônio das Chagas (Chico Boticário), Silvestre de Lima, Antônio Marcolino Osório de Sousa, José de Menezes Ferreira (Ferreirinha), João Carlos de Almeida Pinto, João Batista Soares, Sezefredo Pinto da Cunha, Jerônimo de Almeida Silveiras, Joaquim Mathias da Fonseca, Carlos Ferreira de Brito, Ismael Telasco de Miranda, Francisco Onorato são nomes até hoje lembrados. Alguns chegaram a políticos de renome, com patentes da Guarda Nacional.

Joaquim Francisco Brás, fundador de São Benedito, dedicava-se à cura de doentes e praticava intervenções cirúrgicas até seu falecimento, em 1899.

Em Baguaçu de 1890 até 1904, Joaquim Alves de Lima era quem, em sua farmácia, atendia vasta clientela.

O nome de Narciso Bertolino, desde 26 de julho de 1904, quando aqui chegou, esteve sempre ligado aos acontecimentos históricos de São João Batista de Olhos D'Água (Vila Olímpia, depois Olímpia).

Sócio da farmácia situada na esquina da rua São João com Américo Brasiliense, de 1906 a 1908 e com sua «Farmácia Popular» construída na Praça Nossa Senhora Aparecida, em 1909, dedicou longos anos à arte de curar que aprendeu nos livros, «tornando-se um competente e atencioso boticário, cuja fama atravessou fronteiras».

\* A prescrição de «fezes de cães», para a cura de moléstias, pelos curandeiros de nossa região, é mais uma prova de que «a cultura espontânea do povo, assimila muito da erudita» - como afirma a professora Maria do Carmo Vandramini.

Medeiros e Albuquerque, ao referir-se ao Dr. João Silva (médico e professor da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, 1884/1889) diz que esse médico passava por ser um clínico abalizado e tinha uma formidável clientela. Especialista em doenças do peito, com ele gracejavam um pouco, porque ele gostava muito de receber «jasmim de cachorro».

«Jasmim de cachorro é o excremento branco dos cães aos quais se dá uma alimentação exclusiva de ossos. Quando eles evacuum, a evacuação é perfeitamente alva, porque se compõe da cal que devoraram. Era isso, esse limpo medicamento, que torrado e pulverizado, o Dr. João Silva dava aos clientes.

No final de contas o que ele fazia não passava do que depois se chamou opoterapia. Mas há meios mais limpos de chegar a esse resultado». (Cf. Medeiros e Albuquerque - «Quando Eu Era Vivo...» - pág. 56 - Livraria Globo, 1942).

## ARTESANATO FOLCLÓRICO

# A arte brota da palha de milho

Antônio Amaro Monteiro

O folclore permanece vivo em todos os acontecimentos. Não morre nunca. Pelo contrário, renasce.

(membro do Centro de Pesquisas e Estudos Folclóricos do C.E.N.E. «Cap. Narciso Bertolino» - Olímpia. Aluno da 1.a série do 2.o grau-1975)

A única ameaça que sobre ele recaía: a industrialização, apenas modificou e, por paradoxal que pareça,

reforçou algumas de suas formas mais populares.

E ao falar em Folclore, Artesanato e Palha de Milho queremos nos referir à D. Francisca Porto Bôni. Trata-se de uma artesã praticamente desconhecida.

A residência dela é quase no fim da Avenida «Dr. Andrade e Silva», n.º 799, trecho ainda não asfaltado, bem próximo ao Bairro São José.

A casa é bem modesta, muito limpa e de benévola acolhida. No quintal, alguns canteiros de hortaliças para o consumo da própria família.

Em redor da feliz vivenda, como se a quisessem cingir num doce cenário, belas paisagens desenhadas nos muros, abertas ao sol, ao vento e à chuva. São pinturas ingênuas e comunicativas de José Roberto, moço, filho da artesã.

Muitas crianças, falantes, brincam, por perto, quebrando a monotonia do local.

Ali, Deus é foco resplendente de grandeza e glórias.

## A ARTISTA



D. Francisca comunica sua arte com palha de milho. É uma senhora forte e parece muito sadia. Tem pele bem amorenada, olhos miúdos, cabelos fartos e macios. Ri, o bom riso de quem vive feliz e ama a vida. Nasceu no dia 4 de março. Já completou 52 anos de idade.

Sentada numa cadeira baixa, passa horas tecendo palhas. É paciente. O nervosismo nunca molda o seu caráter.

Vive cercada pelos netos que lhe tributam muita alegria. Interrompe constantemente seus trabalhos para atender aos afazeres domésticos.

Nascida em Bebedouro, neste Estado, desde a infância reside no Município de Olímpia. Casou-se com o Sr. Pedro Bôni. O casamento realizou-se na Igreja de Cajobi, Município pertencente à Comarca de Olímpia.

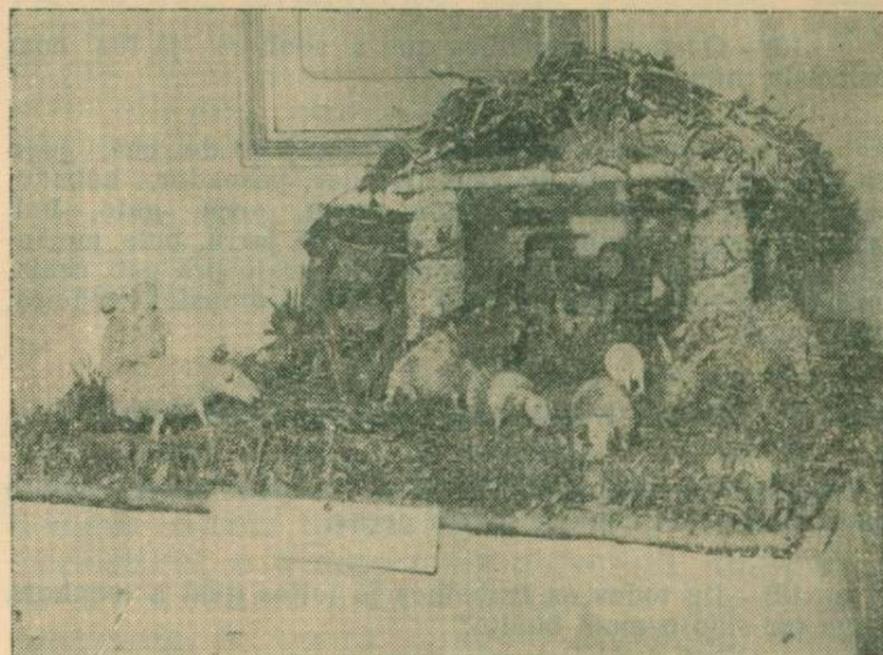
Deste casamento nasceram-lhe vinte e dois filhos, dos quais 13 estão vivos. Dos seus filhos, sete estão casados e seis ainda são solteiros. Nunca frequentou escolas, mas consegue ler, um pouco, as letras de forma. É membro e praticante da Igreja Pentecostal «Deus é Amor».

Revela ser uma crente entusiasmada, uma propagadora fiel de Cristo.

Esta artista cristã optou pela palha de milho. Para colorir seu trabalho, usa cores vibrantes que apare-

cerem em desenhos, na maioria, baseados na fauna brasileira. Emprega cores quentes, frias, leves e pesadas.

A combinação harmoniosa de suas cores é um recurso poderoso para criar beleza e serenidade nos seus trabalhos.



## Material, Técnica e Execução da Obra

1) - D. Francisca, há quanto tempo a senhora faz trabalhos em palha de milho?

— «Faz quase uns vinte anos».

2) - Com quem a senhora aprendeu a fazer esses trabalhos?

— «Quando nós morava na Fazenda do Seu Osvaldo Guoto eu conheci a D. Maria Pegoraro (D. Mariinha). Ela morava na fazenda da família Gotárdi, lá na Santa Cruz. D. Mariinha fazia cestas. Então eu aprendi a dar o ponto na palha. Imitei ela e consegui. Então eu criei uma porção de coisas diferente. D. Mariinha ficou admirada, porque ela não conseguia fazer outras coisas. Só cestas».

3) - O que a senhora emprega para produzir seus trabalhos?

— «Uso só palha. Eu desfio bem a palha. Quanto mais fininha ela é mió pra trabaiá. Depois eu móio na água fria para ficar fácil pra dar o ponto.»

4) - Os pontos (nós) são dados à mão livre?

— «Pra que os pontos fique bem firme eu uso um grampo de cabelo (ramona) que eu finco num pedaço de madeira pra mim poder puxar a palha».

5) - D. Francisca, quando a senhora quer fazer uma onça, por exemplo, é preciso uma forma de madeira ou uma armação de arame?

— «Não preciso de nada. Vou tecendo a palha e faço o que quero».

6) - Para colorir a palha, que tinta a senhora utiliza?

— «Anilina. A gente compra os tubinho da cor que quer nos armazém. Não custa caro».

7) - Como se faz para colorir com anilina?

— «Ferve bem a água num caldeirão e coloca a anilina dentro. Deixa ficar mais um pouco fervendo. Depois põe a palha dentro e deixa ficar ao menos uns cinco minutos. E pronto».

8) - Quanto tempo a senhora gasta para fazer uma peça?

— «Não sei quanto tempo leva. Eu tenho de cuidar da casa, fazer comida, lavar roupa. Então só nas horas vagas é que trabaió. as vez, faço uma carreira, duas ou

três e paro pra fazer outro serviço. É por isso que não sei quanto gasto pra fazer uma peça».

9) - Não lhe dói a mão ao dar os nós na palha?

— «Não sinto nada. Quando aprendi, no começo, sentia dor nas mão. Mas hoje não sinto nada».

10) - Quais os trabalhos que a senhora já fez com palha de milho?

— «Já perdi as conta. Eu já fiz: jogo de chá, jogo de licor, jogo de café, boneco, caçador, pescador, bêbado, cavaleiro, galo, arara, periquito, peixe, onça, gato, boi, carneiro, pato, galinha, cavalo, cachorro, jarra, bule, moringa, panela, flores, fruteiras, bandejas, prato pra pão, cesta, bolsa, chapéu, tapetes, encapei garrafa, empaiei cadeira, presepio».

11) - Qual o trabalho mais difícil de ser feito?

— «Eu acho mais complicado é o chapéu. Gasta muito mais tempo que qualquer outra peça».

12) - De todos os trabalhos já feitos qual a senhora julga ter sido o mais bonito?

— Eu acho que foi o presépio. Eu fiz dois presépio. Vendi os dois pro Prof. José Sant'anna, aqui de Olímpia».

13) - O seu trabalho só serve de enfeite ou há algum que possa ser usado?

— «Tem bastante que a gente pode usar. A gente pode usar o tapete, a cesta, o chapéu, a fruteira, a bolsa, a bandeja e o prato pra pôr pão. Os outros só serve para alegrar a casa».

14) - Quanto a senhora cobra para fazer um trabalho?

— «Eu não sei quanto vale. Cobro bem barato. O preço é de acordo com a peça que a pessoa quer.

O trabalho mais caro que já fiz foi os presépio».

15) - Vale a pena fazer trabalhos de palha de milho?

— «Vale, porque a gente gosta. É um passatempo. A gente pensa em fazer uma coisa, tenta e consegue».

16) - Quem compra seus trabalhos?

— Quem mais compra é o professor José Sant'anna. Também tem muitos estudantes que compra pra botá nas exposição».

17) - D. Francisca, a senhora sabe fazer outros trabalhos além de palha de milho?

— «Sei fazer nintura em cartolina. Desenho gente e bichos. Isto com quarela. Sei fazer pintura em pano. Não aprendi com ninguém, mas sei fazê».

18) - A senhora gostaria de ver seu nome e sua fotografia publicados numa revista?

— «Eu gosto. Assim muita gente fica sabendo dos trabalhos que eu faço e pode vim comprá».



Como vimos, os trabalhos de D. Francisca ou são utilitários: bolsas, pratos para pão, cesta, etc. ou servem apenas de adorno: joguinhos de chá, café, etc.

A figura de D. Francisca serve de exemplo a muita gente. Foi numa manhã fria do mês de julho que a conheci. Combinara com ela uma entrevista. Esta se realizou no dia 15 de julho. Recebi instruções do nosso orientador, Prof. José Sant'anna, que é o descobridor dessa artista pouco conhecida. Soube, conversando com o referido professor e folclorista, que um dos seus famosos presépios está exposto no Museu de Artes e Técnicas Populares do Brasil (Folclore), no Parque Ibirapuera - São Paulo - e para lá foi levado em 1969 - II.ª Festa do Presépio e Artesanato de Natal, na 1.ª quinzena de dezembro, por solicitação da Comissão Estadual de Folclore e Artesanato (Conselho Estadual de Cultura) da Secretaria de Estado dos Negócios da Cultura, Esportes e Turismo do Governo de São Paulo.

Esse presépio causou tanta admiração entre os visitantes e membros daquela Comissão que serviu de manchete a muitos jornais da capital paulista.

No ano seguinte, 1970, era o Museu de História e Folclore de Olímpia enriquecido com um Presépio de Palha de Milho de D. Francisca, o qual, primeiramente, foi exibido na 2.ª Exposição de Presépios de Olímpia, no salão-nobre do Sindicato Rural.

Como ela mesma disse, não tem boa renda com a produção desses trabalhos, mas eles lhe servem de entretenimento.

E nesta arte, misto de simplicidade e beleza, D. Francisca ganha logo a simpatia de quantos a visitam e conhecem a sua «palha de milho».

## FILATELIA

### O FOLCLORE em selos postais

E o Correio do Brasil descobriu filatelicamente o folclore nacional. «Antes tarde do que nunca» diz o velho brocardo. Foi necessário mais de um século de emissões para que se retratassem em selos o «folclore» e «artesanato» brasileiros. Depois de emissões esporádicas, e das séries emitidas em 1972, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos dedicou anção especial às artes, lendas e manifestações populares.

A série «Lendas Populares» foi rica



em seu conteúdo folclórico e os motivos apresentados foram muito bem escolhidos, o «Saci Pererê», o «Zumbi», o «Chico Rei», o «Negrinho do Pastoreio» e a «Iara».

O Saci Pererê, mito que subiu do Sul para o Norte, existindo na região do Prata. É de viva presença até à Bahia. Ignorado no Nordeste e Amazonas, mas habitual nos textos literários e não nas estórias populares. Negrinho pequeno, magro, ágil, com uma única perna, cobre a cabeça com uma carapuça vermelha, afunilada, com poderes mágicos, na boca o eterno cachimbo. É um duende inquieto, zombeteiro, anunciando-se pelos assobios agudos, espavorindo o gado, assombrando os viajantes, perturbando a tranqüilidade das residências roceiras. Não é realmente malévolo, mas adora criar complicações e dificuldades nas solidões do sertão sulista. Não atravessa água e todos os animais o respeitam como superior. Pode dar dinheiro e ajudar aos merecedores de sua misteriosa simpatia. Corresponde ao poderoso Capora do Nordeste.

Zumbi, do quimbundo Nzámbi, divindade, potestade divina, por translação, título dado aos chefes militares. Título e não nome próprio. Denominou o derradeiro chefe dos ex-escravos insubmissos, organizados em quilombo, aldeia, na Serra da Barriga, Palmares. Resistiu anos e anos e em 1695, assaltado por forças imensamente superiores, Palmares foi vencida em sua resistência, que parecia miraculosa. O negro Zumbi, na hora trágica da derrota, brandiu a lança num gesto de realeza e saltou no abismo da serra, preferindo morrer a render-se. Nina Rodrigues aclamou-a a Tróia Negra. É um dos temas exaltados como símbolo do espírito libertário dos negros bantos. Zumbi tornou-se a figura mais expressiva e comovedora da rebeldia, sagrada pelo destemor à morte e negando-se ao regresso à escravidão. É um episódio inspirador de poesia, pintura, pesquisa histórica.

Chico Rei, tradição popularíssima em Minas Gerais, notadamente ao derredor de Vila Rica (Ouro Preto). Rei africano, vendido com parte vultosa de seu povo como escravo para as pesquisas do ouro nas Minas Gerais, apelidado Chico Rei, descobriu um rico depósito aurífero na Zona da Encardideira, e nas horas furtivas, acompanhado de companheiros fiéis, extraía o minério. Comprou sua liberdade e lentamente alforriou todos os homens e mulheres que haviam com ele vindo da África e eram seus súditos. Adquiriu a mina, tornando-se rico, cercado pelos seus conterrâneos, constituindo um reinado africano e cristão na terra de Minas Gerais. Devoto de Nossa Senhora do Rosário, cada dia 6 de janeiro vinha com deslumbrante cortejo à Vila Rica, festejar a Madrinha que o libertara do degredo. Depois da cerimônia religiosa, entoavam cantos e um bailado vistoso encantava a todos. Antes de voltar à Encardideira, as negras do séquito de Chico Rei lavavam as carapinhas polvilhadas de ouro numa pia de pedra que ainda existe no Alto da Cruz. Escravos e escravas recolhiam o ouro em pó para a desejada manumissão. A tradição tem motivado fixação artística, poética e mesmo fortes composições musicais, como o «Maracatu de Chico Rei», do maestro Francisco Mignone.

O Negrinho do Pastoreio é o mais po-

pular dos mitos do Rio Grande do Sul, divulgado por todo o Brasil austral, central e nordestino. Um negrinho novo, escravo de estancieiro rico e mau, perdendo a tropilha de baios que pastoreava ou uma corrida de parelheiros, foi mandado surrar cruelmente e ainda vivo jogado num formigueiro, onde sucumbiu. Ressuscitado, milagrosamente, reapareceu montando um lindo cavalo baio, à frente da tropilha, invisível, mas identificável pela voz e tropel. Afilhado de Nossa Senhora, acendem cotos de velas nos campos, para que o Negrinho do Pastoreio faça encontrar os objetos perdidos. É uma presença constante no memorial coletivo gaúcho, em plano de viva sentimentalidade.

A Iara é a Rainha das Águas, correspondendo à Sereia do Mediterrâneo, alucinando pelo canto e não os animais fantásticos do Brasil dos séculos XVI e XVII, que eram monstruosos e sem forma humana. É a Mãe d'Água irresistível, e o mito mais universal, inspirador de artes. A Iara é mito dominador por toda a Amazônia. A Cobra Grande, a Boiúna, representa o elemento autenticamente nativo. É o símbolo da sedução feminina, enleante e soberano, alheio ao vampirismo cinematográfico.

A série de «Cultura Popular» focalizou em selos a rede de dormir, a renda de bilro, a literatura de cordel e a cerâmica de Vitalino.

A «rede de dormir», leito oscilante, suspenso pelas extremidades, tecido ou trançado de fios de algodão, fibras de cipós ou juta e mesmo tiras de couro, espalhou-se pelo território nacional por ser a forma comum em quem dormiam todos. Da Bahia para o Norte é de uso dominador. Clóvis Beviláqua dizia: «Nordesta sem rede é corpo sem alma».

Almofada, pique (tira de algodão com o itinerário da linha), alfinetes, bilros, e eis, juntos, os equipamentos de um dos mais antigos artesanatos do Nordeste. A rendeira, personagem folclórica, é quem os aciona, às vezes, em nível de criatividade e beleza, sem repetir os modelos. Daí a variedade nos pontos e padrões, alguns de nomes pitoresco: aranha, mão de obra, cobra doida, pata de siri. As moças não os dispensam de vestidos, blusas, camisas de dormir. Ninguém os dispensa, nas paróquias de costumes tradicionais, em toalhas de altares, cômodas de sacristias, alvas e roquete de padre, camisas de batizado de menino. É a «renda de bilro».

A «Literatura de Cordel» é uma poesia situada entre o lírico e o épico, impressa em folhetos feitos de papel de qualidade inferior e cujas capas melhores são ilustradas através de xilogravuras populares. Esses folhetos tratam de casos de amor, profecias, milagres, feitos dos cangaceiros, assombrações e aparições, pegadas de boi e outros acontecimentos suficientemente fortes para impressionar a imaginação popular.

Em Caruaru, Mestre Vitalino, tocava pífano e fazia bonecos de barro: jumentos, cavalos, carneiros, camponeses, velhas cachimbeiras, cachorros e mais tarde, os coloridos cangaceiros, os caçadores, as onças, os bois, as casas de farinha, os retirantes, os forrós, os casamentos, os batizados, todo um mundo que

o cercava em pitoresco, usos e costumes. Sempre se conservou puro na sua escultura, imprimindo às figuras de cerâmica uma atmosfera de humor, crença, santidade, sofrimento, que eram a sua particular marca de artista de barro.

A seqüência de emissões de selos folclóricos brasileiros continuará, neste ano, com a série «Manifestações Populares» que aproveitará: os «Guerreiros», auto e dança das mais tradi-

cionais em Alagoas; o «artesanato» de Juazeiro do Norte, no Ceará; a «Congada do Serro», bailado popular de Minas Gerais; a «Cerâmica Marajoara», do Pará; a «arte popular» da Paraíba e o «frevo» de Pernambuco.

(Extraído de trechos dos Editais da ECT assinados por Luís da Câmara Cascudo, Mauro Mota, Ariano Suassuna e Hermílio Borba Filho)

ÉDEN EDUARDO PEREIRA

(Presidente da Comissão Municipal de Filatelia — Olímpia)

## ○ Folclore nas Escolas Brasileiras

Em quase todos os Planos de Ensino das escolas brasileiras, especialmente nas de Olímpia encontra-se, pelo menos, uma unidade relativa ao folclore brasileiro. Já é uma importante vitória alcançada pelos dedicados batalhadores em prol de um melhor conhecimento da nossa terra, de nossa gente e dos seus costumes populares. Apesar disso, ainda há enormes falhas que, com o correr dos tempos, deverão ser sanadas.

O professor, muitas vezes, conhece profundamente o folclore de sua Pátria, mas não consegue transmitir ao aluno o necessário apego às coisas de seu povo. Outras vezes, pouco ou nada conhece, não se esforça por conhecer e, conseqüentemente, seus alunos não terão oportunidade de aprofundar-se no magnífico conteúdo que nos oferece o estudo do folclore.

Através de aulas ilustradas com a projeção de «slides», com a demonstração de objetos popularizados por nossa gente, com dramatizações coloridas e vívidas de lendas, levar-se-ia o aluno a um mundo novo, ampliar-se-iam seus horizontes culturais e, o que é mais importante, permitir-se-lhes-ia entrar em contacto com a riqueza do nosso homem simples, humilde, brasileiro de verdade.

É tão vasto o terreno a ser explorado, tão impressionantes os objetos a serem atingidos e tão profícuos os benefícios que a escola e a comunidade receberiam, que deveria ser feita uma campanha em nível nacional, para obrigar-se a introdução do tema «Folclore» em todo Plano de Ensino. Levar o folclore brasileiro à sala de aula, desde a escola pré-primária à universidade, seria levar a História do Brasil a todos os lares, a todas as instituições encarregadas do desenvolvimento sócio-econômico-cultural do país.

Cantigas de roda, provérbios, ditos populares, lendas, trava-línguas, artesanato, culinária, arte popular, brinquedos, que mundo maravilhoso poderia ser vislumbrado pelo educando, em vez da monotonia das aulas quotidianas. Levar a criança a prolongar seu «mundo de faz-de-conta» é permitir-lhe vida mais amena, oferecer-lhe horas felizes, propiciando-lhe, ao mesmo tempo, conhecimentos para a vida toda.

Viver os personagens do folclore, viver suas estórias maravilhosas, é forma altamente recomendada para o desenvolvimento integral do educando.

Ir-se embuindo, aos poucos, da cultura popular, é forma agradável de perpetuar-se valores. Ensino renovado exige que a escola prepare o indivíduo para a vida hodierna, para enfrentar problemas que o mundo em constante evolução a ele impõe.

O educando vive em luta perene com o manancial de conhecimentos que cresce cada vez mais. Precisa aprender muito, em pouco tempo. Assim, nada melhor que aulas agradáveis, envoltas na doce magia da música folclórica, no espírito humorístico dos trovadores, na morna ternura das danças bem brasileiras, no encanto das estórias de sacis, assombrações, mulas sem-cabeça, senhores malvados e escravos libertos da maldade terrena. Nada melhor que aprender fácil e alegremente algo que venha, a curto prazo, ampliar seu cabedal de conhecimentos e torná-lo, se possível, mais brasileiro, mais conhecedor do folclore,

As escolas poderão, mais do que festas anuais, mais do que desfiles suntuosos, mais do que todo e qualquer veículo moderno de comunicação, interligar o passado ao presente, despertar sentimentos de amor ao próximo, de apego às coisas de nossa terra, de respeito aos homens simples que tão bem souberam cantar em prosa e verso as incomparáveis belezas de um país pródigo em belezas.

Levemos, pois, aos bancos escolares, o folclore brasileiro.

Iseh Bueno de Camargo

(professora de Educação do C.E.N.E. «Capitão Narciso Bertolino»).

# Folclore e Televisão

Ao projetarmos a série «Folclore do Brasil» para a TV Cultura de São Paulo, em 1972, nos propusemos a realizar um trabalho que não tivesse na exibição pela televisão o seu fim supremo. Mais que isso, desejávamos registrar os mais diversos aspectos de nossa cultura popular e depositá-los em favor da Antropologia Cultural, a ciência que, a nosso ver, dispõe de todos os métodos apropriados ao estudo do fato folclórico.

Por essa razão, os programas da série não se propõem à análise dos fatos documentados; limitam-se a recolher com a imagem, produzindo, assim, material de pesquisa. O acervo da série não se reduz ao produto final emitido pela televisão, pois inclui as seqüências e depoimentos que as pretensões compactas da televisão brasileira não comportam.

Por que então a televisão como instrumento documentador, se as suas tradições não revelam qualquer sensibilidade para com o esboçar de um mapa cultural do país?

Por mais simples razões, a televisão é potencialmente o mais completo instrumento documentador. Ela dispõe da mais flexível estrutura operacional, permitindo-lhe cobrir imediatamente e a baixos custos os mais diferentes acontecimentos num raio de ação que a cada dia se torna mais amplo. Evidentemente, o seu comportamento físico e as suas exigências de tempo útil de produção impelem à finalização de produtos menos apurados. Mas este é um aspecto que se modificará somente quando ela assumir de fato o seu papel documentador, provocando uma ruptura no tradicional binômio «produção-consumo».

De outra parte, o projeto da série decidiu não se filiar a definições ortodoxas de o que seja folclore. Apenas partiu da idéia de que o folclore não é uma ciência, não podendo pois se encerrar em si próprio. E tomou os devidos cuidados para não se comportar, em seu trabalho de documentação, como certo número de folcloristas, que mais são diletantes alimentando uma visão romântica dos fenômenos da cultura popular. Buscou mais levantar dados para um documentário de época, razão pela qual não se ateve apenas aos aspectos consagradamente tradicionais.

Se admitirmos como componentes da cultura popular os usos e os costumes suplantados pelo científico e pelo erudito que se lhes opõem, teremos consideravelmente alargado o

campo para o nosso trabalho documentador. Bastaria verificar que, a despeito da evolução do pensamento social e do progresso científico do século XX, vivemos ainda numa sociedade predominantemente romântica.

Os dois primeiros anos de trabalho - 1973 e 1974 - foram altamente favoráveis às proposições da série. Destacamos como os mais importantes, os documentários realizados no Maranhão, em Santa Catarina e, sobretudo, durante o 9.º Festival do Folclore de Olímpia, no Estado de São Paulo.

Em São Luís do Maranhão, documentamos os quatro sotaques do Bumba-meu-Boi, dando especial atenção às toadas «puxadas» pelos amos dos grupos, sempre improvisadas e dizendo a respeito ao dia-a-dia dos brincantes, geralmente trabalhadores braçais. Documentamos também o Tambor de Crioula, o de Índios e o de Mina, este último no mesmo terreiro em que Luís Saia, em 1938, filmou para a Missão de Pesquisas Folclóricas do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, então dirigido por Mário de Andrade.

Em Santa Catarina, cobrimos a área costeira, documentando o Boi-de-Mamão, o Cacumbi, o trabalho das rendeiras de Florianópolis e a Procissão de Nossa Senhora, em Navegantes, localidade próxima de Itajaí.

Porém, foi o 9.º Festival do Folclore de Olímpia nosso mais amplo trabalho, dado ao grande número de grupos folclóricos que ali se apresentou e dada a sua diversidade, que nos permitiu constatar as mais diferentes influências sofridas pelos divertimentos tradicionais numa região tão próxima do eixo São Paulo-Rio, pelo emissor de forças homogeneizadoras por parte da civilização urbana.

A importância do que documentamos em Olímpia em 1973 começa a crescer na medida em que o tempo passa. Um novo trabalho de documentação, previsto para 1977, permitirá um confronto que, seja qual for a forma em que se dê, revelará o indiscutível dinamismo da cultura popular e, conseqüentemente, a necessidade de emprestar um mesmo dinamismo à sua atividade documentadora.

**Gregório Bacic**

Produtor da TV Cultura de São Paulo —  
responsável pela série «Folclore do Brasil».

## Folc-comunicação

«...O meu boi morreu

Que será de mim...»

(Bumba-meu-Boi)

A comunicação nos tempos atuais, que aos poucos afirma-se como ciência, tem estudado os processos intercomunicativos no ponto de vista cultural. Os elementos da vida popular são temas englobados na informação em seus vários níveis. A Folc-comunicação, ou como alguns estudiosos preferem «Folclore e a Comunicação de Massas», procura uma nova consciência entre a cultura realmente popular e o resto da cultura brasileira. Para tal, faz-se neces-

sário que esta mesma comunicação, procure os seus valores em fontes puras da cultura popular. O Festival do Folclore em Olímpia é uma destas fontes. Durante uma semana, temos a realização de manifestações tipicamente populares. Não há uma massificação de gostos e idéias, como acontece nas metrópoles. Desta maneira, somos um laboratório vivo de experiências folclóricas.

A Folc-comunicação adota um enfoque quase que pragmático com relação à cultura popular e não propriamente comunicativa. Para cada esfera comunicativa—religiosa, comercial, política, educativa com as massas, a cultura popular tem sido de grande valia. Podemos até informar que a «mass-culture» nada cria e sim modifica. Aqui em Olímpia, no transcorrer do Festival, somos o símbolo e a linguagem da vida popular. Padrões valores, maneiras de viver, e os aspectos específicos do termo cultura. Cultura, porém, refere-se ao fenômeno geral: é a caminhada histórica de grupos nacionais com as mesmas características comuns.

A cultura popular, mais do que um tema da moda, é assim cognominada por um processo comunicativo onde a relação resulta da diversificação. Para o povo não há um critério de diferenciação. É a sua forma de vida. E posso até afirmar que causa surpresa ao povo o interesse de grupos por assuntos que muitas vezes considera corriqueiros. Esta procura de fatos pitorescos; é uma atitude de quem vê de fora. Assim, a cultura popular deu origem a uma disciplina dedicada a alguns aspectos culturais, ou seja o Folclore.

A historiografia do folclore está intimamente ligada ao aspecto da informação. No Brasil as tendências iniciais eram literárias. A poesia, os contos e cantos do povo deram início ao processo de pesquisa. Logo à frente o aspecto urbano da tradição portuguesa e dos africanos concentrados em cidades. Com a República no Brasil a informação folclórica escapa aos folcloristas, indo parar nas mãos de novelistas e poetas. De lá para cá, tem-se tentado esforços que coroaram o trabalho de certos folcloristas. Devemos ao filólogo Amadeu Amaral a seriedade das tendências atuais. Muitos outros nomes

podem ser citados: Mário de Andrade, Câmara Cascudo, Renato Almeida, Rossini Tavares de Lima, Alceu Maynard Araújo e outros.

A Folc-comunicação tem um longo trabalho pela frente, ou seja, impedir o desaparecimento de temas folclóricos. As formas tradicionais nos centros urbanos cedem lugar a um divertimento rápido e estandarizado, ou seja, o rádio e a televisão. Assim, observamos que em certas regiões de São Paulo já não existem «folguedos». Todavia, o folclore ainda desempenha papel importante nas zonas rurais, como elemento característico de nossa herança cultural. Olímpia tem sido um exemplo, registrando e reconstituindo a cada ano as manifestações populares. Nossos festivais são na realidade marcos históricos da «Folc-comunicação». Daqui e de tudo aquilo que irão enriquecer seus estudos e pesquisas. São fatos de nossa sociedade tradicional que muitos estudiosos podem esclarecer através dos tempos e com o auxílio da comunicação. Esta herança cultural, da qual somos mentores, e algumas outras poucas cidades pelo Brasil, é a nossa realidade. Os meios de comunicação da capital já registraram o fato. O processo já foi desencadeado. Através da Folc-comunicação, todo o Estado, o país e mesmo quem sabe o exterior, tomam conhecimento do trabalho sério e importante que desenvolvemos aqui. O Festival do Folclore de Olímpia é um marco na cultura brasileira.

«Chico era o boi do rancho

Nas festas de Natal:

Agora que não tem Chico

Que graça pode ter?

Pois Chico foi na jangada

E a jangada voltou só».

(Dorival Caymmi)

**Alberto Carlos Gomes Lomba**

(jornalista - editor do Jornal da [Cidade - Olímpia])

## REIS DE BOI

**Maria Isabel Figueiredo Pontes**

(folclorista - Juazeiro (BA) - 1974)

Reis de Boi é a mais lídima tradição do folclore nativo de JUAZEIRO DA BAHIA e de toda a região ribeirinha.

É festa do solstício de verão

Na região de JUAZEIRO, é denominada «REIS DE BOI» e é realizada nos festejos natalinos, vésperas dos «SANTOS REIS» — e seguindo até semanas antes do carnaval.

É uma jóia do folclore natalino. No «REIS DE BOI» da região do São Francisco, temos os seguintes personagens: As Pastorinhas, A Sra. Dona do Boi, o Caçador, Mateus ou Careta, os músicos, pandeirista, acordeonista, zabumba, cavaquinho, ganzá e violão.

A JANDAINHA - muito melga, canta, dança, mas é

vítima de um caçador. A sua dona chora, lamenta, lamenta a sua triste sorte, mas com o conselho das pastorinhas e os milagres dos SANTOS REIS - a Jandainha ressucita, e volta a dançar.

A BORBOLETA - muito viva e saltitante, vem cantando saudar o povo. É uma encantadora figura.

A EMA - no seu passo dança, se sacode, faz dengos... mostrando sua plumagem.

O CAVALO MARINHO - vem para dançar e mostrar os seus passinhos.

O CAIPORA - vem gritando, saltando, com um «pé

dentro e outro fora, faz mil assombrações. É um espantalho, um gênio do mal. Habitante das matas, que só traz azar a má sorte.

O URUBU - «Abre alas é chegado o urubu, olé». Bicho malandro e treitoso que é, dá saltos manhosos, dança e faz medidas, mas o que ele quer mesmo é um meleco (comida de urubu).

O BABAU - uma fera maldita, de tão ruim que foi em vida... tornou-se uma fera e a sua sina é trazer consigo a caveira de um «JEGUE» (jumento), pois a sua face, o diabo carregou. Ele chega, parecendo o cão (o diabo), dá saltos e investe contra tudo e todos.

A MULINHA DE OURO - mulinha, «mula de padre»-mulher má que em vida virou a cabeça de em reverendo. Mas por ter sido bonitinha, ficou toda de ouro e de ouro só. É graciosa, dengosa, samba, sapateia. É um amor de mulinha, muito embora faça também suas assombrações.

MATEUS ou CARETA - moleque terrível que vem atentar o boi.

O BOI - é a figura central do «REIS» - ele entra dançando garbosamente e seu nome é «JANEIRO», mas por ironia da sorte, lá se vem o MATEUS e com uma bexiga de boi mata JANEIRO. JANEIRO é chorado, lamentado, «Incelências» de boi são cantadas, mas como nada resolve, a SRA. DONA DO BOI lê o testamento «partição do boi» ou divisão, mas nisto ela tem uma idéia e grita: «MINHA GENTE CADÊ O DOUTOR?»

DOUTOR - homem compenetrado, vem receita o boi e há esperanças. Nisto a Senhora Dona do Boi faz uma invocação e nisto JANEIRO gloriosamente ressucita e há aquela festa. É bumba, bumba-meu-boi... ei bumba, bumba-meu boi...»

Finalmente, Pastorinhas e todas as figuras do «REIS» cantam as despedidas, pedindo desculpas, «SE OS REIS NÃO SAIR A SEU GOSTO SENHORES, QUEIRA TODOS DESCULPAR». E por fim, animada e ranciosamente, cantam:

«CADÊ MARIA CARINHOSA, CADÊ MARIA, CARINHOSA ELA É, ADEUS, ADEUS MARIA».

Reis de Boi — tradição do folclore natalino — é de origem portuguesa e africana, isto é, tem na cultura popular portuguesa e africana as suas origens, mas os seus contos e bailados sobrepujam as influências do índio e do escravo. Tem conotações próprias de região a região.

O BUMBA-MEU-BOI - do Norte do Brasil é dançado em junho, já o nosso «REIS DE BOI» é dançado no Natal.

Notamos também a presença de vários elementos da arqueocivilização: animais que falam, dançam e ressucitam.

Para alguns estudiosos do assunto, o «REIS DE BOI» é em si, um protesto, belo, sutil, uma reação da classe menos favorecida às injustiças sociais de então. Note-se que na divisão do boi, a sua dona despreza todos e somente às pessoas gradas ela oferece as melhores partes.

Em suma, é uma manifestação folclórica de nossa terra, muito diz das nossas origens e de nossa gente. Preservá-lo é um dever muito cívico, é a alma brasileira na sua mais pura manifestação da nossa arte e cultura popular.

## Samba de Véio

Tradição juazeirense.

Recebeu este nome, porque era dançado especialmente por velhos. Nasceu nas senzalas, nos terreiros e passou para as farinhaças ou «desmanchas» e foi e ainda é sucesso nas moagens como também hoje em dia, no Bairro do Alagadiço, no Mourão e no Quidê. É uma presença constante em qualquer celebração ou, simplesmente, num sábado e até o sol raiar da segunda-feira.

Um violeiro, juntamente com os tocadores de tamborete de forró, pandeiro, ganzá e harmônica fazem a marcação e o «couro come».

As mulheres fazem uma roda, o violeiro tem que ser um grande repentista e os demais figurantes fazem o coro.

Cantam geralmente músicas que falam do sertão, do boi, do veado, da onça e sobretudo do «rio». O Rio São Francisco é uma constante nos cantos e por isto ficou célebre o «PIABAÊ, PIABAÊ... piabaê peixim do rio, piabaê peixim do mar» e o célebre «CAPIM DA LAGOA».

As mulheres batem fortemente com os pés e fazem mil requebros, dão uma volta e pelo meio da roda requebram e sapateiam, indo depois dar uma umbigada num companheiro ou companheira, e esta dá um salto e cai no meio da roda, ocupando-lhe o lugar.

É uma dança animada, motivante, comunica e é muito contagiante.

## Registro

# Professor Rossini Tavares de Lima

Rossini Tavares de Lima é o nome de um dos mais notáveis pesquisadores do folclore brasileiro, prestando um inestimável serviço aos estudiosos do folclore de São Paulo e do Brasil.

Nasceu o professor Rossini em Itapetininga, Estado de São Paulo, no dia 25 de abril de 1915.

Itapetininga é uma cidade de simpatia crescente e paisagem encantadora. É filho de Mozart Tavares de Lima e D. Maria José Aires Tavares de Lima.

Fez os primeiros estudos de piano com seu pai e diplomou-se em música em 1935, pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Aluno e amigo de Mário de Andrade, com ele iniciou os estudos de folclore e foi seu assistente, no ensino de História da Música, no mesmo Conservatório e no ano de 1944 começou a en-

sinar folclore nacional naquela Escola.

Ingressou no Curso de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade de São Paulo, indo até o 3.º ano. Abandonou-o para dedicar-se inteiramente à música e ao folclore. Foi professor de História do Brasil, História da Civilização, Economia Política, História das Doutrinas Econômicas e Orfeão em diversos estabelecimentos de ensino da Capital Paulista. Colaborou em diferentes jornais de 1940 a 1945. A partir de 1944 foi comentarista musical da Rádio Cruzeiro do Sul; em 1948, no mesmo cargo, na Rádio Gazeta, onde chegou a Chefe de Reportagem. De 1958 a 1963 dirigiu, nesse jornal, a página de folclore, publicada aos sábados.

Integrou o Conselho de Ensino da Fundação Armando Álvares Penteado e a Consultoria Técnica do Serviço de Congressos, em geral, da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

Fundou, com seus alunos do Conservatório, o Centro de Pesquisas Folclóricas «Mário de Andrade» e a revista «Folclore», órgão desse Centro e da Comissão Paulista de Folclore, do IBCEC, para que foi convidado pelo ministro Renato Almeida, presidente da Comissão Nacional de Folclore.

## Trabalhos publicados sobre Folclore

São essas, além de centenas de artigos publicados em jornais, revistas, folhetos, etc. as principais obras do emérito escritor brasileiro folclorista:

Nótulas sobre Pesquisas de Folclore Musical (1945)

Ai, Eu Entrei na Roda — 50 rodas infantis (1947)

Poesias e Adivinhas (1947)

Mitos do Estado de São Paulo (1948)

Conceituação do Lundu (1953)

Abecê do Folclore: 1952, 1958, 1962, 1968, 1972

(É o livro de Folclore, editado no Brasil, com cinco edições)

Folclore de São Paulo - melodia e ritmo (1954, 1962)

Folguedos Populares de São Paulo (1954)

Achegas do Estudo do Romanceiro do Brasil (1959)

A Malhação do Judas em São Paulo (1959)

O Folclore na Obra de Escritores Paulistas (1962)

Folguedos Populares do Brasil (1963)

Manifestações Folclóricas em São Paulo - «São Paulo, Terra e Povo» (1968)

O Folclore no Litoral Norte de São Paulo - com equipe da Comissão Paulista de Folclore, 1.º volume (1968)

Romanceiro Folclórico do Brasil (1971)

Folclore das Festas Cíclicas (1971)

## Prêmios de Folclore

Prêmios de Folclore: Monografia sobre Folclore Brasileiro, da Discoteca Pública Municipal de São Paulo, em 1952, com o trabalho «Malhação de Judas em São Paulo»; Prêmio Silvio Romero, da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, com o trabalho - «Romanceiro Peninsular no Brasil»; Prêmio Governador do Estado de São Paulo, em 1960, com o trabalho - «Os Africanos na Cultura Popular».

## Discos de Folclore

Orientou as gravações da cantora Profa. Ely Camargo: «Folclore do Brasil» e «Danças Folclóricas e Folguedos Populares», lançados pela Gravadora Chantecler de São Paulo, as quais apresentam temas de suas obras.

## Escola de Folclore

Em 1967 criou e instalou um Curso de Folclore de onde surgiu a Escola de Folclore, em 1971, com o objetivo de formar pesquisadores do folclore brasileiro. Trata-se de um curso regular de duração de um ano (dois semestres) com aulas práticas e treinamento em pesquisa de campo.

A prática é, para o folclorista Rossini Tavares de Lima, imprescindível para um bom pesquisador de folclore e por isso mesmo a execução de pesquisa é o fato principal do curso.

Confinado entre os livros de sua preciosa Biblioteca (hoje doada ao Museu do Folclore de São Paulo), não se tem limitado a compulsá-los e a examinar a valiosa, mas exaustiva documentação.

Com aquela paixão pelo folclore, procura descobrir o desconhecido das coisas do nosso povo, como o tem demonstrado em anos de trabalhos contínuos, a descer nos campos, em equipe às vezes, sozinho, apenas munido de lanterna, máquina fotográfica, gravador, cadernos de notas, deixando-se surpreender pelas trevas da noite, vadeando córregos e ribeirões para pesquisar o riquíssimo folclore pátrio.

Há ainda, felizmente, almas batidas por ofuscantes lampejos de ideais desprendidos da triste e inútil materialidade das coisas.

A simpatia crescente, assim como a cultura e a ciência desse folclorista se esbatem na sombra de sua modéstia.

O Prof. Rossini é assim: nele a ciência não atçou nenhuma soberba e na sua humildade é que se radica o seu grande valor.

E nós, de Olímpia, por mais de um decênio, logramos a amizade amorável do exímio pesquisador e o recebemos em nosso coração de maneira irremovível.

Não se apagam, nem se confundem os sinais alicerçados nessa nossa amizade como «o pai espiritual dos folcloristas da nova geração».

# Olimpia e seu Folclore Musical

## Grupo Folclórico



### Lado 1

- 1- ANJO LINDO (modinha de serenata) com Odair e Antônio Macedo e seus instrumentos - acompanhamento de Eurípedes de Oliveira ao violão e Néelson Tremura ao violino 2'37"
- 2- FOLIA DE SÃO SEBASTIÃO (peditório e agradecimento) Família Miranda, Vila São José 3'48"
- Tempo total: 6'28"

### Lado 2

- 1- A MOÇA E A MOSCA (canto acumulado) com Odair e Antônio Macedo e seus instrumentos, Fazenda Cachoeirinha 3'55"
- 2- FOLIA DE SANTOS REIS (toada e agradecimento) Companhia Fernandes - Jardim Paulista 2'46"
- Tempo total: 6'44"

### Temas folclóricos recolhidos pelo

**Prof. José Sant'anna**

Estamos no mês do folclore e o aparecimento, agora, de um disco, que reflita «a maneira de sentir, pensar e agir do nosso povo», deve ser motivo de satisfação para os apreciadores das cantigas anônimas, conservadas e trazidas, até nós, nas asas da tradição. O lançamento do primeiro volume deste compacto-duplo, primeiro de uma série que a seu tempo, será gravada, não seria possível sem o entusiasmo de moço, a cultura sólida, a inteligência incomum no professor Sant'anna.

Conhecemo-lo desde tenra idade e na quadra juvenil, quando nosso aluno, no Colégio, já adivinhávamos o futuro brilhante do homem feito.

Esse jovem que não gosta de ser apontado como saudosista e muito menos que o chamem de tradicionalista, talvez porque nem todas as manifestações folclóricas lhe agradem, começou por fazer «pesquisas de campo» e, em seguida, a registrar tudo quanto brotasse da alma simples e ingênua dos humildes filhos do sertão.

Tal era o encanto que encontrava naquele tesouro valioso, porém, dissipável, que se decidiu a estudá-lo e a dedicar-lhe todas as suas horas disponíveis.

Em 1965 realizou, em Olímpia, o 1.º Festival Folclórico, no mês de agosto.

O passo seguinte foi a instalação do Departamento de Folclore de Olímpia, cujo objetivo era incentivar o estudo do folclore e chamar a atenção para a importância desta ciência sócio-antropológica.

A participação da cantora Ely Camargo, em 1965, concorreu para maior brilhantismo dos festejos, e mais, foi por intermédio da notável intérprete de nossas músicas, que o professor Sant'anna travou conhecimento com o Dr. Rossini Tavares de Lima e, logo após, com a Profa. Laura Della Mônica, ilustres folcloristas, tornando-se a seguir membro efetivo da Associação Brasileira de Folclore. Integra a Comissão Estadual de Folclore e Artesanato (Conselho Estadual de Cultura) e preside a Comissão Municipal de Folclore, da Prefeitura, da qual obtém o apoio e a colaboração.

Os informes contidos nesta contracapa seriam incompletos se não dissessemos que na gravação das melodias colhidas pelo Prof. Sant'anna só houve a participação de elemento «folc». Os grupos e os cantadores são, autenticamente, do folclore. A capa apresenta um dos grupos de «Folia de Reis», das trinta e duas existentes no Município de Olímpia.

Cabem aqui nossos aplausos muito especiais à Chantecler por este lançamento e pela contribuição que vem dando ao conhecimento do folclore de nossa terra e à cultura de nossa gente.

Agosto de 1969

ROTHSCHILD MATHIAS NETTO - (Presidente da Comissão Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural - Olímpia)

Compacto-duplo gravado em julho de 1969 pela Chantecler de São Paulo. C - 33 - 639 P - 1969.

Lançamento: 11 de agosto de 1969, às 10 horas, na Prefeitura Municipal de Olímpia, por ocasião do 5.º Festival do Folclore.

Anjo Lindo

1. Dor me — O meu anjo lin-do — Vai cal me dor  
 2. Dor me — sem re-nhum cui da do — Que estou a pau

1. min. do — Quem ve-la sou eu  
 2. la. do — e ve-lo por ti

So-mha — Connoites de lu. a — mi-nhal maie

tu - a — Quem ve-la sou eu

### 1- Anjo Lindo (modinha de serenata)

Gravada por Odair Paulo Macedo (e viola), Antônio Ferreira Macedo Sobrinho (e violão), com acompanhamento de Néelson Tremura (violino)

## Anjo Lindo

Dorme, ó meu anjo lindo  
Vai calma dormindo  
Quem vela sou eu.

Dorme, sem nenhum cuidado  
Que estou ao seu lado  
E velo por ti.

Sonhar, com noites de lua  
Minh'alma é só tua (bis)  
Quem vela sou eu.

Informante: D. Judite S. Nogueira, de 43 anos.  
Aprendeu a no distrito de Ribeiro dos Santos,  
em 1937.  
Coleta: 1957.

## São Sebastião

### São Sebastião

### 1.a parte (peditório)

#### I

Aqui está São Sebastião, ai (solo)  
Devogado contra a peste, ai (coro)  
Ai, aqui está São Sebastião  
Ai, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô...  
Ai, devogado contra a peste  
Ai, ai, ê, ê, ê, ê, ê...

#### II

Ele sarva e pede oferta, ai (solo)  
Porque sabe que vós deste (coro)  
Ai, ele sarva e pede oferta  
Ai, ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô...  
Ai, porque sabe que vós deste  
Ai, ai, ê, ê, ê, ê, ê...

### 2.a parte (agradecimento)

#### I

Gardacemo a rica oferta, ai, ai (solo)  
Dada de bão coração, ai, ai (coro)  
Gardacemo a rica a oferta, ai, ai  
Ai, dada de bão coração  
Ai, ai, ê, ê, ê, ê, ê...

#### II

Nossa Senhora le ajude, ai, ai (solo)  
O márti São Sebastião, ai, ai (coro)  
Nossa Senhora le ajude, ai, ai  
O márti São Sebastião  
Ai, ai, ê, ê, ê, ê, ê...

## Folia de São Sebastião (peditório e agradecimento)

Gravada pela Companhia Miranda, da Vila São José,  
de Olímpia.

Mestre (e violeiro): Antônio Miranda Sobrinho; Con-  
tra-mestre (e violonista): Luís Batista; Ajudante (e  
pandeirista): João Miranda; Contralto (e violeiro): Luís  
Miranda; Quarta voz: Jesus Francisco de Miranda;  
Quinta voz (e cavaquinho): Antônio Aparecido de  
Miranda, Taleiro: José Donisêti Miranda Violinista:  
Antônio Ferreira M, Sobrinho e Caixeiro: Francisco  
Leite da Silva.

Observação: Foram aproveitadas  
apenas algumas estrofes do hinário dessa  
Folia.

Informante: Família Miranda. Data  
da coleta: 20 de janeiro de 1968, numa  
chegada dessa Companhia ao Jardim  
Paulista.

### 3 - A moça e a mosca (canto acumulado)

Interpretada por Odair Paulo Mace-  
do e Antônio Ferreira Macedo Sobrinho  
(e seus instrumentos), da Fazenda Ca-  
choeirinha.

## A moça e a mosca

### A Moça e a Mosca

#### I

Tava a moça em seu lugá  
Veio a mosca lhe atentá  
A mosca na moça  
A moça namora.  
Eu não posso namorá.

#### II

Tava a mosca em seu lugá  
Veio a aranha lhe atentá  
A aranha na mosca  
A mosca na moça  
A moça namora  
Eu não posso namorá.

#### III

Tava a aranha em seu lugá  
Veio a barata lhe atentá  
A barata na aranha  
A aranha na mosca  
A mosca na moça  
A moça namora  
Eu não posso namorá.

#### IV

Tava a barata em seu lugá  
Veio o rato lhe atentá  
O rato na barata  
A barata na aranha  
A aranha na mosca  
A mosca na moça  
A moça namora  
Eu não posso namorá.

## V

Tava o rato em seu lugá  
Veio o gato lhe atentá  
O gato no rato  
O rato na barata  
A barata na aranha  
A aranha na mosca  
A mosca na moça  
A moça namora  
Eu não posso namorá.

## VI

Tava o gato em seu lugá  
Veio o cão lhe atentá  
O cão no gato  
O gato no rato  
O rato na barata  
A barata na aranha  
A aranha na mosca  
A mosca na moça  
A moça namora  
Eu não posso namorá.

## VII

Tava o cão em seu lugá  
Veio o lobo lhe atenta  
O lobo no cão  
O cão no gato  
O gato no rato  
O rato na barata  
A barata na aranha  
A aranha na mosca  
A mosca na moça  
A moça namora  
Eu não posso namorá.

## VIII

Tava o lobo em seu lugá  
Veio a onça lhe atentá  
A onça no lobo  
O lobo no cão  
O cão no gato  
O gato no rato  
O rato na barrata  
A barata na aranha  
A aranha na mosca  
A mosca na moça  
A moça namora  
Eu não posso namorá.

## IX

Tava a onça em seu lugá  
Veio o veio lhe atentá  
O veio na onça  
A onça no lobo  
O lobo no cão  
O cão no gato  
O gato no rato  
O rato na barata  
A barata na aranha  
A aranha na mosca  
A mosca na moça  
A moça namora  
Eu não posso namorá.

## X

Tava o véio em seu lugá  
Veio a véia lhe atentá  
A véia no véio  
O véio na onça  
A onça no lobo  
O lobo no cão  
O cão no gato  
O gato no rato  
O rato na barata  
A barata na aranha  
A aranha na mosca  
A mosca na moça  
A moça namora  
Eu não posso namorá.

## XI

Tava a véia em seu lugá  
Veio a morte lhe atentá  
A morte na véia  
A véia no véio  
O véio na onça  
A onça no lobo  
O lobo no cão  
O cão no gato  
O gato no rato  
O rato na barata  
A barata na aranha  
A aranha na mosca  
A mosca na moça  
A moça namora  
Eu não posso namorá.

Coleta: agosto de 1965

Informante: Benedito Delfino Moreira, de 70 anos de idade,  
residente em Olímpia.

Foi interpretada (1.ª vez em Olímpia) pela senhorita  
Maria Cristina Leão Bitencourt, no I.º Festival do Folclore.

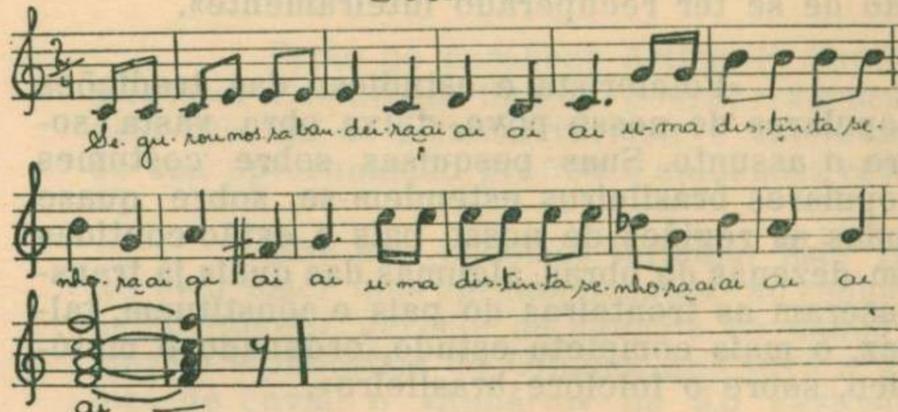
## Folia de Reis do Jardim Paulista

(origem mineira)

## Companhia Fernandes

Mestre (e violeiro): Celso Fernandes; Contra-mestre (e violonista): Sebastião Togneri; Ajudante de contra-mestre (pandeirista): Vicente Costa; Contralto (e cavaquinho): Nilson José Fernandes; Quarta-voz: Luís Carlos Gutieri; Quinta-voz: Benedito Carlos Menezes; Cacete: Rafael da Costa, Caixaero: Benedito Carlos Menezes e Violonista (rabeça): Emídio Vilela.

## Folia de Reis



## I

Segurô nossa bandeira, ai, ai, ai, ai  
Uma distinta senhora, ai, ai, ai, ai  
Uma distinta senhora  
Ai, ai, ai, ê, ê, ê...

## II

Santo Reis pede uma oferta ai, ai, ai, ai  
Nesta bençoada hora ai, ai, ai, ai  
Nesta bençoada hora  
Ai, ai, ai, ê, ê, ê...

## III

Santo Reis le agradece, ai, ai, ai, ai  
Santo Reis já vai embora, ai, ai, ai, ai  
Santo Reis já vai embora  
Ai, ai, ai, ê, ê, ê...  
Santo reis já vai embora, ai,

Nota: Foram aproveitadas somente algumas estrofes desta toada.

Coleta: 6 de janeiro de 1965 (chegada da Companhia de Reis à casa do festeiro, Sr. Celso Fernandes, no Jardim Paulista).

Colaboraram para o registro pentagramático a professora Maria Aparecida de Araújo Manzoli (regente da cadeira de Educação Musical do Ginásio Estadual da Vila São José) e o maestro Vicente Delamanha.

## Ministério da Educação e Cultura

Of. D E 89/69

Em 31/10/1969

Do Diretor Executivo da Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro.

Ao Professor José Sant'anna - Olímpia - São Paulo  
Assunto:-

Senhor Professor

Tenho a grata satisfação de informar o recebimento do disco «Olímpia e Seu Folclore Musical», lançado por ocasião do V Festival de Folclore no mês de agosto, em Olímpia. Agradecendo a gentileza da oferta, quero ao mesmo tempo, apresentar-lhe meus aplausos pela feliz iniciativa, certamente um dos acontecimentos marcantes da celebração da Data Nacional do Folclore, em todo o país, em 1969.

Na próxima edição da «Revista Brasileira do Folclore», faremos o devido registro dessa iniciativa, com o realce que bem merece.

Aproveito o ensejo, para apresentar a V. Sa. os meus protestos de elevada consideração e apreço,

Renato Almeida  
Diretor Executivo

## Alceu Maynard Araújo

Alceu Maynard Araújo nasceu, em Piracicaba, a 21 de dezembro de 1913 e faleceu, em São Paulo, em 23 de fevereiro de 1974, no sábado que antecedeu o Carnaval. Deixou a viúva D. Cecília Maynard Araújo e três filhos.

No ano anterior, sofrera um distúrbio cardíaco de certa gravidade, mas retornara às sessões da Academia Paulista de Letras - segundo informa Luís Martins - «participando com frequência dos debates e dando a todos a impressão de se ter recuperado inteiramente».

«Folclorista e estudioso das tradições populares de nosso povo, deixa obra vasta sobre o assunto. Suas pesquisas sobre costumes populares brasileiros estendem-se sobre quase todas as regiões de nosso país e estão contidas em dezenas de obras, algumas das quais já transpuseram as fronteiras do país e constituem, talvez, o mais completo estudo, ordenado e metódico, sobre o folclore brasileiro».

Maynard Araújo fez os primeiros estudos e o Curso Normal em Botucatu, onde residiu vários anos. Coursou a Escola de Sociologia e Política em São Paulo e também se formou em Direito pela U.S.P. Foi professor primário e de Geografia Humana. Fundou com Mário de Andrade e Nicanor Miranda os Clubes de Menores Operários da Divisão de Educação e Recreio. E ainda mais: foi comissário regional de Educação Física, chefe de equipe de pesquisas sociológicas da E.S.P.S.P, chefe do setor de História do Instituto de Administração da F.C.E.A. da U.S.P. e orientador de pesquisas sociais.

Destacamos do avultado número de obras de A. Maynard Araújo: «O Folclore Nacional» (3 volumes), «Cultura Popular Brasileira», «Poranduba Paulista» e «Brasil, Lendas, Estórias e Costumes».

A Biblioteca de Maynard Araújo foi doada à Divisão de Bibliotecas da Secretaria Municipal de Cultura e toda a coleção de objetos de arte popular que o folclorista reuniu pertence, atualmente, à Prefeitura de São Paulo.

R. M. N.

## Roger Bastide

Roger Bastide fez parte do grupo de ilustrados professores estrangeiros contratados na França, Inglaterra, Itália e Portugal pelos fundadores da Universidade de São Paulo e que «em poucos anos contando com a cooperação de excelentes professores brasileiros, fizeram, da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, uma instituição de ensino e pesquisa com prestígio internacional»(\*)

Sociólogo, crítico literário, etnólogo e psiquiatra o Bastidinho (como era carinhosamente chamado para não ser confundido com o seu colega da mesma época Paul Arbusse Bastide:

(o Bastidão) nasceu na França, na cidade de Lyon, em 1898.

Adaptou-se rapidamente em nosso país. Lecionou na USP de 1937 a 1951. Procurou dedicar-se ao estudo do folclore, da poesia afro-brasileira e das relações raciais no Brasil. Bom amigo do nosso país, «o melhor de sua obra, que é imensa, está baseado nas observações e estudos aqui realizados» diz o Prof. Paulo Duarte.

Deixou inacabado um ensaio sobre o desenvolvimento da Sociologia de 1875 a 1975, mas não são poucas as suas obras em português: «A Psicologia do Cafuné» (1941), «A poesia Afro-Brasileira» (1943), «Imagem do Nordeste Místico em Branco e Preto» (1945), «Estudos Afro-Brasileiros» (3 volumes: 1946, 1951 e 1953); «Arte e Sociedade» (1946), «Sociologia e Psicanálise» (1948) «Relações Raciais entre Negros e Brancos» em colaboração com Florestan Fernandes (1955).

Roger Bastide a 11 de abril de 1974 deixou o mundo dos vivos, aos 76 anos de idade. O seu desaparecimento foi, sem dúvida, uma grande perda.

(\*) A Universidade de São Paulo - Antônio Soares Amora.

R. M. N.

## Solano Trindade

Solano Trindade doente e já com seus 65 anos de idade, internou-se no «Lar dos Inválidos», da cidade de Campinas. Roberto Carlos e Elis Regina cantaram em seu benefício e uma exposição foi montada em Embu «da qual participou até Tarsila do Amaral».

Autor de alguns livros de poemas, iniciados do movimento de artes do Embu, grande incentivador do teatro popular brasileiro, o poeta negro faleceu completamente esquecido, num asilo carioca, abandonado pelos amigos.

Solano levava o Teatro Popular Brasileiro à Tchecoslováquia e a outros países, fizera cinema, fora folclorista, dedicara-se à pintura e cultivara a poesia.

Álvaro Alves de Faria que nos dá todas essas notícias e informações, prepara um esboço biográfico, antologia e coletânea de poemas inéditos do poeta desaparecido, na esperança de «ver reconhecido seu trabalho em favor da nossa cultura».

R. M. N.

## Expressão

A revista mensal da Grande São Paulo - «Expressão» - n.º 49, de outubro de 1974, publicou de autoria do jornalista Osiris de Paula Soares, interessante reportagem sobre Olímpia e o 10.º Festival do Folclore.

Ao fazermos este registro, entretanto, julgamos conveniente observar que: os Festivais Folclóricos de Olímpia foram criados exclusivamente pelo Prof. José Sant'anna, uma vez que ele não teve mestre, orientador ou guia como enganosamente afirmou o jornalista.

Contudo, a reportagem de «Expressão» apresenta muitos aspectos positivos e, por isso, aqui deixamos ao moço da imprensa que nos visitou, os nossos sinceros agradecimentos.

R.M.N.

## Folclore Musical de Olímpia em Disco

A gravadora Marcus Pereira, de São Paulo, numa feliz iniciativa, lançou sob o título geral «Música Popular do Centro-Oeste / Sudeste», melodias folclóricas que além de constituírem auxiliar valioso para o ensino do folclore nacional, vêm enriquecer as discotecas dos verdadeiros apreciadores da música brasileira de cunho autenticamente popular.

Fazemos esse registro com a maior satisfação e não deixamos de agradecer a inclusão no lado A, do disco 3 da série, da «Folia de Reis», do grupo de Olímpia, Família Miranda - coletada por José Sant'anna e gravada, em 1969, pela Chantecler de São Paulo.

## Ministério da Educação e Cultura

Of. 32/74

Em 13 de fevereiro de 1974.

Do Diretor-Executivo da Campanha de Defesa Folclore Brasileiro

Ao Diretor do Anuário da C. Municipal e do Departamento de Folclore de Olímpia - SP

Assunto: Agradecimento.

Exmo. Sr. Diretor

Venho acompanhando, com muita satisfação, a publicação de seu Anuário. Sei que não é uma tarefa fácil, mas representa um grande esforço generoso em prol das tradições populares do nosso povo. Se todas as Comissões Municipais imitassem a iniciativa de Olímpia, talvez o nosso folclore fosse melhor conhecido por todo o país. É de contribuições municipais que podemos partir para um estudo geral de nossa cultura, ajudando a pesquisa daqueles que não têm condições de se deslocarem de região a região. Trata-se de um trabalho patriótico e de uma manifestação de cultura. Espero que o Anuário continue em sua nobre tarefa, dando-nos números excelentes como os do 7.º, 8.º e 9.º Festival do Folclore.

Com estima e admiração.

RENATO ALMEIDA

Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore

## Campanha do Selo Antituberculose de 1974 Brasil: Turismo e Folclore

A Federação de Entidades de Luta Antituberculose (F.E.L.A.S.P.), lançou uma série de selos com motivos turísticos e folclóricos, com o objetivo de angariar fundos para a Campanha Antituberculose de 1974.

Os selos com temas e motivos folclóricos são os seguintes: Folclore Gaúcho em trajes típicos, Bandeira da Festa dos Reis, Instrumentos

musicais; Caiapós, de São José do Rio Pardo, Moçambique de Taubaté, Candeia - peça folclórica - séc. 16/17, Cordão de Bichos de Tatuí e Congada de Santo Antônio da Alegria.

O Anuário do 11.º Festival do Folclore registra o fato com satisfação por constatar que o folclore serve até mesmo para sensibilizar e chamar atenção das pessoas para os grandes problemas humanos.

## COMIND

Editado pelo Departamento Cultural da Caixa Beneficente dos Funcionários do Banco do Comércio e Indústria de São Paulo S.A., o jornal «Comind» é uma publicação feita com dedicação, sensibilidade e inteligência.

Estão de parabéns Arthur F. Baptista e o revisor Edmur de Barros Souza, responsáveis pela escolha da matéria variada e interessante, de sua apresentação gráfica e cuidadosa revisão.

Mas não podemos terminar este registro sem fazer dois agradecimentos: ao senhor Rinaldo Bonelli, gerente da agência do Banco Comércio e Indústria de Olímpia que teve a gentileza de enviar o «Anuário» do 9.º Festival do Folclore à redação do «Comind» e à direção do jornal, pela transcrição do trabalho do professor José Sant'anna, intitulado «Travalinguas» e do excerto do artigo do professor Rothschild Mathias Netto, «O Folclore e a Matemática».

## Decreto n.º 906, de 09 de agosto de 1974

Dispõe sobre instituição de patrono ao 10.º FEFOL.

O DOUTOR ALFONSO LOPES FERRAZ, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e

Considerando que agosto é o mês do Folclore Nacional;

Considerando que anualmente Olímpia vem realizando, durante o mês de agosto, o seu Festival do Folclore;

Considerando que no corrente exercício o Festival do Folclore de Olímpia será realizado no período de 11 a 18 de agosto próximo vindouro;

Considerando que durante esse período o Município se transforma, adicionando às suas atividades econômicas, políticas, financeiras e sociais aquelas outras decorrentes do culto e da vivência do folclore nacional;

Considerando que durante o referido período as atividades folclóricas se sobrepõem às demais atividades próprias da urbe e da gente olimpienses;

Considerando que o Executivo Municipal, como um dos órgãos que auspicia a festa folclórica local, cabe dispor sobre a sua organização, sob o aspecto material e sobre a sua elevação, sob o aspecto promocional;

Considerando que as raízes do folclore nacio-

nal encontram-se assentadas sobre os mitos criados por nossas gentes;

Considerando que, repetindo o Mestre Basílio de Magalhães; «o mito é a transfiguração dos seres e fenômenos naturais em corpos inaturais e forças sobrenaturais»;

Considerando que, assim posto, nada obsta ao Executivo, o aproveitamento dos mitos de nosso folclore para a enlevação da festa em seu aspecto promocional;

Considerando que dentre os mitos do folclore brasileiro, o do SACI - PERERÊ é um dos mais conhecidos, caracterizado sempre por uma figura folgazã, alegre e sem maldades;  
**DECRETO:**

Artigo 1.º - Fica instituído o Mito do Saci-Pererê como patrono do 10.º Festival do Folclore de Olímpia, cabendo-lhe ativar e avivar as festas, as comemorações, os folguedos, a alegria e as danças populares, no período de 11 a 18 de agosto de 1974.

Artigo 2.º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, aos 9 de agosto de 1974.

a) - Dr. ALFONSO LOPES FERRAZ  
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, aos 9 de agosto de 1974.

a) - MÁRIO MICELLI  
Diretor Geral do Expediente

Colégio e Escola Normal Estadual "Capitão Narciso Bertolino" - Olímpia.

### Centro de Estudos e Pesquisas Folclóricas

Para comemorar o mês do Folclore, além do majestoso 10.º Fefol, o Centro de Estudos e Pesquisas Folclóricas do C.E.N.E. «Capitão Narciso Bertolino», de Olímpia, organizou uma série de Conferências aos estudantes e estudiosos do folclore brasileiro.

### Conferências

(temas e preletores)

Mês agosto

Local: Salão - nobre do Sindicato Rural

Horário: 20 horas

### Dia 19

#### 1) Medicina Popular

Preletor: Prof. Rothschild Mathias Netto

- professor de Matemática do estabelecimento e presidente da Comissão Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Olímpia —

### Dia 20

#### 2) Folguedos Populares de Olímpia

Preletor: Prof. José Sant'anna

- professor de Português do estabelecimento e membro efetivo da Associação Brasileira de Folclore - São Paulo —

### Dia 21

#### 3) Cozinha Brasileira

Peletora: Profa. Teresa Coletto Souza

- professora de Educação do estabelecimento e membro do Departamento do Folclore de Olímpia —

### Dia 22

#### 4) Linguagem Popular

Preletor: Prof. Maurício César Alves Pereira

- professor de Português do estabelecimento e membro do Departamento de Folclore de Olímpia —

### Dia 23

#### 5) Artesanato Folclórico de Olímpia

Preletor: Prof. Paulino Rodrigues

- professor de Artes Industriais do estabelecimento e membro do Departamento de Folclore de Olímpia —

Olímpia, 16 de agosto de 1974

a) Dr. Altino Robazzi  
diretor

## Justa Homenagem



Durante o 10.º Festival do Folclore, mais precisamente, no dia 15 de agosto de 1974, num intervalo do recital da inimitável cantora Inesita Barroso, os professores do C.E.N.E. «Capitão Narciso Bertolino», prestaram ao professor José Sant'anna a mais significativa, a mais tocante e mais justa homenagem.

No palanque oficial, na presença de grande parte do corpo docente daquele estabelecimento de ensino, que muito concorre para o brilhantismo da Grande Festa de agosto, a professora Maria Cecília Cosentino Franco saudou-o com as seguintes palavras, cheias de sinceridade e sentimento:

«Senhores, senhoras

Jovens que me ouvem»

«Vocês acabaram de assistir às lindas demonstrações de danças e de ouvir a voz maravilhosa de Inesita Barroso, interpretando canções do mais legítimo folclore brasileiro.

Mas talvez nem todos tenham se lembrado do que torna possível apreciarmos esta festa, do que está por trás deste espetáculo.

- Há uma comissão que trabalha muito.
- Há jovens que colaboram com entusiasmo.
- Há pais que gastam e se sacrificam.
- Há entidades e grupos que apóiam.
- Há visitantes ilustres que nos honram.

Mas sobretudo, acima de tudo, há o entusiasmo, o amor entranhado do Prof. Sant'anna pelo folclore.

Nós, professores do «C.E.N.E. Capitão Narciso Bertolino», que convivemos com o professor Sant'anna todos os dias e conhecemos de perto sua dedicação e sua luta. Nós que sentimos e sofremos juntos as dificuldades quase insuperáveis do começo, dez anos atrás. Nós que sentimos e gozamos juntos a alegria de colocar a festa do folclore no calendário do Município, queremos cumprimentar especialmente o professor Sant'anna pelo décimo aniversário da Festa do Folclore.

Sant'anna:

Pelo seu entusiasmo, idealismo, dedicação.

Por seus méritos que todo o mundo conhece.

E por aquelas qualidades que só nós, companheiros de todos os dias, conhecemos.

Nosso abraço no dia de hoje.»

Após a saudação da estimada mestra, a professora Cármen Beatriz Pittigliani Rodrigues, em nome dos colegas, passou às mãos do homenageado uma linda placa de prata na qual lera as seguintes palavras gravadas:

10.º Festival de Folclore

O C.E.N.E. «Cap. Narciso Bertolino», pioneiro na realização do «Festival de Folclore» de Olímpia, através de seu corpo docente, homenageia o criador, incentivador e coordenador desta festa,

Prof. José Sant'anna

Olímpia, agosto de 1974.

O professor José Sant'anna visivelmente emocionado, não teve palavras, para agradecer a tamanha demonstração de amizade e reconhecimento.

R.M.N.

## Prefeitura Municipal de Olímpia

Conselho Municipal de Cultura

Museu de História e Folclore

Sexta Exposição de Presépios

(Arte e Artesanato do Natal)

De 19 a 24 de dezembro de 1974

Local: Salão - nobre do Sindicato Rural

Dia 19 (quinta-feira)

às 14 horas:

Inauguração da Sala de Presépios

Serão expostos:

- 1- Presépio de Pano (D. Maria Alves Cardoso) - Olímpia
- 2- Presépio de Palha de Milho (D. Francisca Porto Bôni) - Olímpia
- 3- Presépio de Barro (D. Antônia Gonçalves Vechiato) - Olímpia
- 4- Presépio de Madeira (Miguel Moriel) - Olímpia
- 5- Presépio de Madeira (José do Santos) - Olímpia
- 6- Presépio de Cera (Joaquim Garcia) - Olímpia
- 7- Presépio de Embira (D. Maria Garcia) - Olímpia
- 8- Presépio de Cabaça (Pio Osório de Menezes) - Olímpia
- 9- Presépio de Bucha (D. Narcisa Batista Miranda) - Olímpia
- 10- Presépio de Corda (D. Sebastiana Gonçalves Dias) - Rib. dos Santos
- 11- Presépio de Barro (José Francisco França) Trindade (GO)
- 12- Presépio de Barro (D. Edite, D. Cândida e D. Luísa Alves dos Santos) - Taubaté (SP)
- 13- Presépio de Barro (D. Eugênia da Silva) - São José dos Campos (SP)
- 14- Presépio de Barro (D. Ana Vieira Ruivo) - Cambuci (SP)

às 20 horas:

I- Corporação Musical «Cidade de Olímpia» - execução de músicas folclóricas brasileiras principalmente as que se referem ao ciclo natalino.

II- Grupo Parafolclórico «Cidade Menina-Moça» do Colégio e Escola Normal Estadual «Capitão Narciso Bertolino» de Olímpia

apresentação de danças folclóricas brasileiras.

Dia 20 (sexta-feira)

às 14 horas:-

Concurso Estudantil «História do Presépio»

Local: Salão - nobre do Colégio e Escola Normal Estadual «Capitão Narciso Bertolino» - Olímpia

às 20 horas:-

Coral da Igreja Metodista de Olímpia -  
apresentação de canções folclóricas natalinas

às 21 horas:-

Exposição Estudantil

Álbuns de Fotografias do «Folguedos Populares Natalinos» - alunos do Colégio e Escola Normal Estadual «Capitão Narciso Bertolino».

Dia 21 (sábado)

às 15 horas:-

Concurso Estudantil «Lendas que envolvem o Natal»

Local para recebimento das pesquisas:

Salão - nobre do Colégio e Escola Normal Estadual «Capitão Narciso Bertolino» - Olímpia.

às 20 horas:-

I- Inauguração da Exposição Filatélica de Selos Alusivos ao Natal.

II- Grupo das Pastorinhas - Vila São José - Olímpia.

III- Folia do Divino Espírito Santo - Vila São José - Olímpia

IV- Congada - Terno Verde - Jardim Santa Ifigênia - Olímpia

V- Reisado - Carapicuíba (SP)

VI- Serenata - Grupo «Reumáticos do Luar», interpretando o Cancioneiro Folclórico do Natal.

Dia 22 (domingo)

às 17 horas:-

Exposição de Plantas do Ciclo de Natal

Local: Saguão do Sindicato Rural - Olímpia

às 20 horas:-

Orfeão do Colégio e Escola Normal Estadual «Capitão Narciso Bertolino» - Olímpia

Temário: Canções do Ciclo do Natal

Dia 23 (segunda-feira)

às 20 horas:-

I- Exposição de Bandeiras e Máscaras das Folias de Reis

II- Terço Popular: Nascimento de Jesus (com participação de Violeiros)

III- Tiradeira: D. Sebastiana Miranda Batista.

Dia 24 (terça-feira)

às 20 horas:-

Violeiros: Toninho e Luisinho - Vila São José - Olímpia. Execução de toadas de Folias de Reis (viola e violão)

às 22 horas:-

Passagem das Folias de Reis

(do Município de Olímpia)

- Grito para a peregrinação até o dia 6 de janeiro -

a) Companhia Coutinho - Baguaçu

b) Companhia Miranda - Bairro São José

c) Companhia Ribeiro - Vila Cisoto

d) Companhia Paula - Vila Cisoto

e) Companhia Batista - Bairro São José

f) Companhia Macedo - Fazenda Cachoeirinha

g) Companhia Fernandes - Jardim Paulista

h) Companhia Ferreira - Jardim Santa Ifigênia

i) Companhia Santos - Vila Santa Teresinha

j) Companhia Alves - Fazenda Santa Rosa

k) Companhia Reis - Córrego do Capim

l) Companhia Souza - Vila Raia

m) Companhia Batista - Ribeiro dos Santos

n) Companhia Santos - Bairro São José

o) Companhia Tomás - Baguaçu

p) Companhia Nicanor - Baguaçu

q) Companhia Menezes - Ribeiro dos Santos

r) Companhia Gomes - Bairro Tamanduá

s) Companhia Rocha - Vila Rodrigues

t) Companhia José Pedro - Guaraci

u) Companhia Misael - Guaraci

v) Companhia Delamodarme - Bairro São Benedito

w) Companhia Gonçalves - Fazenda Cachoeira

x) Companhia Rosa - Vila Miessa

Cozinha Popular de Olímpia

Para a venda ao público, a quituteira olimpiense, D. Natalina de Carvalho, preparará quitutes (doces e salgados) tradicionais da cozinha popular do Natal: rabanadas, roscoas, pão-de-queijo, biscoito de polvilho, broa de fubá, broinha de amendoim, doce de leite, doce de cidra, doce de queijo, etc.

Nota: Será distribuído, gratuitamente, folheto contendo sugestões para o cardápio de Natal: ceia e almoço. Ao gosto bem brasileiro, incorporando muitas das tradições do país com pratos gostosos como leitosa com farofa, tutu de feijão, peru assado, frango cheio, lombo de porco assado, arroz com milho, macarronada com batatinhas, etc.

### Decreto de 8 de maio de 1970

Dispõe sobre inclusão de evento no Calendário Turístico do Estado.

Roberto Costa de Abreu Sodré, Governador do Estado de São Paulo, usando das atribuições legais e,

Considerando que a cidade de Olímpia realiza anualmente, no mês de agosto, a sua FESTA DO FOLCLORE;

Considerando que o evento se constitui em interessantíssimo festival folclórico em que são apresentados grupos de Congadas, Cateretês, Folias de Reis, Dança de São Gonçalo, Cavalhada, todos constituindo atrações magníficas para o grande público.

Considerando que o folclore é um reduto da cultura espontânea do povo e que constitui objeto de temas literários e artísticos;

Considerando que as festividades de cunho folclórico contribuem para o aprimoramento dos sentimentos de nacionalidade;

Considerando, finalmente, que o incentivo aos movimentos que visam promover a divulgação do nosso folclore importa, também, no acatamento a uma mensagem de Sua Santidade, o Papa, recomendando «a preservação dos usos e costumes de tradição de todas as terras do mundo»,

Decreta:

Artigo 1.º - Fica oficializada para fins de sua inclusão no Calendário Turístico do Estado a «FESTA DO FOLCLORE» que se realiza anualmente no Município de Olímpia, no mês de agosto.

Artigo 2.º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, aos 8 de maio de 1970.

Roberto Costa de Abreu Sodré

Orlando Gabriel Zancaner, Secretário de Cultura, Esportes e Turismo.

Publicado na Casa Civil, aos 8 de maio de 1970.  
Maria Angélica Galiazzi, responsável pelo SNA.

Cópia fiel do D.O. publicado em 9 de maio de 1970, página 4, 2.ª coluna.

## Nossa Capa

A mais antiga referência à expressão «congada» remonta ao ano de 1760, na Bahia, por ocasião das bodas da rainha de Portugal, D. Maria I.

Folguedo de formação afro-brasileira, existe no Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, em Goiás, São Paulo e outras unidades federativas do Brasil.

A congada tem, pois, âmbito nacional e em nosso Estado pode ser encontrada em Olímpia, bem como «em Aparecida, Atibaia, Caraguatuba, Franca, Ilhabela, Itapetininga, Itapira, Joanópolis, Lindóia, Moji das Cruzes, Nazaré Paulista, Piracaia, Salesópolis, Santa Isabel, Santo Antônio da Alegria, São Sebastião (bairro de São Francisco) e Socorro» (Folclore de São Paulo, agosto, 1969).

A nossa copa apresenta o grupo de congada de Santo Antônio da Alegria, cujo «capitão» é o Senhor João Domingos.

## 11.º Festival do Folclore - Olímpia



de 10 a 17 de agosto de 1975

# Séries de selos lançados em 1974

## 1) Lendas Populares (cinco selos)

0,40 Brasil 74



FACI PERERÉ  
NEWTON CAVALCANTI  
CASA DA MOEDA DO BRASIL

Brasil 74 0,80



ZUMBI  
NEWTON CAVALCANTI  
CASA DA MOEDA DO BRASIL

Brasil 74 1,00



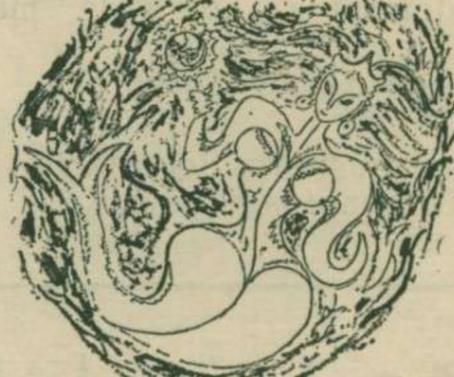
CHICO REI  
NEWTON CAVALCANTI  
CASA DA MOEDA DO BRASIL

Brasil 74 1,30



NEGRINHO DO PASTOREIO  
NEWTON CAVALCANTI  
CASA DA MOEDA DO BRASIL

Brasil 74 2,50



IARA  
NEWTON CAVALCANTI  
CASA DA MOEDA DO BRASIL

## 2) Cultura Popular (quatro selos)



REDE DE DORMIR  
CORREIO Brasil 74 0,50  
E GATO CASA DA MOEDA DO BRASIL



MENDA DE BILK  
CORREIO Brasil 74 0,50  
E GATO CASA DA MOEDA DO BRASIL



LITERATURA DE CABELE  
CORREIO Brasil 74 0,50  
E GATO CASA DA MOEDA DO BRASIL

Ver o artigo: «O Folclore em Selos Postais», de Eden Eduardo Pereira, neste número



CERÂMICA DE VITALINO  
CORREIO Brasil 74 0,50  
E GATO CASA DA MOEDA DO BRASIL

## **Anuário de Folclore**

(Ano V - n.os 5/6 - agosto de 1975)

Expediente: Rua Bernardino de Campos, 900 - OLÍMPIA - (SP)

Publicação oficial:

- Departamento de Folclore
- Comissão Municipal de Folclore
- Museu de História e Folclore

Diretor: Prof. José Sant'anna

Redator - chefe: Prof. Rothschild Mathias Netto

(Composto e impresso na Gráfica «Novo Mundo»)

Olímpia (SP)

## **Prefeitura Municipal de Olímpia**

Conselho Municipal de Cultura

Presidente

Dr. Alfonso Lopes Ferraz

### **Comissão Municipal de Folclore**

Coordenador

Prof. José Sant'anna

Membros

Sidiney Furlan (presidente)

Carlos Roberto Rayel Constantino

Egydio Caputo

João Gianotto

José Junqueira

José Leal

Sílvio Roberto Mathias Netto

### **Departamento de Folclore**

Diretor

Prof. José Sant'anna

### **Museu de História e Folclore**

Diretor

Prof. Victório Sgorlon

Chefe da Secção de História

Prof. Rothschild Mathias Netto

Chefe da Secção de Folclore

Prof. José Sant'anna

# ASPECTOS DO FOLCLORE BRASILEIRO

---



---

---

## CONGADA

**São Sebastião do Paraíso**

**Estado de Minas Gerais**

---

---

---

---

## MOÇAMBIQUE

**Ibiraci**

**Estado de Minas Gerais**

---

---



---

---

## CONGADO

**Santo Tomás de Aquino**

**Estado de Minas Gerais**

---

---



Alguns GRUPOS FOLCLÓRICOS que se apresentaram durante o

10.º Festival do Folclore de Olímpia — 1974

## AGRADECIMENTO

A direção deste Anuário agradece, à Organização Philips do Brasil, à Companhia União de Refinadores bem como à Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, a valiosa cooperação para o bom êxito do 8.º Festival de Folclore de Olímpia.

Manifesta também o mais profundo reconhecimento aos doutores: Paulo Teixeira de Camargo, José Cretela Júnior, Avelino Novaes Teixeira e bem assim à Vera Sales de Carvalho.

Registra, ainda, sincera gratidão a todos os que emprestaram a sua colaboração eficiente e simpática à realização da nossa grande festa e que deixam de ser, aqui, mencionados pelo receio de omissões imperdoáveis.



# SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

## Gabinete do Secretário

---

---



Seja esta mensagem, inicialmente, a manifestação da minha profunda simpatia e admiração por Olímpia e sua gente.

Desde os seus primeiros e tumultuosos dias, Olímpia - de Dona Olímpia, filha de Antônio Olímpio - surgiu, pioneiramente, a exemplo de algumas cidades do oeste norte-americano, como núcleo fadado ao desempenho de missão paulista, enérgica e civilizadora.

E ao encantamento de mãos semeadoras, de mãos afanosas e criativas, foi se erguendo, à margem da antiga «São Paulo-Goiás», a cidade de Olímpia. Esta, hoje, é um espetáculo de força e progresso a olhos que a desvendem até os longes, fora mesmo das suas arrojadas balizas cidadinas.

Quanto ao 8.º Festival de Folclore, a realizar-se de 14 a 20 de agosto, formulo votos de inteiro êxito, como sempre tem sucedido em anos anteriores. Com essas festas folclóricas, cumpre Olímpia um dos aspectos do seu grande destino: o da preservação e incentivo da cultura tradicional e popular. Pois que é em nosso folclore, infra-estrutura da história, que encontramos, presentes e autênticos, todos os elementos que atuaram na fundação da Pátria Brasileira.

a) ESTHER DE FIGUEIREDO FERRAZ

Secretário de Estado dos  
Negócios da Educação